BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

COMMONWEALTH MYCOLOGICAL INSTITUTE
14 OCT 1957

ANO XXXII • MAIO DE 1957 • N.º 363

CAFÉ
COLHEITA
SECCAGEM
EXPORTAÇÃO

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXXII | MAIO DE 1957 | Número 363

Sumário

COLABORAÇÃO:

Recorde nas importações européias de café — J. Testa
O emprêgo da cobertura morta em cafeeiros — John B. Griffing
Os conhecimentos empíricos e a ciência agronômica — Raul Nina Guterres Soares

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Visão panorâmica da agricultura brasileira — Edgard Teixeira Leite
A situação do café do Brasil no mercado italiano
Exportação brasileira de café
Resolução n.º 76, de 9 de abril de 1957 — do IBC
Estimativas norte-americanas sôbre a safra 1956/57
Instituto Brasileiro do Café — Edital — Registro das torrefações e moagens de café no Estado de S. Paulo
Redução do impôsto de exportação do café, no México
Exportação de café em 1956: um bilhão de dólares
Importações norte-americanas de café verde em nível recorde
Taxação do café na Alemanha Ocidental
Extinto um impôsto sôbre o café no Canadá
Regulamento de embarques para a safra de 1957/58 — IBC
Fôlhas e pegamento dos frutos
Cafés inferiores
Ensaios sôbre germinação
Assume aspectos graves o problema da mão de obra na cafeicultura de Angola
Proibida a exportação de café abaixo do tipo 8
Posição estatística do café, em 31 de março de 1957
Pregaro de viveiros para mudas de café
Em atividade a Junta Administrativa do I B C
Ameaças que pesariam sôbre o café Latino-Americano
Nomeado o representante da Praça de Santos
Decorre das más condições climatéricas a sêca dos ponteiros do cafeeiro
Experiências iniciais quanto a novos processos usados na cultura de café
A reforma agrária que se impõe
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano de Café de Nova York — abril — n.ºs 1 030 a 1 033)
Produção brasileira de café

ESTATÍSTICA:

Quadros diversos sôbre o movimento cafeeiro.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Bauru
Bebedouro
Botucatú
Birigui
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA:

Se a realeza cafeeira deve ser contada por número de arbustos, ou por volume de produção, em sacas ou toneladas, então ela não mais pertence a Ribeirão Prêto, como no passado.

Mas, se, como realeza é possível entender a finura do produto, no seu paladar e no seu aroma, ou as tradições cafeeiras, na sua heráldica e nobreza, então se poderá afirmar que a Capital da Terra Roxa continua sendo a rainha do café.

No clichê da capa, um aspecto do fidalgo *Museu do Café*, instalado no subúrbio de Ribeirão Prêto, na antiga séde da Fazenda Schmidt, do Coronel Francisco Schmidt, que foi, em seu tempo, o Rei do Café no Brasil.

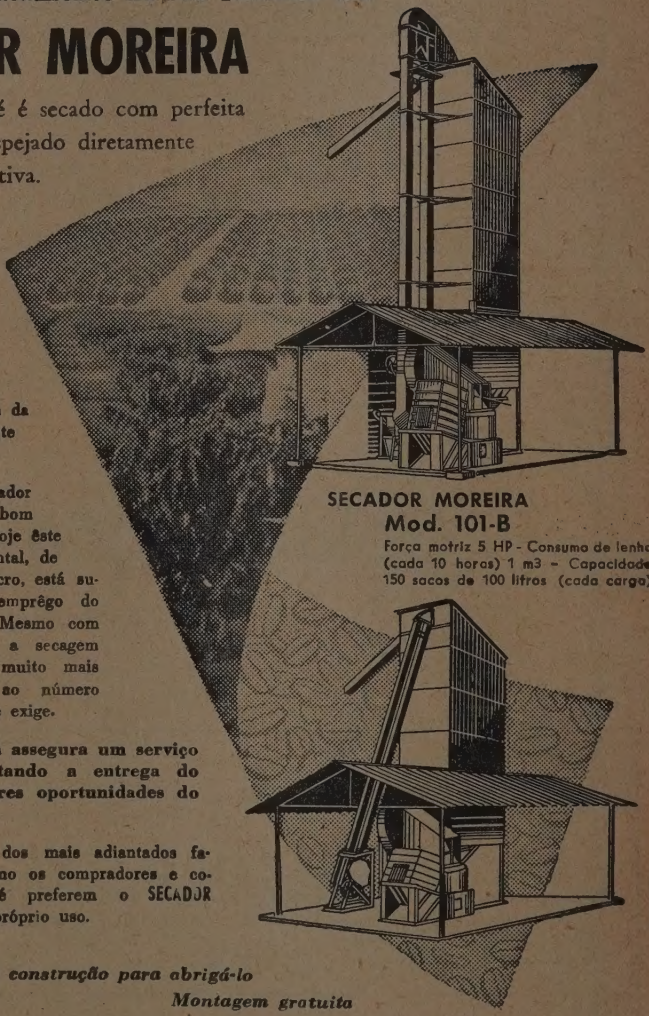
PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

PARA OBTER *cafés finos*

Instale imediatamente na sua fazenda um

SECADOR MOREIRA

no qual, o café é secado com perfeita igualação e despejado diretamente na tulha definitiva.



- Serviço fácil, rápido, eficiente e MAIS ECONÔMICO, empregando apenas um operário.

- As larvas e ovos da broca são totalmente destruidos.

No passado o lavrador esteve sujeito ao "bom ou mau tempo"; hoje êste problema fundamental, de que depende o lucro, está superado com o emprêgo do SECADOR MOREIRA. Mesmo com o "bom tempo", a secagem no terreiro, fica muito mais onerosa, devido ao número de empregados que exige.

- **SECADOR MOREIRA assegura um serviço rápido, possibilitando a entrega do café, nas melhores oportunidades do mercado.**

Siga o exemplo dos mais adiantados fazendeiros que, como os compradores e comissários de café preferem o SECADOR MOREIRA para seu próprio uso.

SECADOR MOREIRA
Mod. 101-B
Força motriz 5 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1 m3 - Capacidade 150 sacos de 100 litros (cada carga)

SECADOR MOREIRINHA
Mod. 102-B
Força motriz 3 HP - Consumo de lenha (cada 10 horas) 1/2 m3 - Capacidade 75 sacos de 100 litros (cada carga)

Proection

Dispensa construção para abrigá-lo

Entrega imediata ***Montagem gratuita***

Máquinas Moreira S.A.

R. da Moóca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) Caixa Postal 2100
End. Telegr. "SECADORES" - S. Paulo

Recorde nas importações européias de café

J. TESTA

Comentando, há cêrca de um ano, a retomada pela Europa de seu lugar nas importações cafèeiras, acentuávamos que, atingindo a 11.424.963 sacas em 1955, haviam os mercados europeus revelado acentuado progresso em relação aos anos anteriores e estavam a pique de atingir e ultrapassar o seu máximo consumo até essa data. Ficavam, então, a apenas cêrca de 1 milhão de sacas do recorde anterior, que era o do ano de 1931, com 12.677.250 sacas. O ano de 1930 registrara 12.152.405 e o de 1938 12.492.801 sacas. Os outros anos ficavam abaixo de 12 milhões ou mesmo de 11 milhões.

Pois bem: as últimas e autorizadas cifras procedentes da Europa, presentemente divulgadas, revelam uma importação, de tôdas as procedências, de 12.712.160 sacas, ou seja o recorde absoluto de todos os tempos, muito embora com um excedente de apenas 34.910 sacas em relação a 1931.

Está, pois, retomada, e em nível mais alto que o anterior, a espiral ascendente interrompida em 1939, há 18 anos portanto. Reduzidas a menos de 1 milhão por ano, as importações européias de café sòmente começaram a se tornar dignas de nota em 1946, em que acusaram um montante de 3.766.237 sacas.

A recuperação econômica do velho mundo prossegue, embora num ritmo menos acentuado que o dos últimos anos, o que é compreensível. Mas, podemos contar ainda com êsse fator. Os outros, também dignos de exame, são: as taxas, impostos contingenciamentos impostos ao café em certos países europeus; a falta de melhor propaganda; e a apresentação de melhores cafés (ponto êste em marcha de solução, com as recentes medidas tomadas pelas altas autoridades cafèeiras do país). Se pudermos contar com todos êsses quatro fatôres, não há dúvida de que prosseguirá, em ritmo ascensional, a aquisição de cafés pelos mercados europeus.

* * *

Apreciemos, entretanto, alguns detalhes das cifras acima enunciadas. A primeira verificação interessante a fazer-se é a de que não se deve ùnicamente à melhoria das condições econômicas do velho mundo essa majoração nas importações cafèeiras, como se seria levado a supor. Países cujas condições econômicas são boas, como a França, a Holanda, a Bélgica, a Dinamarca, não alcançaram ainda suas cifras de importação de 1931. Mesmo a Alemanha, talvez o país mais próspero da Europa, na atualidade, observa ainda uma redução de 351.466 sacas em relação a 1931, muito embora se deva acentuar que cêrca de 28% de sua população se encontram dentro da "cortina de ferro", cujos países, em conjunto, inclusive a imensa Rússia, apenas importaram pouco mais do que o pequeno Portugal ou a pequenina Áustria, e cêrca de metade da Suiça ou da Dinamarca...

A França se encontra ainda 199.577 sacas abaixo do ano de 1931. A Bélgica está pràticamente igual, pois diminuiu apenas em 2.902 sacas. A Áustria se encontra em 41.837 sacas abaixo de 1931, a Holanda em 92.476, a Dinamarca em 14.436. Os países da cortina de ferro que, em 1931 já não comprovam grande cousa (Rússia, em 1931, 19.633), reduziram ainda mais suas importações, passando, no total, de 463.318 para 204.001 (Tchecoslováquia, Polônia, Hungria e Rússia), com uma queda, pois, de 259.317 sacas. Os demais países não enumerados em particular, e agrupados sob a rubrica "Outros países", passaram de 744.122 sacas em 1931 para 473.716 em 1956, com uma redução, pois, de 270.406 sacas.

* * *

Se, em todos êsses houve redução, que atinge complexivamente a 1.232.407 sacas, donde provieram as importações capazes de compensar essas cifras e mesmo de sobrepujá-las, apresentando o ligeiro superavit de 34.910 sacas, em 1956, sôbre 1931? — Apenas dos seguintes: Itália, mais 531.097 sacas sôbre 1931; Finlândia, mais 310.535; Suiça, mais 116.107; Inglaterra, mais 113.732; Suécia, mais 89.736; Noruega, mais 64.243 e Portugal, mais 49.602. O aumento em porcentagem, dêsses países, em relação a 1931, foi altamente expressivo, pois verifica-se que a Finlândia chegou a aumentar 132,92%; a Itália 72,7%; Portugal (totalmente de suas colônias africanas) 56,05% a Suiça 44,98%; a Noruega 21,09%; a Gran Bretanha 17,89% e a Suécia 10,24%. Donde se verifica que, se pudéssemos ter contado com um aumento dessa ordem, pelo menos nos demais países ocidentais, bem outra seria a posição do café no subcontinente europeu.

* * *

Há ainda um ponto a examinar. Constatado que a retomada das importações européias de café já atingiu e mesmo sobrepujou ligeiramente o ano recorde de 1931, qual foi a posição dos cafés brasileiros, em particular, nessa recuperação? Examinando-se as cifras, somos obrigados a concluir, desoladamente, que os nossos fornecimentos não se elevaram na mesma proporção dos outros fornecedores, principalmente os da África. Ao contrário, perdemos terreno, pois entregamos ao consumo europeu, em 1931, 7.172.799 sacas, contra apenas 5.028.876 sacas em 1956.

É evidente que as cifras referentes à *importação* nem sempre são coincidentes com as de *exportação*, por motivos óbvios e conhecidos. Exportações acima de 6.000.000 de sacas realizámos por muitas vezes, para a Europa, e algumas acima de 7.000.000. Em 1915 (ano anormal devido ao início da 1.ª Guerra Mundial) chegamos a exportar para aquêle destino 9.046.166 sacas.

Temos, pois, em síntese: a) a Europa, em conjunto, continua melhorando sua posição em matéria de importações cafeeiras, uns países mais que outros, e alguns ainda abaixo do ano máximo anterior, porém, em seu todo, o velho mundo continua se recuperando; b) seu mercado potencial continua sempre interessante, pois é ainda muito baixo o consumo per capita dos países

europeus; c) se isso se pode dizer de modo geral, muito especialmente se pode afirmá-lo com relação a alguns países de consumo ainda mais reduzido; d) urge atacar o mercado cafeeiro europeu com a tríplice arma do trabalho diplomático, da propaganda comercial e da qualidade do produto. Cabe notar que o preço, para a dona de casa européia, é também um fator de interêsse. Mas, pelo que se sabe o que principalmente encarece o café para os europeus não é o preço por que o vendemos, mas, principalmente, as taxas e impostos que sôbre êle incidem. Um trabalho diplomático que conseguisse reduzí-los, aliado a um bom produto, oferecido a preços estáveis, propaganda adequada à mentalidade européia e feita em bases comerciais, eis a fórmula para a solução do problema do aumento do consumo no velho mundo, amplo mercado capaz de nos ajudar grandemente a resolver o problema de uma possível superprodução.

Importações de Café pela Europa em 1931 e 1956

(de tôdas as procedências)

PAÍS	1931	1956	Dif. para + ou — em sacas	em %
França	3.232.928	3.033.351	— 199.577	6.17
Alemanha(*)	2.602.000	2.250.534	— 351.466	13.51
Itália	730.475	1.261.572	+ 531.097	72.71
Bélgica	1.017.222	1.014.320	— 2.902	0.29
Suécia	876.553	966.289	+ 89.736	10.24
Grã-Bretanha	635.759	749.491	+ 113.732	17.89
Holanda	781.499	689.023	— 92.476	11.83
Finlândia	233.618	544.153	+ 310.535	132.92
Dinamarca	537.186	522.750	— 14.436	2.69
Suiça	258.103	374.210	+ 116.107	44.98
Noruega	304.660	368.903	+ 64.243	21.09
Áustria	163.584	121.747	— 41.837	25.58
Portugal	88.498	138.100	+ 49.602	56.05
Europa Oriental	463.318	204.001	— 259.317	55.97
Diversos	751.847	473.716	— 278.131	36.99
	12.677.250	12.712.160	+ 34.910	0.28

(*) Em 1931 foi considerada toda a Alemanha; em 1956 sòmente a Alemanha Ocidental

Pesquisas do IBEC research institute

N.º 1

O emprêgo da cobertura morta em cafeeiros

John B. *Griffing*

INTRODUÇÃO

I IBEC Research Institute (IRI) é uma entidade de finalidades não lucrativas fundada pelos irmãos Rockefeller e que se dedica a pesquisas em cooperação com o Instituto Agronômico de Campinas, a Fazenda Cambuhy e a Fazenda Ubatuba.

Ao invés de pretender realizar em duplicata o trabalho em que, num sem número de setores, se estão empenhando várias outras entidades, propõe-se o IRI complementar as pesquisas dessas entidades, dedicando-se a campos inexplorados ou semi-inexplorados. Foi com êste objetivo que os técnicos do IRI decidiram dedicar-se a pesquisas sôbre a nutrição do cafeeiro, os efeitos do beneficiamento do café sôbre a qualidade da bebida e o emprêgo de ervicidas no contrôle de ervas daninhas, não só em cafèzais, mas principalmente em pastagens.

Dada sua própria natureza, tais pesquisas são de longo prazo. Mas, agora, após cinco anos de trabalho, já dispõe o IRI de resultados cuja aplicação prática é promissora. Êste trabalho tratará do emprêgo da cobertura morta ("mulch") em cafèzais.

O que é a cobertura morta (ou "mulch")?

O emprêgo da cobertura morta consiste em cobrir-se o solo com capim sêco, palha ou qualquer espécie de resíduo orgânico. Esta prática não constitui, de maneira alguma, novidade. É tão velha quanto a própria horticultura, e bastante conhecida no Brasil, onde é aplicada no cultivo de hortaliças e flôres, bem como em pomares e em cafeeiros. No cultivo de videiras é comum

---

N. da R. — O autor, sócio-correspondente da Sociedade Rural Brasileira, condecorado pelo govêrno do Brasil com a Ordem do Cruzeiro do Sul, ex-diretor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (atual Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural em Minas Gerais, Viçosa), ex-diretor, no Brasil, da American International Association (AIA), estuda os resultados obtidos pelos pesquisadores do IBEC Research Institute (IRI). O IRI é uma entidade sem finalidades lucrativas, fundada pelo sr. Nelson A. Rockefeller e seus irmãos, com o objetivo de cooperar no desenvolvimento agrícola dos países das áreas tropicais e subtropicais. No Brasil, as pesquisas do IRI visam principalmente ao aumento da produção e melhoria da qualidade do café, bem como ao melhoramento das pastagens.

no Brasil, cortar capim na colina para com êle forrar o solo dos vinhedos situados na baixada. Há muitos anos que a cobertura morta vem sendo empregada com êxito em cafeeiros, tanto por estações experimentais como por agricultores progressistas. Ao empregar a cobertura morta, o IRI não pretendeu introduzir uma nova prática, mas antes observar cuidadosamente seus efeitos, as reações que provoca nas plantas, aquilatar o valor de seu emprêgo, e descobrir as técnicas de aplicação mais adequadas.

Nutrição do Cafeeiro

Mais que quantidade apropriada de nutrientes e umidade de solo para veiculá-los requer, a boa nutrição, aeração do solo e condições físicas que permitam a expansão e o desenvolvimento das radicelas. No Brasil as chuvas são escassas e irregulares demais para propiciar à planta uma nutrição que possa ser considerada ótima. Neste sentido, o Brasil leva desvantagem em relação à maioria dos países produtores de café.

Às vêzes a gente esquece que um cafeeiro é um ser vivo. Entretanto, não nos é difícil ter dó de uma vaca quando o pasto seca, quando está coberta de carrapatos ou quando, aproximar-se o fim da época da sêca, está reduzida a pele e ossos. Mesmo que se trate de um animal de raça, não esperamos obter muito leite de uma vaca nestas condições.

Quando, em viagens aéreas ou terrestres, passamos por cafèzais, observamos frequentemente cafeeiros completamente desnudados. Estão em estado de inanição, como a pobre vaca, e com o passar dos anos tornar-se-ão ainda mais desnudados e improdutivos.

A fim de resolverem o problema da produção cafeeira, os técnicos do IRI, que se dedicam ao estudo da fisiologia da planta, tomaram como ponto de partida a nutrição eficaz do cafeeiro. Estudaram o comportamento do cafeeiro sob diversos tratamentos. Procurando determinar quais as condições mais propícias para o seu desenvolvimento, os técnicos, ao invés de se limitarem à análise do solo "consultam" a própria planta, através da análise das fôlhas, feita periòdicamente. Tal análise acusa, com precisão, se a planta está ou não recebendo os nutrientes de que necessita.

Os experimentos realizados até esta data são muito animadores e indicam grandes possibilidades de melhoramento, tanto na qualidade como na quantidade de café produzido.

Os efeitos da cobertura morta sôbre o solo

Quando se espalha a cobertura morta de capim sêco — por exemplo das variedades Colonião ou Jaraguá — sôbre tôda a superfície do solo de um cafèzal novo, na proporção de 20 toneladas por hectare, tal como foi feito em experimentos do IRI, o solo sofre certas alterações:

1) A cobertura morta protege o solo contra o impacto das chuvas. A queda violenta dos pingos de chuva sôbre o solo torna-o compacto e impermeável. Desta maneira, o escoamento da água da chuva aumenta grandemente, resultando em desperdício de grande parte desta água e na erosão da camada

superior do solo, com prejuízo da fertilidade. Quando se aplica a cobertura morta, o solo tende a permanecer poroso. O solo e a cobertura morta detêm a água da chuva, desta forma aumentando a disponibilidade de umidade, ao mesmo tempo evitando a erosão.

2) A cobertura morta refreia a evaporação da superfície do solo. Assim, evita os prejuízos provindos da sêca, seja durante os veranicos que às vêzes ocorrem nos períodos de chuva, seja durante a longa época das sêcas.

Em canteiros experimentais, o solo, durante a época da sêca, tratado com a cobertura morta, frequentemente acusou até 50% a mais de umidade que os solos não tratados. A diferença no teor de umidade foi grande, principalmente nas camadas superiores do solo. Isto é de especial importância para o cafeeiro, que é essencialmente uma planta de raízes superficiais e, por conseguinte, sofre com o ressecamento das camadas superficiais do solo.

Alguns agricultores protegem seus cafèzais contra a sêca por meio da irrigação. A cobertura morta, ao conservar a umidade, pode reduzir os custos de irrigação, chegando mesmo a torná-la desnecessária.

3) A cobertura morta tende a sufocar as ervas daninhas, que desviam tanto os nutrientes como a umidade do solo. Às vêzes as despesas da capina do cafèzal correspondem aproximadamente ao custo da aplicação da cobertura morta.

4) A cobertura morta tende a reduzir a temperatura do solo durante os dias quentes de verão. Nos primeiros 5 centímetros de profundidade, foram observadas diferenças de até 20% C entre a temperatura de solo tratado no limpo e do tratado com a cobertura; a 5 centímetros de profundidade, o solo "limpo" acusou temperaturas de até 51°C. Tais temperaturas são altamente prejudiciais ao funcionamento e desenvolvimento das radicelas.

5) À medida que a cobertura morta se decompõe, fornece matéria orgânica para o solo. Esta matéria orgânica é da maior importância para manter o solo poroso, bem como para propiciar a manutenção de tôdas as formas de vida, desde bactérias até minhocas.

Encontraram-se minhocas em canteiros experimentais tratados com cobertura, ao passo que nos canteiros "limpos" não se encontrou nenhuma.

Nos canteiros "limpos" a matéria orgânica da camada superior do solo ficou reduzida a 1,75%. Os canteiros tratados com cobertura durante três anos consecutivos apresentaram uma quantidade de matéria orgânica duas vêzes maior que os não tratados. Se se aplicar constantemente a cobertura ao solo, esta diferença aumenta de ano para ano. Ao passo que o solo "limpo" torna-se cada vez mais duro e estéril, a cobertura, ao fornecer matéria orgânica, propicia o desenvolvimento da micro-flora.

6) Devido a anos de ininterrupto cultivo, tem a acidez dos sqlos do Estado de São Paulo aumentado grandemente. Esta tendência, como sabemos, é indesejável. Nos canteiros experimentais a que se aplicou a cobertura por apenas três anos, a acidez ficou bastante reduzida. O pH do solo limpo, que é de 4,5, passou a 5,3 nos canteiros tratados com a cobertura.

Acredita-se que êste decréscimo na acidez do solo é devido principalmente à considerável quantidade de elementos básicos contida no capim da cobertura. Vinte toneladas de capim colonião sêco contém aproximadamente 645 quilos de elementos básicos. Em outras palavras: a ação da cobertura na correção da acidez do solo em papel semelhante à da calagem.

Uma vez que a cobertura favorece o desenvolvimento radicular principalmente nos primeiros 30 centímetros de profundidade do solo, pode o emprêgo combinado da cobertura com a calagem ser uma prática de bons resultados que propicia ao cafeeiro um máximo de melhoramento do PH do solo. Estão em andamento experimentos no sentido de determinar as possibilidades dessa combinação de práticas.

Quais os efeitos da cobertura morta sôbre o cafeeiro?

1) Quando, com a aplicação da cobertura morta se obtém umidade, nutrientes e condições gerais do solo propícias ao desenvolvimento do cafeeiro, o efeito mais importante fica, em verdade, escondido sob a superfície do solo. Se cavarmos o solo ao redor da planta, notaremos que o desenvolvimento das radicelas é prodigioso. O desenvolvimento radicular nos primeiros dez centímetros de solo de canteiros experimentais, tratados com cabertura é, em média, 3½ vêzes maior que os canteiros "limpos". Além da quantidade, há também uma grande diferença na qualidade de raízes. Na época da sêca, o solo tratado com "mulch" continha raízes de alimentação sadias, apresentando abundância de radicelas. Nos canteiros experimentais a que não se aplicou o "mulch" as raízes de alimentação eram ressecadas, com escassas radicelas, evidenciando pouca atividade.

2) A safra de cafeeiros tratados com cobertura é muito mais alta que a de cafeeiros plantados no "limpo". Experimentos realizados com cafeeiros novos tratados com cobertura durante um período de três anos acusaram uma produção superior em 72% aos cafeeiros que não receberam êste tratamento. Êste fato parece constituir uma resposta definitiva quanto à eficácia da aplicação de cobertura, mas não se pode chegar a conclusões finais pela mera análise de cifras. É preciso ver e examinar os canteiros para se poder predizer os resultados futuros.

3) Há, entre o aspecto dos cafeeiros tratados com cobertura e o dos plantados "no limpo", um grande contraste. Não há planta que exiba saúde melhor que a tratada com a cobertura. Qualquer cafeicultor experiente sabe, pelo aspecto, adiantar muito quanto ao futuro comportamento da planta. Não se pode, por conseguinte, contar a história dos efeitos da cobertura por tabelas, cifras ou gráficos. É preciso ver, com os próprios olhos, os canteiros experimentais, para constatar ao vivo os efeitos de uma boa e de má nutrição. Enquanto o leitor aguarda a oportunidade de tal visita, poderá testemunhar o que ficou dito na observação de canteiros experimentais, apresentamos, nas figuras 3 e 4, fotografias de canteiros tratados e não tratados com a cobertura: note-se que até numa simples fotografia podemos constatar a diferença no aspecto de cafeeiros tratados e não tratados.

Os cafeeiros novos tratados com cobertura apresentaram marcante viço e vigor. São maiores, em tamanho, que os cafeeiros não tratados, e revestidos

de folhagem densa, verde-escura. Os cafeeiros não tratados apresentaram a típica queda das fôlhas, características da estação sêca e de condições de subnutrição, indícios de morte dos galhos novos após a colheita. A morte dos galhos resulta nos anos maus que, à fôrça de se repetirem, acabaram sendo considerados como normais na cafeicultura,

Embora os canteiros tratados com cobertura apresentassem, em 1956, uma produção maior que nos anos anteriores, o crescimento vigoroso e a densidade da folhagem indicam, ao invés do tradicional "ano mau", uma safra ainda maior para 1957.

O exame visual dos canteiros indica que a safra tenderá a aumentar de ano para ano, ficando assim as oscilações de produção reduzidas a um mínimo, ao passo que tais oscilações tendem a agravar-se nos canteiros não tratados.

4) O cafeeiro tratado com cobertura está menos sujeito à ação de insetos e doenças que o não tratado. A queda das fôlhas e o aspecto desolador do cafeeiro têm uma de suas causas no ataque de uma variedade de doenças e insetos praguejadores. O cafeeiro, quando viçoso e bem nutrido, apresenta tal resistência a êsses ataques, que êstes comumente se tornam inócuos. A melhor, e às vêzes a única defesa contra tais ataques é proporcionar à planta boa alimentação e umidade. Mas cafeeiros que se encontram em "estado de inanição", de raízes sêcas, estão muito sujeitos ao ataque de insetos e doenças. A velha teoria de que, na época da sêca, quando se faz a arruação, o cafeeiro precisa "descansar", é tão inconsistente quanto dizer que uma vaca estará "descansando" quando, coberta de carrapatos, mal consegue sobreviver com o pasto sêco a que por vários mêses teve que se sujeitar. O grande problema consiste em manter o cafeeiro sempre bem nutrido.

Como aplicar a cobertura morta

A cobertura morta pode ser empregada como meio para se recuperar velhos cafèzais. Na maioria dos casos, porém, é econômicamente mais compensador dedicarmo-nos a culturas novas do que tentarmos recuperar as velhas. Mudas de produtividade alta e precoce, plantadas com espaçamento reduzido, em curvas de nível e adequadamente fertilizadas, acusarão logo os efeitos da cobertura morta, a um custo por pé muito mais baixo que tal tratamento aplicado a cafèzal mais velhos. O custo do emprêgo da cobertura para 1.666 pés por hectare, plantados no espaçamento de 3x2, não é mais alto que para os 625 pés por hectare comportados pelo espaçamento de 4x4 m.

Tal como faz o viticultor, o cafeicultor deveria reservar uma parte de sua terra — talvez maior que a destinada ao cafèzal — ao plantio de capim. Uma excelente espécie de capim para ser usado como cobertura morta, e que dá grande volume de material, é o colonião (*Panicum maximum*). Outro é o *jaraguá* (Hyparrhenia rufa). O *gordura* (*Melinis minutiflora*) é um capim muito usado, embora não apresente as qualidades dos outros dois citados. Em regiões onde cresce a samambaia, tem esta sido usada com êxito para a cobertura.

O principiante no emprêgo da cobertura morta poderá começar por aproveitar resíduos orgânicos que, está claro, devem sempre ser aproveitados. Deve-se aproveitar palha de café, de arroz, sabugos e palha de milho. Natural-

mente estêrco e compostos de currais, estábulos, chiqueiros e galinheiros, devem ser aproveitados ao máximo. Entretanto, com o alto custo da mão de obra de hoje em dia, a obtenção de composto, que precisa ser contìnuamente revirado, tornou-se anti-econômica. Muitos fazendeiros têm adotado a prática de espalhar o adubo em sua forma mais concentrada e em pequenas quantidades ao redor do cafeeiro, às vêzes misturando-o ligeiramente ao solo da superfície. O elevado custo da mão de obra tornou igualmente anti-econômica a cavação de valas. A palha de café, mais rica em nutrientes para a planta que qualquer outro resíduo, pode também ser aplicado ao redor do cafeeiro.

Quando a cobertura é aplicada a cafeeiros novos, pode ser espalhada em faixas ao lado das árvores, o invés de se cobrir tôda a área entre as fileiras. Desta forma, 6 a 7 toneladas de matéria sêca por hectare bastarão para o tratamento de árvores novas, em vez das 20 toneladas requeridas para se cobrir adequadamente tôda a superfície do solo. Daí por diante, de ano para ano, pode-se aplicar novas camadas de matéria orgânica sôbre as do ano anterior, ao mesmo tempo alargando a faixa, até que todo o espaço entre as fileiras venha a ser coberto.

Para o corte do capim para a cabertura pode-se usar uma segadeira-repicadora, que constitui um sistema altamente mecanizado de corte e aplicação. Um sistema mais prático para quem se inicia na prática da cobertura seria o uso de uma ceifadeira de tração animal. Uma vez cortado, deve-se esperar que o capim seque completamente, a fim de facilitar o transporte.

Atualmente, com o elevado custo das máquinas, principalmente as importadas, é frequente prescindir-se de algumas operações mecanizadas. Em muitos casos o capim tem sido cortado com a enxada, e às vêzes com a foice. Mais aconselhável que êstes instrumentos é o alfange, caso não haja arbustos por entre o capim e êste não esteja demasiado lenhoso.

A cobertura apresenta a vantagem de ser um produto da própria fazenda. Não há despesas com o material. A questão, pois, é reduzir os custos de mão-de-obra a um mínimo. Uma dessas despesas é, está claro, o transporte.

Tal despesa variará de acôrdo com 1) distância e 2) natureza das estradas ou carreadores. Na formação dé novas plantações, uma forma de reduzir o transporte é plantar o capim, ou deixar o capim já existente, em faixas de contôrno. Assim, uma faixa em contôrno de dez a doze fileiras de cafeeiros alternar-se-ia com faixas de capim de largura mais ou menos igual. Desta forma, a distância entre os cafeeiros e o capim fica tão reduzida que é possível puxar ou arrastar o capim para baixo dos cafeeiros; pode-se ainda arrastar o capim morro abaixo, aproveitando a fôrça da gravidade. Transportando-se estêrco animal em forma concentrada para o cafèzal, o custo do transporte ficará reduzido. Com o elevado custo da mão de obra, esta prática será mais econômica do que transportar o capim do morro para fazer o composto, e depois retransportar o capim, sob forma de composto, para o cafèzal.

Embora a aplicação de cobertura morta já constitua, por si só, um meio de evitar a erosão, a prática de alternar faixas de capim com fileiras de cafeeiros é uma forma de cultura em faixa, método padronizado de preservar a fertilidade em terras de moderado declive.

Que o cafeicultor não se preocupe com o fato de estar sacrificando boa terra cafeeira para a produção de capim. É muito mais compensador colher a mesma quantidade de café com a metade de cafeeiros, mas bem tratados, do que espalhar os cafeeiros por sôbre tôda a área, com os custos de cultivo e colheita grandemente aumentados.

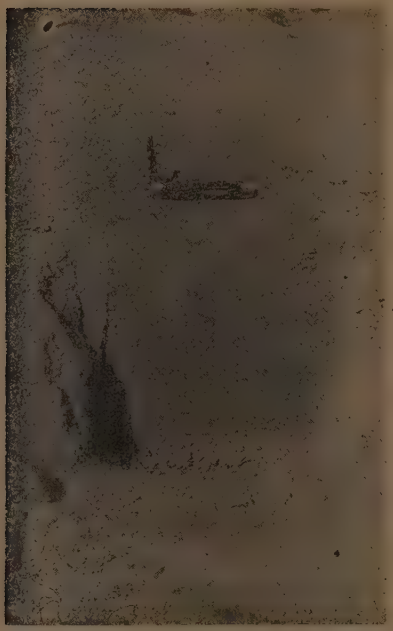


Fig. 1 — A foto acima mostra o perfil de um solo que não recebeu o tratamento da cobertura morta. O corte tem 20 centímetros de profundidade. Devido ao impacto direto das chuvas sôbre sua superfície, tornou-se êste solo duro, e esta dureza, aumentou em virtude da falta de matéria orgânica. É difícil para as águas da chuva penetrarem êste solo. A maior parte de água da chuva se escoará, levando consigo os elementos de fertilidade da camada superior. Carente de umidade, ar e nutrientes e com uma contextura resistente, êste solo não propiciará o bom desenvolvimento das raízes de alimentação. Aqui não há minhocas, e poucos micro-organismos. Êste solo desnudado se tornará, de ano para ano, cada vez mais estéril.

Fig. 2 — A foto acima mostra um solo que foi tratado com cobertura morta durante três anos. É um solo solto e poroso. As chuvas penetram-no fàcilmente. Com a decomposição da cobertura, êste solo enriqueceu-se de matéria orgânica, ao mesmo tempo que aumentou sua capacidade de obsorção e retenção de água. Nêste solo, devido à boa aeração e umidade, poderão as raízes de alimentação desenvolver-se ampla e ràpidamente. Tôdas as formas de vida orgânica, desde bactérias até minhocas prosperam nêle: é um solo vivo. É rico em nutrientes e torna-se cada vez mais fértil a medida que a cobertura se decompõe.

Problemas especiais da cobertura morta

Com a cobertura recém espalhada, sêca e sôlta, há, é claro, perigo de fogo Se se tomar várias precauções, todo o perigo, pràticamente, desaparece. Em primeiro lugar, é de máxima importância prevenir todos os trabalhadores no sentido de tomarem cuidado com os fósforos, principalmente quando acendem

Fig. 3 — Êste cafèeiro, que não recebeu o tratamento da cobertura morta, provém de muda seleccionada da variedade Mundo Novo. Foi fertilizado com adubos químicos e o solo ao seu redor foi mantido limpo de ervas daninhas. Depois do terceiro ano de colheita, como pode ser observado, o cafèeiro está cansado. Muitas fôlhas já cairam. Os ramos que produziram mais, secarão. Salta aos olhos de qualquer cafeicultor que o ano subsequente será, para êste cafeeiro, um "ano mau".

cigarros durante o trabalho. Por outro lado, se o material utilizado na cobertura fôr picado, estará mais junto do solo, oferecendo menor risco de fogo. Se o capim fôr cortado com uma sagadeira-repicadora estará automàticamente picado, não havendo problema quanto à mão-de-obra. No entanto, não seria econômico proceder êsta picagem depois de cortado o capim.

Um dos meios mais práticos de eliminar o risco do fogo é aplicar cobertura no comêço da estação das chuvas. As chuvas "assentarão" o material, provocando sua decomposição. Outra forma de prevenir o fogo é aplicar a cobertura em fileiras alternadas. Cada fileira sem cobertura transforma-se, assim, numa barreira contra o fogo, que não poderá expandir-se. As fileiras sem cobertura podem receber êste tratamento na estação seguinte, ou no ano seguinte.

Outro problema ligado à aplicação da cobertura é que o solo que recebeu a aplicação desta está ligeiramente mais sujeito à ação da geada que o solo "limpo". Embora a diferença não seja grande, é bom lembrarmo-nos dêste fato e não empregar a cobertura naquelas partes baixas da plantação, mais sujeitas à geada.

A colheita em cafeeiros tratados com cobertura morta

No caso de cafèzais tratados com cobertura os cafeeiros são geralmente preparados para a colheita por meio da arruação, como nas outras práticas. Entretanto, sempre que se remove a cabertura e se deixa o solo limpo, assim permanecendo por dois ou mais meses, o ressecamento excessivo da camada superior do solo resulta em prejuízo para o desenvolvimento e crescimento do cafeeiro. Do ponto de vista da nutrição o "bem-estar" da planta, o mais aconselhável é não tocar a cobertura, deixá-la por todo o ano. Isto pode ser feito com a colheita do café em cereja, em cestos, ou através de um pano colocado abaixo da árvore, ou ainda por meio de uma combinação dêstes dois métodos.

Cobertura morta è Cafés finos

É opinião da maioria dos cafeicultores progressistas que o futuro do Brasil está nos cafés finos. A produção de cafés finos depende de maneira quase absoluta da colheita do café em cereja e de seu beneficiamento via úmida. Sòmente safras altas tornam econômicas tais práticas. A cobertura é econômica sòmente com cafèzais de alto rendimento tanto por pé como por hectare. Por outro lado, a cobertura é um meio de elevar o rendimento. Desta forma, são vários os fatôres que podem ser relacionados à produção econômica de cafés finos. Alguns elos dessa corrente de fatôres são: 1) cafeeiros de mudas de boas linhagens, que são de produção precoce e abundante; 2) plantio em contôrno de acôrdo com as melhores técnicas de conservação do solo; 3) plantio com espaçamento reduzido, tal como o de 3 x 2 m; 4) emprêgo de fertilizantes químicos adequados, bem como de adubo animal; 5) emprêgo abundante da cobertura; 6) colheita em cereja; e 7) beneficiamento via úmida.

Conclusões

Há muitos anos que a cobertura vem sendo aplicada, com êxito, como sistema de tratamento de cafeeiros, por um número cada vez maior de cafeicultores. Está claro que a cobertura não é, de forma alguma, a única prática para elevar a produção dos cafèzais. Além do que, não há dúvida de que o

Fig. 4 — O cafeeiro da foto acima foi tratado com cobertura morta, à razão de 20 toneladas de capim sêco por hectares. Pertence ao mesmo lote de mudas com que foi formado o cafèzal cuja exemplar aparece na fig. 3 e foi fertilizado com a mesma quantidade de adubos químicas. Além de a safra dêsse cafeeiro ser muito mais alta que o da planta da fig. 3, o abundante e vigoroso crescimento das fô has deixa prever uma safra ainda mais alta no ano seguinte. Êste cafeeiro, forte e bem nutrido, não terá um "ano mau".

êxito de sua aplicação será maior em certos solos do que em outros. O IRI, ao estudar os efeitos fisiológicos da cobertura sôbre o cafeeiro, constatou a extraordinária capacidade da cobertura morta em dotar o solo de condições para uma ótima nutrição, desenvolvendo a safra. O emprêgo da cobertura constitui não sòmente uma vantagem quanto ao rendimento mas representa ainda um fator importante na produção de cafés finos, isto é, torna possível tal produção, com tôdas as suas vantagens.

Os conhecimentos empíricos e a ciência agronômica

RAUL NINA GUTERRES SOARES
Eng. Agrônomo

Para MARSHALL "a agronomia é a mais difícil de tôdas as ciências, a mais bela de tôdas as artes, o mais nobre de todos os ofícios"; segundo THAER "a agronomia é para o operário um ofício, para o agricultor uma arte e para o agrônomo uma ciência".

Eis aí duas boas definições que situam, e muito bem, a agronomia do rol das ciências.

Nada mais útil, portanto, do que definir também, nesta oportunidade, o que se entendem por ciência; e para isto são perfeitamente adequadas as lições de J. W. MELLOR, razão pela qual as aproveitamos.

" A ciência compreende a totalidade do conhecimento humano, e sua esfera de ação abrange todo o reino da natureza. A ciência não é uma simples massa de conhecimentos empíricos adquiridos por observação e experimentação, mas sim um conjunto organizado de fatos que foram coordenados e generalizados formando um sistema. A ciência supõe tàcitamente que a natureza é uma unidade harmoniosa e que no universo prevalece uma ordem racional. A ciência busca um conhecimento completo das múltiplas partes do universo, relacionadas entre sí, que atuam e reagem umas sôbre as outras, produzindo infinitas variações".

"O edifício da ciência repousa sôbre um fundamento de fatos dignos de confiança. Cada um de nós, em sua vida diária, recebe, através dos sentidos da vista, tato, ouvidos, etc., muitas sensações, e, por meio destas, toma conhecimento de muitos fatos. Êstes fatos, quando armazenados na memória, constituem nossa reserva individual de conhecimento. Quando registados, e sua veracidade comprovada, constituem o conhecimento acumulado de nossa civilização — mas, êles não são ciência. Êste conhecimento é às vêzes denominado empírico; êle descreve fatos".

Ora, durante séculos, o ensino na agricultura se fez pela transmissão de práticas empíricas resultantes das observações e das experiências acumuladas ao correr do tempo. O ensino agrícola se resumia em passar, de geração em geração, a tradição nascida do trabalho da terra e do cuidado das plantas e dos animais. A escola era a terra, o mestre a natureza. Não havia, por conseguinte, uma ciência agronômica.

Aliás, ainda hoje se observa a continuação dêste sistema: a acumulação e a transmissão de conhecimentos empíricos. Nos dias atuais, entretanto graças à mais fácil e rápida difusão — de que são principais veículos o rádio e o jornal — êsses conhecimentos se espalham celeremente e logram uma intensa penetração no meio rural. Em conseqüência, ao lado de boas opiniões, observações apressadas, falsas idéias ou mesmo crendices deitam ramos que se

espalham pelo interior, ora com bons resultados, ora com péssimos efeitos, mas quasi sempre, se necessário, difíceis de extirpar ou de corrigir. Frutos de mesma origem são as modas, na agricultura, que, oriundas da simples observação, assim como nascem, de afogadilho, assim logo desaparecem só deixando os maus efeitos.

Nada disto, porém, é ciência. Não fazem ciência também, os propagadores de simples observações que as pregam, em linguagem escrita ou falada, como regras ou preceitos ou instruções rígidas, salvadoras, inovadoras ou generalizadas; pelo contrário, e na maioria das vêzes geram confusão, semeiam prejuízos, criam descrença e destroem a agronomia.

Quando, então, surge a ciência?

"A ciência começa pela comparação de fatos. Fatos empíricos, por conseqüência, podem formar uma ciência, sòmente quando foram ordenados, novamente arranjados, agrupados ou classificados a fim de destacar os elementos de semelhança e identidade, existentes nos diferentes fenômenos. De acôrdo com isto, THOMAS HOBBES expressou a opinião de que o principal propósito da ciência é ligar os fatos em feixes. Esta agrupação em feixes não constitui de modo algum uma parte pequena ou insignificante no desenvolvimento da ciência; ou, dito em outras palavras, foi obtido um progresso significativo no desenvolvimento de uma ciência quando os fatos foram codificados num sistema, de tal maneira que uma mistura confusa de fatos empíricos fique resumida, sistemàticamente, sob um pequeno número de títulos. O processo de classificação e correlação é um dos métodos de investigação científica. Conhecimento assim sistematizado constitui conhecimento científico".

É evidente, portanto, que muito contribuem, para o progresso da ciência agronômica, aqueles que, em louvável conduta, divulgam as suas observações, os frutos de sua experiência, os resultados do seu trabalho; sem se apresentarem, entretanto, como doutores, ou professores ou dogmáticos, manifestam, simplesmente, as suas opiniões, as suas observações, não como regras fixas ou diretrizes rígidas mas à título de contribuição ao avanço da ciência. Agrônomos e agricultores, na labuta diária, enfrentando diretamente os problemas, sofrendo as dificuldades de perto, sentindo as reações, os fracassos e os êxitos dos trabalhos agrícolas, têm oportunidade de colher um abundante material, uma vasta bagagem de conhecimentos empíricos. E essa massa de conhecimentos deve ser aproveitada.

Ora, "para que o conhecimento possa ser correlacionado, ordenado e classificado sob a forma de ciência, é necessário que a exatidão dos fatos a êle referentes seja verificada".

Eis, então, um ponto importante para a agronomia: as observações, os conhecimentos empíricos, não há dúvida, devem ser coletados, mas, e principalmente, a sua exatidão precisa ser comprovada. Não basta observar. É preciso verificar, comprovar, ter certeza. Só então se pode ensinar. E qual o melhor meio de fazer verificações?

"A experiência é o auxiliar da ciência, porque constitui na realidade um método de observação, empregado quer para verificar a validez de uma afirmação dada, quer quando os fatos estão dissimulados por condições em que não podem ser exatamente observados a menos que se eliminem as condições que os obscurecem".

"Pela experiência é possível fazer combinações de diferentes fôrças, e de diferentes formas de materias, que não ocorrem na natureza; eliminar condições complexas que perturbam a observação; e observar os fenômenos sob condições simplificadas. A experiência é uma observação provocada. A experiência é útil quando existem condições que obscurecem as observações diretas. A experiência mais perfeita não deve pretender mais do que transformar um fato inicialmente obscuro, em outro tão patente como o que, desde o início, se apresentasse acessível à observação direta".

Eis aí, em breves palavras, o verdadeiro significado da experiência e a razão do alto conceito que merece. É pela experiência que se analisam, se esclarecem e se julgam os fatos, ou melhor os conhecimentos empíricos. Nos trabalhos experimentais, sob condições controladas, debaixo de uma pesquisa acurada, mediante uma análise cuidadosa dos acontecimentos, com perfeito conhecimento dos fatores que influem nos fenômenos, se pode verificar a veracidade das observações, coordená-las, explicá-las e delas tirar uma útil conclusão.

Nos campos experimentais apuram-se os conhecimentos empíricos, separa-se o falso do verdadeiro, patenteia-se uma observação, confirma-se uma idéia ou uma hipótese. Segundo os resultados das experiências, alteram-se os métodos rotineiros, abandonam-se as hipóteses falsas, enunciam-se conceitos, organizar-se planos de trabalho e novas experiências, firmam-se teorias e até estabelecem-se leis.

Compreende-se, então, que se há importância na coleta dos conhecimentos empíricos, com mais razão há um valor imenso nos trabalhos experimentais. Tanto um, como outro, porém, são indispensáveis na evolução da ciência agronômica e não se compreende que se realizem independentemente, sem entrosamento, sem uma interação, sem planos conjuntos.

O técnico do fomento, por exemplo, que se desliga dos centros experimentais, e dirige os seus trabalhos com base em suas próprias observações e conceitos, perde o contato com a ciência agronômica e se transforma também em um rotineiro, embora um pouco mais evoluido e ilustrado, mas sempre inútil e mesmo pernicioso à evolução da agricultura. Também o agricultor, se vive encerrado no seu ambiente, tirando suas próprias conclusões, criando suas próprias convicções, não aproveita a ciência agronômica, nem colabora para o seu maior desenvolvimento.

Por outro lado, são, os investigadores, aqueles técnicos que procuram revolucionar os métodos, que promovem transformações profundas, as quais só podem surgir pela ciência. Entretanto, se êstes técnicos se isolam dos locais de trabalhos agrícolas, se se confinam aos gabinetes, se não acompanham os fruto dos das suas experiências, se não verificam as conseqüências das suas recomendações, também êles perdem a objetividade que, antes de tudo, deve caracterizar a ciência agrônomica. O avental branco ou a simples presença entre as paredes de uma instituição de pesquisa não faz um experimentador e muito menos um cientista. Êstes precisam, primordialmente, ter a mente arejada, uma visão ampla, um alto espírito de compreensão uma boa capacidade de discernimento e uma forte dose de desprendimento.

É óbvio, portanto, que o progresso da ciência agronômica será lento, muito lento mesmo, se faltarem, nos locais de trabalho, nos núcleos agrícolas,

os observadores técnicos; será, nulo, porém, se inexistirem as instituições de pesquisas espalhadas pelas regiões diversas. Quanto maior o entendimento entre a pesquisa e o fomento, é lógico, tanto melhores os resultados obtidos na agricultura. Boas estações experimentais entrosadas com dinâmicos serviços de fomento, impulsionam decididamente a ciência agronômica. Devem, portanto, ser a base da organização de um serviço destinado à agricultura racional, mas não como compartimentos estanques. Os proveitos, alcançados com a ação conjunta, não são os mesmos se os dois serviços crescem isolados.

Ainda mais, como o fim colimado é a produção agrícola mais econômica, é evidente que deve existir a supervisão de um serviço de economia.

Eis, então, porque se nos afigura a mais racional e a mais objetiva, entre as organizações dos serviços destinados à orientação da agricultura, aquela que têm por base as estações experimentais onde equipes de pesquisadores e economistas analizam os conhecimentos empíricos recolhidos e trazidos pelos agentes do fomento. Tal organização, por outro lado, ainda apresenta a grande vantagem de descentralização dos serviços. Desde que os problemas de cada região passam a ser debatidos e resolvidos, e as soluções propostas, pela direção da estação experimental, nela situada, os elementos de cúpola encarregados dos negócios da agricultura passam a manter contato apenas com os chefes dos centros de pesquisa, o que facilita imensamente a coordenação dos trabalhos. E não é só. As verbas podem ser melhor distribuidas e canalizadas (as federais, as estaduais e as municipais) para os centros de experimentação, onde o corpo diretivo lhes dará o devido fim.

Assim crescerão pelo interior focos de distribuição de conhecimentos científicos que, em combate direto, anularão os efeitos de propagação dos conhecimentos empíricos. Em conseqüência haverá um estupendo progresso de ciência agronômica.

* * *

Para obter MAIS CAFÉ COM MENOS CAFEEIROS

Plante mudas e sementes selecionadas

Consulte

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Caixa Postal 48 — Fone 1121

LIMEIRA — Est. de São Paulo

FOLHETOS GRATIS

Resumos e Transcrições

Visão panorâmica da agricultura brasileira

Edgard Teixeira Leite
(Do Conselho Nacional de Economia)

A agricultura, compreendida no seu mais amplo entendimento — exploração extrativa vegetal, pecuária e lavoura pròpriamente dita — constitui o arcabouço econômico e social da nação.

Pela área em que são exercidas as atividades agro-pecuárias, pelo número de habitantes nela engajados, diretamente, e pela sua contribuição para a receita cambial, a agricultura é também a mais importante fonte de riqueza do país.

Neste sentido, está em seu pleno vigor, o conceito famoso de Agassiz país essencialmente agrícola". É, de que o "Brasil continua a ser um mesmo quando o nosso desenvolvimento econômico tiver atingido ao seu ponto mais culminante, será de decisiva preponderância a agricultura, para a alimentação da população sempre crescente e como mercado para a produção industrial.

TRÊS ASPECTOS DO PROBLEMA

Ao ser analisada a nossa produção primária três aspectos devem ser ressaltados. O primeiro — sob o ponto da geografia econômica, quanto à ocupação do território — é que o Brasil é o maior país extrativista do mundo.

O segundo — visualizado do ângulo internacional — de que continuamos de costas voltadas para o interior, olhando para o mar, preocupados com os mercados externos, sendo assim um país caracteristicamente colonial.

O terceiro — sob o aspecto técnico — a agricultura brasileira permanece em estado de franco empirismo, de métodos rotineiros, de verdadeira "mineração" do solo e, em decorrência disso" "itinerante".

EXTRATIVISMO E ECONÔMIA DE COLETA

O desiquilíbrio entre a ocupação demográfica e a rentabilidade global do nosso território, provém, exatatamente, da enorme área, em que predomina a pura economia de coleta, o extrativismo.

A Amazônia, com cinco milhões de quilômetros quadrados, representando 55% da área nacional, só tem dedicados à agricultura, quatro mil quilômetros quadrados.

E fora dessa imensa região, aí estão os babaçuais do Piauí, os carnaubais e as fibras oleoginosas do nordeste oriental, a araucária, o mate e o quabracho do Brasil meridional, numa enumeração bastante sumária. Conseqüência disso, são o baixo padrão de vida da população, que na quase totalidade da hiléia vive na mais estreita dependência das outras regiões para suas necessidades alimentares e o índice reduzido da renda nacional da área extrativa.

PAÍS COLONIAL

A denominação de "país colonial", que tantas vêzes figura na literatura econômica estrangeira — e não raro considerada pejorativa — decorre das origens da ocupação do Brasil e de suas conseqüências ainda hoje vigentes.

Ao se iniciar o aproveitamento do território, buscou o colonizador produções para as quais poderia encontrar mercado. Era na Europa que teria compradores para o pau Brasil e depois para o açucar. Pouco depois, quando se alargou a nossa lavoura, só os mercados estrangeiros, poderiam absorver as massas volumosas de café, de cacau, de algodão, de mamona, fibras e oleaginosas, como aliás ainda hoje decorre.

AGRICULTURA TAPUIA

O europeu ao colonizar o Brasil, se defrontou com árduos problemas: imensas massas de florestas, escassa mão-de-obra, clima e condições ecológicas diferentes das do seu ecúmeno, e quase tôdas adversas. Num esfôrço de adaptação copiou do indígena os métodos de trabalho: a derrubada da floresta, a queimada das árvores, a "coivara", o abandono das terras "cansadas".

Só que o indígena, pelas imensas dificuldades da derrubada, com seus métodos primativos, e também menores necessidades alimentares, se mantinha mais tempo nas áreas conquistadas à vegetação nativa. Essa a agricultura tapuia, em cuja escola o europeu se matriculou e as lições aí aprendidas, continuam a ser praticadas em noventa por cento da lavoura brasileira.

MINERAÇÃO AGRÍCOLA

Em conseqüência, a rotina, a franca "garimpagem" do solo, verdadeira "mineração", sem preocupação de reposição do que foi retirado pelas colheitas, como se tratasse de reservatório inexgotável de fertilidade.

E quando as safras decaem, o lavrador como garimpeiro ante a lavra esgotada, sai em busca de novas "lavras" — que são as terras virgens, munido do machado e do fogo.

AGRICULTURA ITINERANTE

Decorre da agricultura tapuia, o caráter itinerante da nossa lavoura, excetuada a da cana-de-açucar, que permaneceu nas mesmas áreas, tornada permanente, mercê das condições impostas pelo seu aspecto industrial — com dispendiosas instalações.

O exemplo, mais marcante, é o do café — que domina o panorama não só da agricultura nacional, mas o da própria econômia da país.

Em cêrca de 150 anos, partindo da Rua Evaristo da Veiga, do Convento dos Borbonos, nesta capital, invadiu as áreas florestais da Tijuca, a bacia do rio Paraiba, as terras de S. Paulo, desceu ao Paraná, onde numerosos municípios figuram já nos mapas econômicos, como "zonas velhas", de "terras cansadas" e ultrapassou as nossas fronteiras penetrando no Paraguai. Sempre em busca de terras novas, do "cheiro da mata".

A ILUSÃO CAFEEIRA

Em menos de século e meio — lapso de tempo insignificante na vida de um povo — "conquistou" e "depredou" sob o ponto de vista da

maior riqueza natural de uma nação do tipo da nossa, que é o solo — áreas superiores à da França, Bélgica e Holanda.

Foi uma tremenda expoliação da fertilidade natural, sem paradigma no cinturão tropical do planeta. A ilusão cafeeira foi uma das maiores de que se conhece, no plano enconômico na história do mundo.

Coffea Brasiliae fulcrum — café esteio do Brasil — que o meu dileto primo Afonso d'E. Taunay propôs para traduzir a sintese da economia nacional hodierna, é sem dúvida uma verdade, mas encerra em seu bojo uma tremenda soma de erros cometidos, de que a nação vai tomando conhecimento, num grande e meritorio esfôrço — com os paulistas à frente — para reparar a "mineração" de quase dois séculos de cafeicultura extrativa.

ROTINA E EMPIRISMO

Temos assim que uma das caracteristicas da agricultura brasileira tem sido a busca de terras virgens, do "cheiro da mata", a expansão agricola, acompanhando a fronteira da matéria orgânica", que o revestimento florestal fornece, e que, cada dia mais, se distancia dos mercados consumidores.

A enxada — ao lado do machado e do fogo — simboliza a lavoura brasileira, pois na verdade os quarenta mil tratores que se supõe em funcionamento, aliás precário, no País, são uma ajuda bem deficiente, se pensarmos nos quase dois milhões e quinhentos mil estabelecimentos agrícolas do Brasil.

É na verdade ainda o esfôrço muscular humano, a grande fonte de nossa lavoura e, como se sabe é um dos índices para avaliar a situação rotineira de uma agricultura.

Noventa e cinco por cento das nossas emprêsas agrícolas não têm contabilidade, isto é, não conhece o dirigente a situação real do seu negocio: da área cultivada, do custo da produção, do lucro obtido, sem orientação para saber se vale continuar, mudar de cultura ou mesmo de profissão.

TOMADA DE POSIÇÃO

Lentamente, embora, já se forma, porém, uma consciencia — pelo menos nas classes dirigentes e entre os lavradores mais esclarecidos — relativamente a êste estado de coisas.

E a Nação, está despertando do ufanismo, que a fertilidade inesgotável do solo embalou o espírito dos barões fazendeiros do vale do Paraiba.

E, sem dúvida, se desenvolve um louvavel esfôrço para atender a esta situação, visando, de um lado fazer face ao aumento anual de uns dois milhões e meio de bocas a alimentar, de outro, pela necessidade imperiosa de incrementar a receita cambial e de possibilitar maiores poupanças, de que tão estritamente depende o desenvolvimento nacional.

FÓRMULAS MÁGICAS

Num país como o nosso, sem maturidade pública, sem elites no campo econômico e administrativo, era natural que a solução do problema fosse tentada por meio de "fórmulas mágicas", e do empirismo. "Braços para a lavoura" há meio século atrás, "mecanização agrícola", "reforma agrária" e já agora "silos e armazéns". Como tudo que é conseqüência da improvisação e exame perfunctório dos problemas econômicos, apenas dão soluções parciais à incontestável crise agrícola com que o País se defronta.

REVOLUÇÃO TÉCNICA

Só numa modificação profunda dos métodos de trabalho e adequada orientação técnica, poderá ser encontrado realmente remédio ao problema número um do povo brasileiro, que é o aumento da produtividade (não apenas de produção) agrícola, dando-lhe maiores suprimentos de bens de consumo alimentar (em qualidade, quantidade e preço), criando de outro lado maiores volumes de oferta nos mercados, concorrendo dessa natureza é prova o número de para o combate à inflação.

Da ânsia de encontrar solução organizações, públicas e privadas, que se ocupam desta esfera de ação.

Aí estão o Ministério da Agricultura, as Secretarias e Departamentos especializados nos Estados, os Institutos federais e estaduais (do café, do cacau, do açucar, do mate, do arroz, das atividades pecuárias), as associações, congregadas em torno da pujante Confederação Rural e das Federações Estaduais e associações municiapais, as escolas agrícolas, de diversos gráus, a criação do Serviço Social Rural, as avultadas verbas que, para fins agrícolas, são destinadas no Plano de Valorização Econômica da Amazônia, nas Obras contra as Sêcas, no Vale de São Francisco.

E no campo da publicidade e da informação, o espaço e o tempo que os problemas agrícolas ocupam no rádio, na imprensa diária e nos periódicos especializados. E também nos relatórios dos governos, nos debates do Parlamento, nas assembléias estaduais e Câmara dos Vereadores.

IMPERATIVO DE SOBREVIVÊNCIA NACIONAL

Entretanto, sob o ponto de vista de produtividade salvo reduzidos setores, a produção agrícola tem permanecido estacionária e mesmo regredido.

E é bem compreensível, pois continua em vigor, em quase todo o País, a agricultura tapuia. E daí qualquer aumento de produção ser, em regra, obtido pela exploração de novas áreas. As estatisticas agrícolas são incompletas e deficientes, justamente pela falta de contabilidade organizada nas empresas agrícolas, mas trabalhos de levantamentos bem conduzidos permitem assegurar que a população cresce mais depressa que a produção.

POLÍTICA AGRÍCOLA

É indispensável, por isso, colocar o problema em têrmos realistas, montando uma política agrícola nacional, capaz de atender à situação, sem duvida séria, com que o Brasil se defronta.

E uma das suas bases tem de ser profunda modificação da técnica, capaz de atingir cêrca de dez milhões de habitantes que vivem na lavoura, indo até à celula da produção agrícola que é o estabelecimento rural.

Urge realizar uma verdadeira revolução, dando maior capacidade tecnica ao operário e ao lavrador.

E isso só pode ser realizado através de treinamento técnico compulsório, dos jovens que podem ser chamados ao serviço militar — cêrca de meio milhão por ano. Seria assim possível uma modificação rápida na mentalidade e na estrutura técnica de uma economia primária. Com meio milhão de ruricola, jovens, sem sair do próprio ecumeno, que recebessem os rudimentos ministrados pragmàticamente, de técnica agrícola, relativa ao emprêgo de boas sementes,

métodos de conservação racional dos alimentos, o uso de máquinas agrícolas, de fertilizantes, de combate às endemias e defesa dos rebanhos e um sem número de noções elementares se operaria uma transformação rápida de mentalidade nos meios rurais.

Poder-se-ia com sistema de ensino em grupos, disciplinados pelo serviço militar, aproveitar, com alto rendimento, o milhar e meio (se tanto) de agrônomos e veterinários, que nunca poderão, mesmo decuplicado êste número, atender a dois milhões de estabelecimentos agrícolas do País.

Sem receio de êrro, podemos afirmar que ou realizamos uma revolução técnica em massa, ou continuamos atolados na rotina, com baixa produtividade, um país colonial, de agricultura tapuia. Na corrida entre o aumento de bôcas a alimentar e a produção agrícola, irá se interpor a escassez crescente de alimentos, com fome mais ou menos disfarçada e imprevisíveis conseqüências de toda ordem.

(Do "Jornal do Brasil" — Rio 21-4-57)

Produzir cafés bem cuidados, limpos e de bom aspecto, dá pouco mais trabalho que produzir cafés maus. Muito pouco aparelhamento se exige, a mais, para a produção de cafés finos. O que é necessário é, principalmente cuidado, atenção, capricho.

E o ágio sôbre os bons cafés compensa, de sobra, êsses cuidados, além do fato de que, nos tempos de superprodução, os cafés que *sobram* não são, por certo, os de boa qualidade e bom aspecto.

Melhore a qualidade de seu Café!

Aplicando adubos completos, concentrados e equilibrados, contendo Azôto-Ácido Fosfórico-Potassa. Êles constituem a base de safras abundantes

POTABRASIL

COM POTASSA maiores colheitas e de melhor qualidade!

Solicite informações e folhetos gratis:

CIA. BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - 7.º Andar - Cx Postal, 6082 - S. PAULO

A SITUAÇÃO DO CAFÉ DO BRASIL NO MERCADO ITALIANO

O Escritório Comercial do Govêrno do Brasil na Itália acaba de entregar ao dr. Octavio Cintra Leite, diretor do IBC, um relatório sôbre a situação do mercado italiano com relação ao café do Brasil. Na preparação dêste relatório o Escritório fez uma série de estudos e promoveu diversas reuniões com os maiores importadores e torrefadores de café, interrogando-os pessoalmente. Dos estudos realizados, inclusive as entrevistas com os maiores importadores da Itália, chegamos a interessantes conclusões, que sem dúvida poderão constituir um subsídio importante ao exame dos problemas do café do Brasil. Três conclusões principais foram alcançadas: duas dizem respeito a problemas de ordem interna brasileira e a terceira ao problema do mercado italiano. A principal dessas conclusões refere-se ao mercado internacional brasileiro, e trata da necessidade de serem mantidos os preços do café de exportação nos níveis atuais. Um ulterior encarecimento dêste nosso principal produto certamente redundará, em países como a Itália onde o orçamento doméstico é muito limitado, numa restrição drástica do consumo e favorecerá a venda dos cafés pobres ou tipo robusta, com os quais dificìlmente poderemos concorrer em matéria de preços. Os elevadíssimos impostos italianos oneram o café ao chegar aos portos dêste país, de 755 liras por quilo, ou sejam cêrca de 80 cruzeiros ao câmbio atual. Êste imposto, somado ao preço do café — em média 800 liras por quilo Cif Itália para um tipo Santos — e mais a perda na torrefação e os lucros dos intermediários até a venda ao público, colocam os nossos cafés nos armazéns a um preço não inferior a 2.800 liras por quilo, ou sejam cêrca de 300 cruzeiros. Ora, é impossível para o consumidor médio dêste país adquirir o café a êste preço. Basta verificar que, segundo estudos estatísticos realizados recentemente, o italiano médio não dispõe de mais de duas mil liras para a compra de um quilo de café. Deante dessa situação, o nosso café aqui está sendo vendido exclusivamente misturado com cafés mais pobres, principalmente os indonesianos, cujo preço Cif na Itália é de menos da metade dos nossos cafés finos e de 30% mais barato dos nossos cafés pobres. A formação das misturas utilizando o café brasileiro torna-se portanto obrigatória e o torrefador italiano, ao fazê-la procura sempre colocar a maior quantidade possível dentro do problema do preço, já que conhecendo perfeitamente as qualidades do nosso produto, sabe que é indispensável para melhorar o gôsto dos cafés pobres e mantêr portanto a freguezia. Estas misturas hoje são, em média, na base de 30% de café brasileiro, 10% de cafés de alta qualidade centro e sul América e 60% de cafés pobre. Aliás, são estas exatamente as proporções das importações italianas de café. Na impossibilidade de reduzirmos os nossos preços considerando a atual conjuntura brasileira, resta-nos mantê-los, na legítima defesa dos nossos interesses. As qualidades intrínsecas dos nossos cafés finos, a necessidade reconhecida por todos os importadores dêsses nossos cafés para a composição de misturas, e a desuniformidade e oscilações dos preços dos nossos concorrentes, pouco a pouco irão devolvendo ao Brasil os mercados perdidos, e nos colocará na posição de primazia absoluta que compete a êste nosso grande produto. Ainda,

quanto à nossa política interna, chegamos à conclusão nos estudos realizados aqui na Itália, que o Brasil mais do que nunca deve basear as suas exportações exclusivamente nos cafés de alta qualidade. Com estes cafés finos o nosso país se impôs nos mercados mundiais. Café de nenhuma outra origem pode competir em preço e em qualidade com êsse tipo de café brasileiro. Poderão os cafés tipo robusta fazer grandes progressos no aprimoramento da sua aparência, no entanto o sabôr do nosso café, enraizado no paladar de todos os mercados mundiais, nunca poderão ser substituido pelos cafés de tipo robusta. Nas torrefações italianas verificamos a existência de cafés asiáticos com ótima apresentação, o que demonstra um grande progresso feito, porém não representam isoladamente um tipo comerciável, já que as suas peculiares características de gôsto que lhes dão em geral um sabor oleoso, os fazem menos acessíveis ao consumo, a não ser em fórma de misturas. Estas misturas são portanto promovidas quasi que exclusivamente para compensar os preços elevados dos outros cafés. No entanto, repetimos, êsses cafés estão melhorando ràpidamente a sua aparência. O Brasil com a sua imensa lavora cafeeira não pode se dar o luxo de arriscar os mercados mundiais oferecendo um café de baixo teôr. Nêsses tipos levamos sérias desvantagens, e se perseverarmos na venda dêsses cafés pobres, não faremos mais do que facilitar a penetração dos cafés asiáticos "robusta", que se aproveitarão da natural propaganda do café, e em alguns casos já verificados, do nome do café Brasil.

Quanto ao problema do mercado italiano, a solução é muito mais complexa. Para aumentarmos as nossas vendas, teriamos que reduzir os preços no Brasil ou obter a diminuição dos elevadissimos impostos italianos que oneram o café ao entrar na Itália de cêrca de 100% do seu valor original, ou ainda promover a propaganda do produto, considerando a grande margem que existe para isso, já que a Itália tem um consumo "per capita" relativamente baixo. Ora, como no momento é fóra de cogitação a baixa do valôr do café do Brasil e também a possibilidade do Govêrno italiano no reduzir, as taxas, resta-nos examinar a possibilidade de aumentarmos o consumo por intermédio de uma propaganda bem orientada. Com êste ponto de vista, já que não podemos lançar mão de grandes recursos financeiros para uma propaganda em larga escala que, se fôr baseada no aumento da popularidade do café em geral, virá em grande parte, deante da conjuntura atual dos preços, favorecer os cafés pobres, nossos concorrentes, deve se limitar sòmente aos cafés que mais nos interessam, ou sejam os cafés finos. Assim, com esta perspectiva, êste Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil na Itália pretende levar adiante a constituição de dois órgãos de classe com os importadores italianos de café. O primeiro será a "Associação dos Amigos do Café do Brasil", com caráter puramente social, sem finalidade de lucros, e o segundo um "Consórcio de Importadores de Cafés Finos", que será então uma sociedade comercial. Com a "Sociedade dos Amigos do Café do Brasil", pretendemos reunir, no mesmo dia, em diversas cidades italianas, num almôço precedido por uma reunião onde se tratariam os problemas do café, todos os importadores que importando principalmente cafés do Brasil, desejem fazer parte dessa "Sociedade". O órgão central da "Sociedade" em Roma patrocinada pelo Escritório Comercial, enviaria cada dois meses — as reuniões seriam bimestrais — uma ordem do dia apresentando sugestões para serem discutidas sôbre as medidas a serem tomadas na defesa do café do Brasil. Essas sugestões seriam

examinadas em todas estas reuniões e os pareceres, propostas e resoluções seriam encaminhadas à séde da "Sociedade" em Roma, que depois, em fórma de sugestões e projetos seriam apresentados aos ministérios competentes italiano e brasileiro e ao IBC. Não temos dúvidas que estas reuniões bimestrais e êstes relatórios serão um subsídio de grande valor para a nossa política do café e para dirigir num sentido construtivo e eficiente os importadores que na Itália se dedicam a compra de cafés do Brasil. Com a formação do "Consórcio de Importadores de Cafés Finos", pretendemos fazer umà ação mais direta na defesa das qualidades e da popularidade do café como bebida de alto valor. Para combatermos os cafés pobres que desprestigiam o café como bebida agradável e estimulánte e a série de sucedâneos que proliferam na Itália justamente devido à má qualidade do café oferecido ao público e ao elevado preço dos cafés melhores é necessário promover o melhoramento das misturas e a elevação portanto do padrão qualitativo da bebida. Com o "Consórcio de Importadores de Cafés Finos", pretendemos lançar no mercado uma das marcas de café da mais alta qualidade, que apresentado ao público pelas firmas de maior idoneidade na Itália que constituiriam o "Consórcio", com um pequeno sacrifício na margem dos lucros por parte dos torrefadores e importadores, inverteria a tendência atual do mercado, que é a de oferecer cafés inferiores. Ao lançamento dêste produto extra que poderá ser 100% brasileiro, ou a mistura ideal do café do Brasil com café fino da América Central ou da Colômbia, faremos a dona de casa italiana adquirir a um preço razoável um excelente produto que servirá naturalmente como índice positivo na avaliação das más qualidades dos cafés que até então vinham sendo consumidos. Os outros torrefadores italianos, deante do aparecimento na Itália dêste café superior por parte de um consórcio tão idôneo como o que pretendemos promover, certamente tratarão de imitar a "nova moda" lançada, melhorando a qualidade com que visamos criá-lo, invertendo a tendência do mercado, que passará a vender misturas cada vez melhores, mesmo com sacrifício das margens de lucro. Ora como o café brasileiro é de alta qualidade, com estas duas organizações que pretendemos promover nêste país estaremos aumentando as nossas vendas aqui. Melhorando a qualidade do produto oferecido ao público teremos também o aumento do consumo da Itália. Para o Brasil, as vantagens serão as do aumento da exportação, para a Itália os resultados benéfico também imediatamente surgirão: o povo voltará a tomar um café de alta qualidade, o Govêrno com o aumento do consumo aumentará a sua receita na taxação e o comércio exportador italiano, com o aumento das nossas exportações para a Itália, terá as preciosas divisas cruzeiros para exportar mais para o Brasil, situação altamente desejavel, considerando a crise das exportações de equipamentos e máquinas italianas que se vem verificando nos últimos anos justamente pela baixa de venda do café do Brasil a êste país.

(Do "Boletim da Associação Com. de Santos", 9-3-57)

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Foi a seguinte a exportação brasileira de café, durante o mês de abril último, segundo comunicado do Instituto Brasileiro do Café:

P. de Exportação	*Estados Unidos*	*Outros Países*	*Total*	*Cons. de bordo*	*Cabotagem*	*Total Geral*
Santos	363.155	151.381	514.536	304	79	514.919
Rio de Janeiro	20.001	161.949	181.950	15	500	182.465
Paranaguá	102.304	22.781	125.165	9	3.340	128.514
Vitória	4.125	30.188	34.313	11	14.029	48.353
Angra dos Reis	5.471	1.014	6.485	—	—	6.485
Salvador	—	3.741	3.741	—	5.720	9.461
Recife	—	8.570	8.570	7	3.920	12.497
Itajaí	—	200	200	—	—	200
Total	495.136	379.824	874.960	346	27.588	902.894

Obs. — Embarcadas: Via ferroviária em Recife 400 sacas; via rodoviária em Recife 175 sacas e em Salvador 750 sacas, todas não computadas no total.

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO EM 30/4/57:

Santos	2.955.675
Rio de Janeiro	513.140
Paranaguá	417.199
Vitória	112.341
Angra dos Reis	11.884
Salvador	10.444
Recife	10.419
Total	4.031.102

Obs. — Dados sujeitos à retificação.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 470 — a 18-5-57)

RESOLUÇÃO N.º 76, DE 9 DE ABRIL DE 1957

"A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no exercício de suas atribuições e tendo em vista deliberação da Junta Administrativa no sentido de fixar novos limites de tipos dos cafés negociáveis, de acôrdo com o que dispõe o art. 3.º, inciso 5, combinado com o art. 13, inciso I, da Lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952.

RESOLVE:

Art. 1.º — São permitidos o trânsito, o comércio e a exportação de café até tipo 8 inclusive, desde que não contenha mais de 1% de impuresas (paus, pedras, cascas, torrões, etc.).

Art. 2.º — É proibida, definitivamente, a exportação de café abaixo do tipo 8, sob qualquer pretexto ou condição, a partir de 1.º de julho de 1957.

Art. 3.º — O I.B.C. exercerá severa e rigorosa fiscalização nos cafés que entrarem nos portos, no momento de serem recolhidos aos armazéns reguladores, apreendendo os que não atenderem às exigências legais e regulamentares, sujeitando-os ao rebenefício por conta dos seus proprietários, com a perda dos detritos e escolhas que serão inutilizados pelo I.B.C.

Art. 4.º — Fica proibida, na safra a começar em 1.º de julho de 1958, a exportação de cafés abaixo do tipo 7/8.

Art. 5.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 9 de abril de 1957.
PAULO GUZZO — "Presidente".

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 470 — a 18-5-57)

ESTIMATIVAS NORTE-AMERICANAS SÔBRE A SAFRA 1956/57

Segundo notícias que acabam de chegar de Washington, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos acaba de corrigir cálculo anterior, elevando em 400.000 a produção provável de café exportável, no período 1956/57. Desse modo, as 36.500.00 sacas passaram, agora, a 36.900.000. No que tange à produção, os novos cálculos sofreram variação, passando a 47.500.000 sacas, contra a estimativa de 47.400.000 de antes. Tais cálculos referem-se exclusivamente à produção mundial. Pelos cálculos do Departamento de Agricultura americano, é mantida a produção brasileira de 19.000.000 sacas, enquanto a exportação será de 12.700.000 sacas.

(Do "Boletim da Assóc. Comercial, Santos", n.º 460 — 9-3-57)

Instituto Brasileiro do Café

EDITAL

ESCRITÓRIO ESTADUAL DE SÃO PAULO

REGISTRO DAS TORREFAÇÕES E MOAGENS OU MOAGENS DE CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO

Comunicamos aos interessados que de acôrdo com o Art. 1.º do Capítulo I da Resolução n.º 68, de 30-6-56, dêste Instituto, que regulamenta a fiscalização de Indústria e Comércio de Café para consumo, devem providenciar o Registro de suas Torrefações e Moagens ou simples Moagens, (trata-se de Moinhos que dão marca própria ao seus produtos) dentro do prazo improrrogável de 15 (quinze) dias para as firmas da Capital e 60 (sessenta) dias para as firmas do Interior do Estado, a contar do próximo dia 5.

O pedido de registro deve ser encaminhado a êste Escritório Serviço de Fiscalização — Rua Brigadeiro Tobias. 258, nesta capital, que fornecerá para êsse fim o impresso próprio.

Cientificamos, outrossim, aos srs. proprietários de Torrefações e Moagens de todo o Estado que, em cumprimento da Resolução n.º 75, de 29-1-57, deverão recolher ao Banco do Brasil S/A. da sua localidade ou localidade mais próxima, a partir de Janeiro último, a taxa de Cr$ 10,00 por saca de café de 60 quilos, até o 10.º dia útil de cada mês, correspondente aos cafés adquiridos no mês anterior, mediante guia própria fornecida por êste Instituto aos interessados, em seu Escritório Estadual.

INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ
Escritório Estadual de São Paulo
LUIZ PORTUNATO MOREIRA FERREIRA
Chefe do Escritório

(Do "Correio Paulistano", 4-4-57)

Redução do imposto de exportação do café, no México

— O govêrno anunciou hoje uma redução no impôsto de exportação de café. O impôsto de 15 por cento, será baseado em um preço oficial de exportação de 1,10 dólares por quilo, em vez do anterior preço de 1,20 dólares por quilo. Redução soma dois e meio centavos por quilo, ou 1-1/10 centavo por libra...

O govêrno disse que se dispôs à redução para fomentar a exportação do segundo grande produto agrícola da México. Os produtores de café mexicano queixaram-se de que o impôsto era muito elevado. O ministro de Fazenda, sr. Antonio Carrilho Flores, disse que esperava que a redução ajude os produtores a disporem do resto da colheita de 1956/57, que calculou em cêrca de 600.000 sacas.

(Da "Fôlha da Manhã", 18-4-57)

Exportação de café em 1956: um bilhão de dólares

QUASE 17 MILHÕES DE SACAS, O TOTAL EXPORTADO

Um resultado que pode ser considerado como amplamente satisfatório, no ano de 1956, é o das exportações totais de café realizadas pelo Brasil. Realmente, até 31 de dezembro, nosso país havia remetido para o exterior 16.804.794 sacas de café, sendo 10.203.555 para os Estados Unidos e 6.601.239 para outras nações.

De acôrdo com dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Café, o valor total das exportações durante o ano de 1956 foi da ordem de aproximadamente, 1 bilhão e 30 milhões de dólares. Deve-se notar que nossas exportações de café, em 1954 totalizaram 10.917.511 sacas, sendo que em 1955 as vendas para o exterior acusaram a cifra de 13.695.782 sacas.

Damos abaixo um quadro geral das exportações de café, de janeiro a dezembro de 1956:

MESES	EE. UU.	Outros	Total
Janeiro	825.291	429.825	1.255.116
Fevereiro	1.200.597	637.680	1.838.277
Março	722.541	553.510	1.276.051
Abril	711.035	439.895	1.150.939
Maio	687.079	480.026	1.347.105
Junho	1.044.044	553.165	1.597.209
Julho	697.211	578.163	1.275.374
Agôsto	908.356	571.571	1.449.929
Setembro	841.298	506.584	1.347.882
Outubro	736.576	562.064	1.298.640
Novembro	741.553	620.577	1.362.130
Dezembro	907.972	698.972	1.606.151
TOTAL	10.203.554	6.601.239	16.804.794

(Do "Jornal do Comércio", Rio, 17-4-57)

Importações norte-americanas de café verde em nível recorde

— As importações americanas de café verde, nos primeiros dois meses de 1957, atingiram um nível que poderá estabelecer o recorde de 1.500.000.000 de dólares para o ano inteiro. As importações de fevereiro foram dez por cento superiores as do mesmo mês do ano passado.

O café importado em janeiro e fevereiro do corrente ano, segundo anunciou o Departamento de Comércio, atingiu o total de 583.843.000 libras, com o valor de 305.090.000 dólares, em comparação com 537.319.000 libras e 264.110.000 dólares nos dois primeiros meses de 1956.

O total da importação de 1956 foi de 2.810.422.000 libras, no valor de 437.844.000 dólares.

A cifra recorde de importação de café pelos Estados Unidos foi alcançada em 1954, com 1.485.883.000 dólares. Em 1950, a importação superou a cifra de um milhão de dólares. E desde então o comércio internacional de café espera ansiosamente superar a casa dos 1.500.000.000 de dólares.

Segundo informou a U.P na quinta-feira e agora ratificou o Departamento de Comércio, a importação americana de café cru, em fevereiro do corrente ano, se elevou a 317.362.000 libras, no valor de 163.349.000 dólares, contra 288.487.000 libras no valor de 141.961.000 dólares, em janeiro.

O Departamento de Comércio anunciou que o preço médio por libra de café importado pelos Estados Unidos, em fevereiro, foi de 51,47 centavos contra 53,19 em janeiro. O preço de janeiro foi o mais alto dos últimos meses.

O preço mais baixo alcançado em janeiro foi consequência, aparentemente, das grandes importações de Café do Brasil e da África, que custa mais barato do que os cafés finos colombianos e da América Central.

(Do "Correio da Manhã", Rio, 21-4-57)

Taxação do café na Alemanha Ocidental

Várias vêzes o Brasil tem solicitado do Govêrno de Bonn uma revisão dos gravames que a República Federal da Alemanha impõe ao café. A última dessas solicitações foi feita em fins do ano passado, e mais uma vez rejeitada pelas autoridades germânicas. Ainda, nêste momento, os impôstos sôbre café na Alemanha Ocidental são os mais elevados da Europa, talvez mesmo de todo o mundo. Alcançam perto de DM 6,00 por quilo, o que corresponde a aproximadamente US$ 1,43. Essa forte tributação representa cêrca de 60% do preço pago pelo consumidor e constitui grande obstáculo ao desenvolvimento do consumo de café naquele país.

Consumo de café na Alemanha

O café é o sexto produto da pauta de importação da Alemanha Ocidental. Ocupa lugar de grande destaque nas transações comerciais germano-brasileiras. Nos últimos anos vem participando com mais de 45% no total das exportações do Brasil para o mercado alemão. A análise da evolução do mercado cafeeiro germânico mostra que existem condições excepcionais para a sua expansão desde que os impôstos passem a onerar menos o produto.

O consumo *per capita* de café na Alemanha ainda é um dos mais baixos da Europa, cêrca de 2,5 quilos, inferior, portanto, ao que prevalecia antes da Segunda Guerra Mundial, quando girava em tôrno de 3,5 quilos. Além da ascenção da renda, gerando maior capacidade aquisitiva para a população o café uma bebida muito apreciada entre os germânicos, que possui gôsto apurado segundo se depreende da tendência de preferir os tipos mais finos do produto. Por outro lado, a Alemanha não tem problemas de balanço de pagamentos que aconselham restrições às suas importações, mas, pelo contrário, adota uma política de incentivo às mesmas, meio mais prático de ampliar os seus mercados externos. São estas, pois, condições primordiais para a expansão do consumo de café naquele país, mas seu preço altamente gravado pelos impôstos torna a bebida pouco accessível a grandes camadas da população e restringe, até certo ponto, o seu uso entre as classes de padrão de vida mais elevado.

Os impôstos sôbre o café

Ao atingir os pôrtos alemães, são os seguintes, os impôstos que incidem sôbre um quilo de café importado; direitos alfandegários DM 1,60. impôsto especial DM 3,00, e impôsto de consumo DM 0,44. Êstes impostos, que tota-

lizam DM 5.04 por quilo. ainda são acrescidos de uma taxa *ad valorem* de 4% (impôsto de vendas mercantis) tôdas as vêzes que o café é objeto de uma transação, seja cru ou torrado. Como êste último impôsto recai sôbre o preço final de venda do produto e, por isso, possui afeito cumulativo, a taxação total do café na Alemanha Ocidental alcança cêrca de DM 6,00 por quilo, isto é, pràticamente 60% do preço pago pelo consumidor.

Isso resulta no encarecimento extraordinário do produto naquele mercado, tornando-se assim inacessível às classes de renda mais baixa, o que representa, em última análise, uma restrição indireta do Govêrno alemão ao consumo do café em seu país.

A redução dêsses impostos, ou a simples eliminação do impôsto especial sôbre o café, determinaria elevação considerável das importações do produto e, conseqüentemente, maior volume de intercâmbio comercial da Alemanha com os países fornecedores da rublácea.

Antes de 1948 não existia na Alemanha o impôsto especial sôbre o café. Fixado nêsse ano, em DM 30,00, foi reduzido meses depois para DM 10,00 Finalmente, em agôsto de 1953, passou a ser de 3,00 por quilo, o que vigora até hoje. Em conseqüência dessa redução as importações de café pelo mercado alemão mais que duplicaram entre 1952 e 1956, passando de 948 mil, para cêrca de 2 milhões de sacas.

(Do "Jornal do Comércio", 19-4-57)

Extinto um imposto sôbre o café no Canadá

Segundo informações que o Instituto Brasileiro do Café recebeu do Bureau Panamericano do Café, o govêrno do Canadá eliminou, a partir de 15 de março último, o impôsto de 10% que incidia sôbre a venda do café no varejo.

(Do "Diário de São Paulo", 4-4-57)

Procure ler boas publicações sôbre assuntos agrícolas. E consulte os técnicos. Não trabalhe rotineiramente.

REGULAMENTO DE EMBARQUES PARA A SAFRA DE 1957/58

"A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, com fundamento no que dispõe o artigo 13, inciso I, da Lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952.

Resolve tornar público, para o devido cumprimento, o seguinte Regulamento de Embarques para a safra 1957/58:

RESOLUÇÃO N.º 78

A Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, usando das atribuições que lhe confere o artigo 10, alínea "e", da Lei n.º 1.779, de 22-12-52, RESOLVE expedir o seguinte REGULAMENTO DE EMBARQUES, para a safra 1957/58:

ARTIGO 1.º — São livres os despachos de café do interior com destino aos portos de exportação, ressalvadas as limitações deste Regulamento para a entrada nos mesmos e nas localidades, que venham a ser determinadas pela Diretoria do Instituto Brasileiro do Café.

ARTIGO 2.º — Para efeito de encaminhamento aos portos, os cafés serão discriminados pelos remetentes, em séries, atendidos os requisitos de cada uma, como abaixo se expecifica:

1 — COMUM
2 — DESPOLPADOS
3 — PREFERENCIAIS

§ 1.º — A série "COMUM", que não poderá conter café inferior ao estabelecido na Resolução 76, ficará sujeita à retenção regulamentar, com liberação dentro da ordem cronológica dos despachos (Art. 4.º e seus parágrafos).

§ 2.º — Os cafés das séries "DESPOLPADOS" e "PREFERENCIAIS" terão encaminhamento direto aos portos para pronta liberação, desde que satisfaçam os seguintes requisitos:

I — Quanto aos "DESPOLPADOS":
- a) colheita em cereja;
- b) boa seca;
- c) côr e torração uniformes e características;
- d) tipo não inferior a 4 (quatro) em média de cada lote, não se admitindo cafés inferiores ao tipo 5 (cinco);
- e) bebida característica;
- f) não macerados (colhidos sêcos).

II — Quanto aos "PREFERENCIAIS":
- a) boa sêca;
- b) côr uniforme (não serão admitidos os cafés "chumbados" ou "barrentos");
- c) boa torração;
- d) tipo não inferior a 4 (quatro) em média de cada lote, não se admitindo cafés inferiores ao tipo 5 (cinco).

ARTIGO 3.º — Todos os cafés recebidos a despacho deverão ser transportados, dentro de 30 dias, para os portos de destino ou armazéns de retenção, de acôrdo com as intruções baixadas pela Diretoria do Instituto Brasileiro do Café para execução deste Regulamento.

§ 1.º — A retenção de café far-se-á sempre em armazéns gerais ou não, indicados pelo I.B.C. e por conta deste, salvo as exceções expressamente admitidas pela Diretoria para determinados portos, caso em que se permitirá a retenção em armazéns gerais, por conta dos remetentes, na forma do parágrafo seguinte.

§ 2.º — Ao chegar ao destino, os cafés que forem transportados por qualquer outro meio que não o ferroviário deverão ser recolhidos por conta do consignatário a companhias de armazéns gerais que tenham satisfeito prévia e integralmente as condições que o I.B.C. estabelecer. Esses cafés ficarão intocáveis nos referidos armazéns, enquanto sua liberação não for autorizada. Os cafés vindos por estradas de ferro sòmente serão desembaraçados no pôrto na época de sua liberação, conforme instruções do I.B.C.

ARTIGO 4.º — Ressalvadas as exceções do § 2.º, haverá uma ordem cronológica em cada porto para efeito de liberação dos cafés comuns. (Art. 2.º, § 1.º).

§ 1.º — Entender-se-á por data do despacho a da emissão do conhecimento ferroviário e, nos demais meios de transporte, a da entrada do café nos armazéns de retenção.

§ 2.º — A ordem cronológica será respeitada com a tolerância máxima de 9 (nove) dias, dentro da respectiva dezena de dias. Assim, em relação aos cafés despachados ou recebidos entre os dias 1 e 10 de um mês, a liberação poderá abranger, indistintamente, qualquer deles.

ARTIGO 5.º — Será paralizada a liberação de cafés nos portos, quando seus estoques atinjam os seguintes limites:

Santos	2.500.000	sacas
Rio	1.000.000	"
Paranaguá	1.000.000	"
Vitória	300.000	"
Angra dos Reis ...	100.000	"

§ 1.º — Os limites acima poderão ser majorados pela Diretoria do I. B. C. até 20%, quando julgado conveniente.

§ 2.º — A liberação nos portos dos cafés "PREFERÊNCIAIS" e "DESPOLPADOS" independerá dos limites fixados neste artigo, procedendo-se, a seguir, ao reajustamento com a restrição na entrada dos cafés "COMUNS".

ARTIGO 6.º — A classificação dos cafés "DESPOLPADOS" e "PREFERENCIAIS", nos portos, e consequente liberação ou apreensão, devem ser procedidas pelo I.B.C. no prazo máximo de 10 dias de sua chegada à estação ou da entrada nos armazéns gerais, conforme por o caso.

§ 1.º — As firmas que possuam armazéns nos portos poderão solicitar ao I.B.C. que os cafés "PREFERENCIAIS" a elas consignados e vindos por via férrea sejam classificados antes do desembaraço na estação, a fim de que, uma vez liberados, possam ser recolhidos diretamente àqueles armazéns.

§ 2.º — Ao consignatário de cafés "PREFERENCIAIS" ou "DESPOLPADOS", que o I. B . C. julgue não satisfazer às exigências deste Regulamento, é assegurado o direito de requerer reclassificação dentro de cinco dias, a contar da data em que tomar ciência da apreensão. Ser-lhe-ão, igualmente, fornecidas três amostras de cada lote do café apreendido.

ARTIGO 7.º — Os cafés despachados como "PREFERENCIAIS" ou "DESPOLPADOS", que não satisfaçam às respectivas exigências, ficarão no porto, por conta do consignatário, para liberação no final da safra. Não se permitirá o rebenefício e catação para enquadramento desses cafés, salvo para substituição por igual quatidade de cafés liberados, ficando êstes retidos até o fim da safra.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os cafés "DESPOLPADOS", que apenas não satisfaçam os requisitos da letra "d" do item I do § 2.º, poderão ser catados no pôrto para enquadramento e liberação.

ARTIGO 8.º — Ao chegar aos portos ou localidades equiparadas (art. 1.º) todos os cafés serão encaminhados aos armazéns onde devam ficar retidos enquanto sua liberação não fôr autorizada pelo I.B.C. (art. 3.º e art. 6.º). Os cafés transportados por via ferroviária não poderão ser desembaraçados pela emprêsa transportadora sem ordem do I.B.C.

PARÁGRAFO ÚNICO — À chegada ao pôrto de exportação, far-se-á a fiscalização pelos documentos emitidos pelas emprêsas transportadoras e guias ou talões do imposto ou taxas pagas aos Estados de procedências, devidamente visados pelo respectivo serviço de fiscalização local, quando houver.

ARTIGO 9.º — As emprêsas transportadoras ficam obrigadas a comunicar ao Instituto Brasileiro do Café as quantidades de café recebidas a despacho na respectivas agências, em cada dezena de dias, descriminando:

a — localidade de procedência;

b — o pôrto de destino.

Essa comunicação deverá ser feita no máximo, até 8 (oito) dias após o encerramento de cada dezena (Art. 4.º, § 2.º).

§ 1.º — O cancelamento de despacho destinado a pôrto de exportação, ou a alteração do destino primitivo, só poderá ser feito mediante autorização do Instituto Brasileiro do Café.

§ 2.º — Do novo conhecimento ferroviário ou guia de transporte rodoviário deverá constar o número do conhecimento substituido, bem assim a data primitiva de embarque, que é a que irá prevalecer para efeito da ordem cronológica de liberação.

§ 3.º — Não será permitida a tranferência de café do disponível de um pôrto de exportação para outro.

ARTIGO 10.º — Os conhecimentos ou guias de transportes e quaisquer outros documentos representativos de remessa de café para os portos de exportação estão sujeitos obrigatòriamente a registro no pôrto de destino.

§ 1.º — É obrigatória a declaração no conhecimento de frete ou documento comprobatório de remessa de café para os portos de exportação, do nome do município onde foi produzido o café.

§ 2.º — Os documentos sujeitos ao registro, de que trata êste artigo, devem ser apresentados para êsse fim à agência do Instituto Brasileiro do Café, no pôrto de destino, dentro do prazo máximo de 60 (sessenta) dias, a contar da data de sua emissão, quando se trate de despachos ferroviários. Nos demais casos, será feito o registro na ocasião do recolhimento do café ao armazém, onde ficará retido.

§ 3.º — O Instituto Brasileiro do Café, ao lançar nêsses documentos a anotação do registro, apôr-lhes-á um carimbo com os dizeres: SAFRA 1957/58.

§ 4.º — Na hipótese de não serem os conhecimentos ferroviários registrados em tempo, os cafés que se encontrarem no destino passarão a ser onerados com a armazenagem estabelecida pelo Regulamento Geral dos Transportes, mesmo quando o café seja liberado em prazo inferior ao estabelecido para o registro.

ARTIGO 11.º — As emprêsas transportadoras só poderão admitir a despacho cafés acondicionados em sacaria marcada, pesando 60 (sessenta) quilos líquidos. A marcação será de molde a evitar confusão e perfeitamente concorde com as indicações do respectivo conhecimento ou guia de transporte.

PARÁGRAFO ÚNICO — Em se tratando de cafés "DESPOLPADOS" ou "PREFERENCIAIS", a marcação conterá, além do previsto neste artigo, mais a contra-marca "DESP" ou "PREF", respectivamente.

ARTIGO 12.º — Às emprêsas transportadoras, que emitirem conhecimentos sem o efetivo recebimento dos cafés declarados nêsses documentos, sem prejuízo das sanções penais, será aplicada a multa de quinhentos cruzeiros (Cr$ 500,00) por saca e do dôbro em caso de reincidência. Em igual penalidade incorrerão as pessoas físicas ou jurídicas coniventes na infração.

ARTIGO 13.º — A infração dos dispositivos dêste Regulamento dará lugar à imposição de multa de quinhentos cruzeiros (Cr$ 500,00) a um mil cruzeiros (Cr$ 1.000,00) por saca de café, calculada sôbre o total da remessa a que se refira infringência.

ARTIGO 14.º — As infrações dos dispositivos dêste Regulamento serão apuradas nos têrmos da legislação vigente, em processo administrativo iniciado com auto de infração.

§ 1.º — O auto de infração será circunstanciado, com informação completa da infração arguida e capitulação precisa dos dispositivos infringidos.

§ 2.º — Lavrado o auto de infração e não se declarando ciente o infrator, caberá à autoridade atuante certificar essa recusa. Nêste caso ou quando não seja encontrado o infrator, far-se-á a intimação por edital publicado no "Diário Oficial".

§ 3.º — Terá o autuado o prazo de 30 (trinta) dias para se defender, contado de sua ciência ou data da publicação do edital de intimação.

§ 4.º — Expirado a prazo de que trata o parágrafo anterior, os autos serão conclusos ao presidente da Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, para julgamento dentro de 30 (trinta) dias.

§ 5.º — Da decisão do presidente da Diretoria caberá recurso, sem efeito suspensivo, para a Junta Administrativa, mediante prévio depósito da multa aplicada, quando for o caso.

Disposições gerais e transitórias

ARTIGO 15.º — É permitida a substituição de cafés retidos por igual quantidade de cafés liberados nos portos, desde que sejam êstes recolhidos aos armazéns ou reguladores sob fiscalização do I.B.C. para serem liberados oportunamente na ordem cronológica daqueles.

§ 1.º — A substituição sòmente será concedida uma vez verificado pelo I.B.C. que o café recolhido se enquadra no disposto pela Resolução n.º 76 da Junta Administrativa.

§ 2.º — As despêsas decorrentes da substituição e retenção correrão por conta do interessado.

ARTIGO 16.º — Nos Estados onde não haja armazéns reguladores é facultada a retenção de cafés no interior, por conta do I.B.C., em armazéns gerais ou outros, sempre indicados por êste.

ARTIGO 17.º — É facultada a remessa de cafés "PREFERENCIAIS" ou "DESPOLPADOS" para armazéns do I.B.C. ou armazéns gerais especialmente indicados por êste, situados fora dos portos, procedendo-se aí à conferência e liberação. As despesas correrão por conta dos remetentes quando se tratar de armazéns gerais.

ARTIGO 18.º — Os despachos de café da safra 1957/58 terão início a 1.º de julho de 1957 e terminarão a 30 de abril de 1958, com exclusão dos despachos da série "DESPOLPADOS", cujo término será a 30 de junho de 1958.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os cafés encaminhados para os portos, a partir de 30 de abril de 1958, terão seu registro, para efeito de liberação por 30 (trinta) dias, a partir da abertura da nova safra.

ARTIGO 19.º — A Diretoria do I. B. C. poderá autorizar a antecipação da entrada de café de determinada região, quando haja falta dos mesmos nos portos tributários.

ARTIGO 20.º — A liberação dos cafés remanescentes da safra anterior será feita, para os primeiros, na proporção de 70% da entrada no pôrto.

ARTIGO 21.º — O reajustamento dos estóques nos portos para novos limites far-se-á na base de 20% do volume exportado pelo mesmo no mês anterior.

Rio de Janeiro, 3 de maio de 1957.

PAULO GUZZO — Presidente da Diretoria do Instituto Brasileiro do Café.

ARMANDO SETTI — Presidente da Junta.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 470 — 18-5-57)

Folhas e pegamento dos frutos

Sabe-se que há uma boa relação entre a quantidade de folhas do cafeeiro e a capacidade de dar boa produção. Estudos feitos na Índia (Eight An. Report — Coffee Board 1954/55), vieram indicar que isso realmente se dá. Para tanto marcaram-se vários ramos de café da variedade Kent, que foram divididos em dois grupos: A, com todas as folhas presentes e B, ramos com menor número de folhas, mas com o mesmo número de nós que em A. Foram contadas as flores e depois a quantidade de cerejas, determinando-se a porcentagem de pagamento. As médias gerais para os rumos do tipo A foram de 62,12% em 1953 e 61,17 em 1954. Para os ramos B, essas médias foram de 51,62 e 54,19%, respectivamente. As diferenças notadas são significantes, podendo-se concluir que nos ramos com igual número de nós, os de maior número de folhas a frutificação é melhor.

Cafés inferiores

A Angola prococupa-se atualmente com a expansão do café Arábica no território vizinho do Congo Belga. Nesta região a produção de Arábica em 1950 foi de 13.800 toneladas subindo para 22.000 em 1955, enquanto êsses dados para o Robusta foram de 19.400 e 21.600, respectivamente. Em janeiro de 1955 o Robusta era cotado a 53 francos o quilograma, tendo descido para 32.59 em outubro de 1956. O oposto aconteceu com o Arábica, cujo preço em janeiro de 1953 era de 69 francos, cotando-se a 82 no mês de outubro. Enquanto o Robusta teve depreciação de 19,50 francos o Arábica teve acréscimo de 13 francos. As informações são de que enquanto os cafés Robustas caminham para a superprodução os Arábicas têm bons mercados e firmes cotações. Daí o interêsse que ora vem despertando o cultivo do Arábica em Angola.

Ensaios sôbre germinação

Desde 1954 vêm sendo feitos ensaios sôbre a germinação do café na Índia, procurando-se verificar a diferença da semeação com o pergaminho intacto, com o pergaminho quebrado ou sem pergaminho, êste último ensaio em épocas diferentes. Os dados obtidos vêm mostrando que as sementes sendo novas não há diferença entre a germinação das sementes com pergaminho inteiro, trincado ou sem pergaminho. Á medida que as sementes envelhecem a porcentagem de germinação decresce. As sementes sem pergaminho nascem mais depressa, cêrca de 15 dias antes que as demais.

(De "O Estado de São Paulo", 17-4-57)

Assume aspectos graves o problema da mão de obra na cafeicultura de Angola

Ao enorme incremento das áreas de plantações de café em Angola nos últimos anos, vêm correspondendo necessidades crescentes de mão de obra, não sendo hoje já suficientes, neste particular, as disponibilidades da região, escreve na "Revista do Café Português" o engenheiro-agrônomo Jorge Trancoso Vaz, que examina o problema em face do desenvolvimento da cafeicultura naquela área portuguesa da África. Embora a zona tivesse sido outrora densamente povoada, as suas populações nativas foram largamente dizimadas pela terrível tsé-tsé, ressentindo-se ainda hoje dessa calamidade algumas áreas. Sucede ainda, segundo aquêle especialista, que o indígena, levado pela valorização do café, tem intensificado as suas plantações aproveitando os "muxitos", tal como o europeu, e que a sua produção é de há muito uma realidade na economia da província de Angola.

Assim, é possível que diminua o número daqueles que poderão prestar serviço por conta de outrem, já que o tratamento de suas lavouras lhes observará todo o tempo. Afirma o engenheiro-agrônomo Jorge Trancoso Vaz que não se vislumbram possibilidades efetivas de reduções maciças nas necessidades de mãos de obra pela mecanização, que nas plantações normais da região, pela irregular disposição das sombras e pelo declível muitas vêzes acentuado do terreno, se torna praticamente inviável.

PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO

O engenheiro-agrônomo Jorge Trancoso Vaz afirma que o problema se afigura de difícil solução: falta, por um lado, a mão de obra que, inversamente ao esfôrço da ocupação, se vai tornando cada vez mais rara. Julga que não pode e nem se deve, por outro lado, entravar-se a expansão da cafeicultura, que há anos vem sendo incrementada e se mantém na região num rítimo dificilmente igualado. Não sendo possível dispor de pessoal necessário para garantir a continuidade dos trabalhos no estado atual do seu desenvolvimento, restaria no momento, como único recurso, a utilização do indígena de outras regiões mais pobres, onde a carência não se faça sentir com tão grande intensidade. São, no entanto, tão flagrantes os inconvenientes resultantes da adoção de semelhante medida, diz aquêle especialista, que só como recurso temporário ela deverá ser encarada. O indígina do sul da província desconhece, por via de regra, o cafeeiro e a sua técnica de produção. Haveria que contar, portanto

com um largo período de adaptação à região, seus costumes e, pròpriamente, a uma cultura para a qual não está preparado. Tem-se que admitir, assim, que para poder dar um rendimento apreciável de trabalho deverá decorrer **um ano, no mínimo,** a fim de que possa acompanhar a sucessão das diversas operações ao longo de um período vegetativo da planta.

Diante do problema, o engenheiro agrônomo Jorge Trancoso Vaz, depois de salientar que êle tende a agravar-se dia a dia, só vê as duas seguintes soluções: a) a fixação voluntária de indígenas de outras áreas mais pobres, com suas famílias, sob o patrocínio das autoridades e b) a evolução do tipo de exploração de forma a encarar-se de maneira eficaz a colonização européia.

FIXAÇÃO DE FAMÍLIAS EUROPÉIAS

Assinala o técnico português que muitos se vangloriam hoje ao anunciar os seus milhões de pés de café, mas raros serão aqueles que ao plantá-los ponderaram nas suas possibilidades econômicas e, sobretudo de mão de obra para os poder manter convenientemente. Daí o virarem-se seguidamente para as entidades competentes na esperança de que elas possam resolver-lhes seus problemas. Raros serão ainda aqueles, frisa, que quer pela seleção da semente, quer pela melhoria da técnica da cultura (fertilizações oportunas, maior esmero nas capinas, poda conveniente, etc.) tentaram obter aumentos substanciais nas suas produções unitárias. Levando em consideração que a intensificação da cultura e a melhor preparação técnica do produto só se consegue à custa de mão de obra adestrada, afirma o técnico que pela fixação de famílias européias seria possível atingir aquêle desiderato. E acrescenta.

— "O que nos parece ser atribuição do produtor é a preparação de ambiente condigno, capaz de estimular ao trabalho o pessoal importado: instalações um pouco mais amplas que as reservadas aos indígenas, já que se destinam a famílias, assistências médicas, razoáveis condições materiais e deslocações periódicas à metrópole para o indispensável retemperamento da saúde, Desde que estas deslocações se operassem por escalonamento, o encargo para o produtor não seria exagerado. De fato, é preciso não abstrair do gasto anual em angariamento e transporte do pessoal que atualmente se verifica e que com a aplicação da medida preconizada deixaria de existir.

O EXEMPLO DO BRASIL

Lembra o Engenheiro-agrônomo Jorge Trancoso Vaz o exemplo do Brasil, onde "cada unidade — homem de trabalho pode cultivar 3 a 3.500 pés de café". Êste índice poderia ser perfeitamente adaptado ao caso angolano. Considerando-se a

exploração familiar, acentua, pode-se arbitrar-lhe 3 unidades-homem de trabalho, o que corresponderá a cêrca de 10.000 pés. Isto significa que cada família estaria em condições de trabalhar a área de 10 hectares. E porque requer a existência de subsistências para a sua manutenção, automàticamente tenderia a desaparecer o caráter de monocultura que a exploração regional representa. Diz ainda aquêle especialista que grande parte de Angola possuí razoáveis condições para a fixação de colonos. O tipo da grande exploração atualmente poderia ser subdividido em pequenas parcelas em regime de cultura familiar. Desta forma, por administração direta, ou por arrendamento em regime de parceria, ter-se-ia resolvido, pelo menos nos casos mais cruciais, o magno problema da de mão de obra para a cafeicultura de Angola.

(Da "Fôlha da Manhã", 7-4-57)

Sementes despolpadas de café. O pergaminho pode tornar-se gretado, mas pràticamente não se reduz de volume com a perda de água da semente

PROIBIDA A EXPORTAÇÃO DE CAFÉ ABAIXO DO TIPO 8

Em 9 de abril o IBC baixou a seguinte Resolução, que tomou o número 76: — "A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no exercício de suas atribuições e tendo em vista deliberação da Junta Administrativa no sentido de fixar novos limites de tipos dos cafés negociáveis, de acôrdo com o que dispõe o art. 3.º, inciso 5, combinado com o art. 13, inciso I, da Lei n.º 1.779, de 22 de dezembro de 1952, Resolve.

Art. 1.º — São permitidos o trânsito, o comércio e a exportação de café até tipo 8 inclusive, desde que não contenha mais de 1% de impurezas (paus, pedras, cascas, torrões, etc.).

Art. 2.º — É proibida, difinitivamente, a exportação de café abaixo do tipo 8, sob qualquer pretexto ou condição, a partir de 1.º de julho de 1957.

Art. 3.º — O I.B.C. exercerá severa e rigorosa fiscalização nos cafés que entrarem nos portos, no momento de serem recolhidos aos armazéns reguladores, apreendendo os que não atenderem às exigências legais e regulamentares, sujeitando-os ao rebenefício por conta dos seus proprietários, com a perda dos detritos e escolhas que serão inutilizados pelo I.B.C.

Art. 4.º — Fica proibida, na safra a começar em 1.º de julho de 1958, a exportação de cafés abaixo do tipo 7/8.

Art. 5.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 9 de abril de 1957.
(a) Paulo Guzzo — "Presidente".

(Do "Boletim da Associação Comercial", 27-4-57 — n.º 467)

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ, EM 31 DE MARÇO

De acôrdo com dados estatísticos do Instituto Brasileiro do Café, era a seguinte a posição estatística do café em 31 de março último: saldo verificado em 30 de junho, 6.730.000 sacas, sendo 2.874.000 sacas, a liberar e 3.856.000, estoque disponível nos portos. Café registrado de julho a março 11.980.000, sendo cafés de safras anteriores 30.000, 11.921.000 da safra em curso e 29.000 café revertido ao mercado, isto é, cafés que a Comissão de Financiamento da Produção entregou a firmas de Santos, para cobrir os prejuízos da enchente ocorrida em 1956. O consumo, de julho a março último, foi de 12.836.000 sacas, sendo 12.294.000 exportadas para o exterior, 181.000 comércio de cabotagem, sendo 43.000 consumo no interior e industrializado e 318.000 consumidas nos portos . A existência em 31 de março era, portanto, de 5.874.000 sacas, incluindo o café existente nos portos, em trânsito e nos Armazéns Reguladores.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", 27-4-57 — n.º 467)

Preparo de viveiros para mudas de café

O viveiro do café é indispensável em tôda fazenda. Quanto maior o capricho em obter uma boa muda, tanto maior a possibilidade de se conseguir uma boa replanta.

O viveiro deve preencher aos seguintes quesitos: ser próximo, para melhor fiscalização; deve ter água acessível, para a necessária irrigação e as terras não podem ser muito pobres, para que haja economia de adubo.

VIVEIROS CAROS E BARATOS

O viveiro pode ser feito de dois tipos: O primeiro, feito debaixo de árvore cuja sombra não seja muito intensa, apresenta a vantagem de ser mais barato, porém traz a inconveniência de serem prejudicadas as mudinhas de café pelas das árvores. O segundo exige a construção de um ripado. É o sistema melhor, apesar de ser mais caro. Um bom ripado pode ser construido com colunas de alvenaria, vigotas trabalhadas e ripas. É muito estético, solido, porém dispensioso.

Há ainda um tipo mais modesto, mais acessível, que alcança plenamente a mesma finalidade: é aquêle construido com mourões de eucaliptos e bambús. O bambú para ser melhor aproveitado, é partido ao meio, no sentido do comprimento e o espaço entre um e outro é igual à largura do próprio bambú. A sua posição da coberta é N-S. Obtem-se assim uma meia-sombra durante quase tôdo dia.

USANDO ARMAÇÕES

Em caso de muita urgência ou se as condições do fazendeiro não permitirem no momento a construção do ripado, deve-se lançar mão do seguinte recurso: prontos os canteiros em um local previamente estudado, são construidas sôbre êstes, com forquilhas e galhos de árvore, armações baixas (mais ou menos de 50 centímentros). Sôbre estas armações, então, estendem-se esteiras de bambus. Essas esteiras protegem os canteiros evitando uma isolação muito intensa.

É aconselhável em qualquer dos casos, cobrir os canteiros, uma vez semeados, com uma camada leve de capim sêco. O canteiro ficará assim protegido contra os estragos das chuvas.

DETALHES DOS CANTEIROS

O comprimento variará de conformidade com o terreno. A melhor largura é de 2 metros. Os canteiros serão feitos contrariando sempre as águas. Entre um e outro deve haver um caminho de 50 cm para a passagem dos operários. De distância em distância faz-se um caminho maior de 3 metros, para facilitar o tráfego e saida das mudas.

A água deve ser distribuida de tal maneira que todos os canteiros a recebam com facilidade.

Inicialmente é feita, nos canteiros, com enxadão ou pá uma cova muito bem trabalhada e logo a seguir se faz o nivelamento dêstes. Êste serviço pode também ser feito com enxada rotativa, desde que se disponha desta máquina.

No caso do viveiro ser instalado debaixo de árvore, em terra boa, onde haja terríco, é suficiente o revolvimento da terra.

ADUBAÇÃO POR M2

Se a terra for pobre, deve-se adicionar uma boa adubação, por metro quadrado de canteiro, de: esterco 5 a 10 quilos; farinha de ossos 200 gramas, cloreto de potássio 100 gramas e sulfato de amônio ou salitre do Chile 100 gramas.

Para a adição do adubo, procede-se assim: após o nivelamento, espalha-se o estêrco sôbre o canteiro, em camada uniforme, e sôbre êle se põe depois o adubo químico. Faz-se nova cova com enxadão, enterrando-se o adubo.

Também esta operação pode ser realizada com auxílio da enxada rotativa. Assim para o caso de um canteiro que tenha as dimensões de 20 metros por 2 metros, ou sejam 40 metros quadrados, empregar-se-ão as seguintes quantidades: estêrco de 200 a 400 quilos, farinha de osso 8 quilos, cloreto de potássio 4 quilos e sulfato de amônio ou salitre do Chile 4 quilos.

(Do "Diário de São Paulo", 26-4-57)

★

Substitua progressivamente o seu cafèzal velho e deficitário por um replantio cuidadoso, feito com boas semente e boas adubações. Defenda o solo da erosão por meio de curvas de nível, cordões, terraços, faixas de vegetação, carpas alternadas.

Colha sòmente os cafés maduros.

Seque e beneficie com cuidado.

EM ATIVIDADE A JUNTA ADMINISTRATIVA DO I B C

A 24 do corrente, em sua séde, à rua do Ouvidor 87ª, iniciou os trabalhos referentes à sua primeira sessão do ano corrente, a Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café. O ato de instalação da sessão, sob a presidência do dr. Arnaldo Setti, contou com a presença do dr. José Maria Alkmin, ministro da Fazenda, e do dr. Paulo Guzzo, presidente do IBC. O presidente da Junta Administrativa, dr. Arnaldo Setti, fêz uma exposição sôbre os trabalhos realizados. A seguir, o ministro José Maria Alkmin pronunciou breve discurso, frisando que "os que entendem de café falam pouco sôbre o produto, acontecendo o contrário com os que pouco entendem dêle". O ministro da Fazenda declarou que trazia à Junta suas expressões de solidariedade como parte do govêrno, que é a Junta. Suas deliberações são sempre equacionadas da melhor forma, pelo que o govêrno deposita na sua ação irrestrita confiança, no estudo e nas soluções apontadas para os problemas cafeeiros. Disse, ainda, o ministro que o govêrno, na política cafeeira, inspira-se sòmente nos órgãos técnicos, criados para essa finalidade. Reiterou que a sua visita se traduzia no apôio as decisões tomadas pela Junta, para o momentoso problema do café, o maior carreador de divisas para o país. Antes, o sr. Alciro Sousa Poubel saudara o ministro, enaltecendo também a atuação do sr. Arnaldo Setti na direção da Junta e a do sr. Paulo Guzzo, na presidência do IBC, acentuando que o govêrno pode confiar na autarquia, tanto administrativamente, como na orientação da política cafeeira. Analizando a conjuntura cafeeira, o predidente do IBC apresentou o seu relatório. Disse que o cefé participou da receita de divisas com 48, 78%, em pleno segundo império, para chegar a 69, 5%, em 1956, revelando os dados referentes à exportação, neste último ano, de valor correspondente a US$ 1.029.762.180,00, num total de US$ 1.470.820.805,00. Disse o sr. Paulo Guzzo que a importação, nos Estados Unidos, em 1956, foi de 21.237.816 sacas, registrando-se um aumento de .... 1.587.317 sacas, sôbre a ano anterior. Desses dados, verifica-se que as exportações brasileiras de café obsorveram não sòmente êsse excesso de 1.587.317 sacas e, ainda mais, 610.606 sacas, que representam um ganho sôbre os concorrentes, que foram deslocados nessa mesma proporção. A Europa importou, em 1956, 12.518.911 sacas, contra 11.372.398 sacas, em 1955. Houve, portanto, um aumento de 1.147.513 sacas, ou seja, cêrca de 10%. O aumento da exportação brasileira de café para a Europa foi da ordem de 17%. Desse aumento, o Brasil porticipou com 69, 6%, o que corresponde a 802.667 sacas. Frisou o presidente do IBC, a seguir, que, se auspicioso foi o resultado das exportações, o mesmo não se pode dizer da produção, onde houve aspectos contraditórios. "Assim é que, apesar da receita câmbial, decorrente do produto ter alcançado, no exercício anterior, um aumento de 22% sôbre o de 1955, com volume físico dos mais significantes nos últimos tempos, esta situação não se espelhou na conjuntura agrícola, em que o "quantum" do café foi menos 22,2%, relativo ao mesmo ano de 1955. Isto vale dizer que em que pese o preço, satisfatòriamente remunerativo do produto, representou êle, na verdade, um aspecto negativo na renda agrícola. Decorre que face à falta

de chuvas nas floradas, e excesso de pluviosidade na colheita, bem como às geadas em 1955, no Paraná, o apurado foi em pouca quantidade e inferior em qualidade".

Referiu-se o sr. Paulo Guzzo à posição estatística do produto, em face à União Econômica da Europa, com a criação de um mercado comum, aconselhando alerta e vigilância; discorreu sôbre a elaboração do "Plano de Economia Cafeeira a longo prazo", ao anunciado acôrdo internacional, e passou, em seguida, a tratar da assistência à cafeicultura, segundo o plano já aprovado pela Junta, no ano passado, e em plena execução. Abordou também o problema da torrefação e da moagem, aos estudos realizados no Exterior pelos diretores Milton Ferreira de Paiva e Otávio Cintra Leite, e ao seu próprio comparecimento à última reunião do Conselho Diretor do "Bureau Pan-Americano do Café. Seguiram-se referências à administração da autarquia.

A Junta Administrativa do IBC, nos dias 25 e 26, realizou reuniões de Comissões, ficando marcada para hoje, sábado, dia 27, a primeira sessão plenária.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 470 — 18-5-57)

AMEAÇAS QUE PESARIAM SÔBRE O CAFÉ LATINO-AMERICANO

O journal "La República" assinala, em editorial a ameaça existente para o café latino-americano, por parte das plantações da Ásia e da África, e devido ao pacto econômico sôbre o mercado comum europeu. Entre outros perigos existentes, epecialmente para o café colombiano, o jornal assinala o aumento da produção na América Central e o desenvolvimento atingido no consumo de café solúvel. "Para solucionar o problema cafeeiro", acrescenta, deu-se um grande passo com o acôrdo cafeeiro subscrito pelo México e países da Zona das Caraibas; entretanto, deve-se continuar procurando um acôrdo continental, e intensificar a propaganda de qualidade excelentes, para evitar novos avanços do café solúvel.

(Do "Boletim da Associação Comercial", 27-4-57 — n.º 467)

Nomeado o representante da Praça de Santos

O presidente da Republica assinou decreto, na pasta da Fazenda, exonerando de representante do comércio de café da praça de Santos na Junta Administrativa do IBC o sr. Geraldo G. de Mello Peixoto e nomeando para substituí-lo o sr. Alceu Martins Parreira, o qual deverá, assim participar das próximas reuniões daquele órgão.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 470 — 18-5-57)

"Decorre das más condições climatéricas a sêca dos ponteiros do cafeeiro

CONCLUSÃO DOS ESTUDOS EFETUADOS PELO SR. A. A. BITENCOURT E SRA. EDIL PINHEIRO

Comunicamo-nos da Secretaria da Agricultura:

"A Divisão de Biologia Vegetal do Instituto Biológico acaba de tornar público o seguinte trabalho do sr. A. A. Bitencourt e Sra. Edil Pinheiro sôbre "A Sêca dos Ponteiros do Cafeeiro na Presente Estação":

"A sêca dos ponteiros, uma doença comum em diversos países cafeicultores (die-back, nas colonias inglesas da África), é conhecida em São Paulo, desde os primeiros tempos da cultura dos cafeeiros. É bem típico o aspecto dos velhos cafèzais, principalmente em terras pobres, com suas varas secas por cima de uma saia de folhagem verde. As causas da seca dos ponteiros são várias apuradas. A pobreza do solo em elementos fertilizantes, — quer os principais como azôto, fósforo, potássio e cálcio, quer os chamados elementos menores: magnésio, ferro, zinco, cobre, manganês, etc. — é sem dúvida alguma, em tempo normal, o principal fator da sêca dos ponteiros, o que explica a sua maior intensidade nos solos fracos ou cansados e nos cafèzais velhos. Mas há outros fatores que contribuem para agravar os seus efeitos como os períodos de prolongada estiagem, a colheita por derriça e diversos agentes parasitários secundários.

"De alguns anos para cá e principalmente na presente estação, a sêca dos ponteiros vem assumindo um caráter mais grave, aumentando cada vez mais o número de consultas de fazendeiros agrônomos, recebidas pelo Instituto Biológico, nestes últimos meses. Poder-se-ia ter a impressão que o surto atual de sêca dos ponteiros é o resultado do aparecimento de uma nova doença que estaria se alastrando aos nossos cafèzais e o exemplo da tristeza dos Citrus nos impede de afastar completa e definitivamente esta hipótese. Foram precisos muitos anos para que os fitopatologistas se convencessem de que a tristeza dos Citrus não era causada por fatores metereológicos desfavoráveis, como o excesso ou deficiência de chuvas, ou por más condições do solo, qual o seu enxarcamento ou a falta de elementos menores indispensáveis aos Citrus. O fato de que a tristeza, com todos os seus sintomas de doença causada por condições desfavoráveis do ambiente, é uma doença infecciosa, que se transmite e espalha fàcilmente quando existe um vetor eficiente, nos recomenda prudência ao afastar a hipótese de uma nova doença transmissível do cafeeiro, como causa do atual surto da sêca dos ponteiros.

"Enquanto não é provada tal possibilidade, entretanto, preferimos procurar em fatores naturais a causa do aumento da sêca dos ponteiros na presente estação. Estamos atravessando um inverno excepcionalmente chuvoso e em maio e junho o cafeeiro, e mmuitos lugares, continuou a ve-

getar, formando até brotações novas, o que é pouco usual nesta época do ano. Em tempo normal, a cessação das chuvas e o início da estação fria fazem com que o cafeeiro entre num período de repouso relativo. Cessam as brotações, as falhas tornam-se mais coriáceas e os ponteiros menos suculentos. O frio, salvo quando muito intenso, causa poucos estragos aos cafeeiro e na ausência de geada os nossos cafèzais atravessam o inverno sem maiores prejuízos. As chuvas invernais descomunais que estamos tendo este ano fizeram com que o cafeeiro se mantivesse em estado de vegetação ativa, numa época em que ele normalmente está praticamente em repouso vegetativo. Nestas condições, as fôlhas e a extremidade verde dos ramos são muito suscetíveis ao frio e, mesmo sem geada, tôda a parte verde do cafeeiro manifesta sintomas que consistem em clorose das fôlhas novas, queda das fôlhas, queima das margens das fôlhas, e dos brotos terminais, manchas escuras em diversos pontos das extremidades dos ramos. Acreditamos que uma insolação excessiva e repentina, como acontece quando fôlhas, até então sombreadas pela própria folhagem do cafeeiro, são bruscamente expostas ao sol pela queda de outras fôlhas, aumenta consideràvelmente a clorose e a queima das fôlhas. Contribuem igualmente para o agravamento desses sintomas os ventos frios que sopram nas partes mais expostas dos cafèzais. Bem entendido, o efeito do frio se acresce ao das deficiências do solo e é nas terras mais pobres e mais cansadas que a sêca dos ponteiros, se apresenta com a maior gravidade. Mas ao passo que a sêca até este ano se infestava principalmente nos cafèzais velhos, nesta estação ela tem aparecido de uma maneira inquietadora nos cafèzais novos. Acreditamos que isto seja devido a que estes, tanto ou mais que os cafeeiros velhos, conservaram-se em estado ativo de vegetação e tornaram-se mais suscetíveis ao efeito do frio.

"Temos observado que a combinação do frio e umidade destes últimos tempos têm favorecido certas doenças do cafeeiro que normalmente não apresentam gravidade. É este o caso da cercosporiose o u mancha do olho pardo. Esta doença é banal e existe em todo o mundo onde se cultiva o cafeeiro. Em São Paulo não há cafeeiro que não presente algumas dessas manchas e, salvo em viveiros úmidos e excessivamente sombreados, os danos que elas causam são que sempre minimos. Este ano ocorreram os casos mais graves de cercosporiose que até hoje observamos. Em alguns lugares a doença aparece ter causado uma queda das folhas, acrescentando os seus efeitos aos da sêca dos ponteiros. Recentemente observei uma doença doença que raramente foi assinalada em São Paulo, a septoriose, que causa manchinhas menores e com dores mais vivas que a cercosporiose. É provável que a septoriose esteja sempre presente nos nossos cafèzais, mas sòmente se torna visível quando o frio e a úmidade, como nestes últimos tempos, favorecem o aumento de seu ataque, conforme aconteceu com a cercosporiose. A nova doença do cafeeiro, a mancha bacteriana ou mancha aureolada, também parece ter sido favorecida pela umidade associada ao frio. O Instituto Biológico recebeu recentemente material de cafeeiros atacados por esta doença, com predominancia da queima dos ponteiros e das manchas dos ramos, dois aspectos particularmente graves da mancha bacteriana.

"Se a nossa interpretação das causas do surto atual da sêca dos ponteiros é correta, é possível que ele cesse com a normalização das condi-

ções meteorológicas. É certo, porém, que os prejuízos maiores que a doença é capaz de causar ainda não se manifestaram. Devemos esperar uma florada diminuida e uma queda de produção da próxima safra, tanto maior quanto tiverem os cafèzais sofrido da sêca dos ponteiros. Mas o fato do atual surto dessa doença ser devido a fatores de ambiente leva a conclusão que pouco é possível fazer para impedir ou, mesmo simplesmente, prevenir os seus efeitos. Os cafeicultores deverão, entretanto, dispensar com muito maior razão os tratos exigidos pelo cafeeiro nesta época do ano. É principalmente a adubação racional que pratica no inverno que deve merecer seus cuidados, pois é indispensável que os cafeeiros prejudicados pela sêca dos ponteiros sejam revigorados, a fim de que produzam na primavera uma brotação sadia e uma florada abundante.

"Em resumo a conclusão, podemos dizer que:

1.º — O surto atual de sêca dos ponteiros é devido na nossa opinião, às condições excepcionais de tempo, com umidade excessiva, o que prolongou a atividade vegetativa do cafeeiro durante os meses do inverno. O frio, a que o cafeeiro resiste bastante bem nos invernos secos, sem geada, danificou os tecidos suculentos das fôlhas e ramos novos.

2.º — A umidade e o frio tiveram, conforme se podia esperar, os seus efeitos agravados pela pobreza e o esgotamento do solo, principais fatores usuais da sêca dos ponteiros. Em anos normais é, pelo contrário, a estiagem que aumenta os efeitos das deficiências do solo, que produz a sêca dos ponteiros.

3.º — Doenças que abitualmente causam poucos danos ao cafeeiro tornaram-se graves este ano, em virtude da umidade e do frio, e acrescentaram os seus efeitos à sêca dos ponteiros.

4.º — Havendo pouca probabilidade de algum agente infeccioso ser o fator principal da sêca dos ponteiros, não é possível aconselhar qualquer tratamento, mesmo sòmente preventivo, da sêca dos ponteiros, mas os bons tratos culturais e, principalmente, as adubações deverão ajudar as plantas a se refazerem dos danos causados pela doença, logo se normalizem as condições do tempo".

(Da "Fôlha da Manhã")

ESTUDO AO AR LIVRE

A vida ao ar livre traz grande benefício, à saúde e é muito vantajosa no trabalho intelectual. Os alunos que estudam ao ar livre, ou em salas bem arejadas, gozam mais saúde e têm maior facilidade em aprender.

Faça com que seu filho se habitue a estudar ao ar livre. — SNES.

Experiências iniciais quanto a novos processos usados na cultura de café

Um instituto internacional que realiza estudos sôbre agronomia — Resultados científicos e práticos nas plantações de café do Brasil — Trabalhos em cooperação — O que é o "IRE" — Sumário dos principais resultados obtidos — Adubos, irrigação, colheitas e beneficiamento do café

Com sede no Estado de New York (Estados Unidos) é uma corporação de caráter privado, sem finalidade lucrativa, fundada com o propósito de conduzir pesquizas agrícolas em todo o mundo, especialmente nos países tropicais e sub-tropicais. Os trabalhos experimentais que ora realiza, se relacionam sôbre culturas de café, melhoramento de pastagens, uso de produtos químicos na agricultura e problemas vários referentes à lavouras de milho e arroz.

Os trabalhos do "IBEC Research Institute" (IRE) tem, no Brasil, a finalidade de melhorar a produção e o beneficiamento de café e estudar o emprêgo de produtos químicos na lavoura e o contrôle de plantas daninhas que infestam as pastagens e as plantações.

"Vida dos Campos", com o intuito de colocar seus leitores a par dos processos mais recentes de cultivo e dos estudos ora realizados pelo Instituto, nas suas experiências entre nós, publicará, na medida do possível, todos os resultados advindos dos trabalhos iniciais, que são levados a termo com a cooperação dos nossos Institutos Agrônomicos.

No decorrer dos trabalhos realizados com as culturas do café, fatos interessantes chegaram ao conhecimento do IRE. Um desses fatos, agora verificados, é o aumento ocasionado na produção do café pelo emprêgo da "cobertura morta", que consiste em capim picado, espalhados na superficie do solo, formando uma camada, e, ainda, pela prática da adubação química. Isto foi observado em terras velhas e arenosas da Alta Paulista.

O emprêgo da "cobertura morta" sob os cafeeiros, dá maiores possibilidades às plantas, que adquirem absorção mais eficiente dos elementos nutritivos do solo. Quando associada à adubação química verificam-se temperaturas mais baixas do solo, aumentando-lhe a umidade, e o estudo químico das fôlhas acusou melhoramento geral na nutrição das plantas. Além desses fatos, o plantio de leguminosas para adubação verde nos cafèzais indicou um decrescimo de produção, mesmo com o auxílio da adubação mineral. O controle de ervas daninhas,

por meio de ervicidas e outros produtos, tem trazido excelentes resultados, especialmente quando seu emprego é associado à cobertura morta, o qual reduz em muito o desenvolvimento dessas ervas.

O cultivo químico dos cafèzais parece ser mais indicado por ocasião das colheitas. Seu custo, nas condições atuais, não é mais caro do que o das capinas à enxada. A parteeconômica do emprego de cobertura morta ainda não está suficientemente esclarecida. É interessante verificar-se que as pesquisas do IRE, em cafeeiros de 5 anos, resultaram num aumento, em média, de 268 grãos de café limpo por pé, ou seja, entre 1954-55, Cr$ 10,70 por pé.

IRRIGAÇÃO

Durante o ano de 1953, foi observado um aumento apreciável na produção dos canteiros irrigados, (cêrca de 70%), não se verificando a mesma percentagem de aumento no ano seguinte, o que, concluiu-se, foi devido a falta de reação, ter sido o ano de 1954 bastante chuvo no início o que reduziu os efeitos da irrigação, que em 1955, apresentou um novo aumento de produção. O índice total de produção, occorido durante os três anos, foi suficiente para cobrir todo o custo do equipamento e os gastos de operação, dando ainda excelentes lucros.

Em estudos sôbre sêcas, onde Y temperatura é o fator mais importante, as investigações do IRE se concentraram especialmente sôbre o beneficiamento do café. Entre 30° a 60° C, a rapidez da sêca é pràticamente dobrada cada 10° C. Os efeitos de temperatura de sêca sôbre a qualidade do produto permanecem ainda desconhecidos. Trabalhos recentes, elaborados pelo Instituto Agrônomico de Campinas, indicam a possibilidade de a temperatura influir na qualidade da bebida. Esse fato, depende de confirmação, sendo que várias experiências estão sendo feitas nesse sentido. O fator de controle da sêca e a difusão da umidade do centro do grão para a superfície do mesmo. Assim é que os secadores operam com elevada eficiência apenas no inqcio do ciclo de secagem, quando há um alto teor de umidade na superfície dos frutos. A velocidade com que o ar se move entre os grãos parece ser de pouca importância, com exceção talvez do início da sêca.

A separação do café em grupos de tamanho mais ou menos igual, o teor de umidade deve aumentar a eficiência da sêca, e melhora, sem dúvida, a qualidade do produto. Em experiências de sêca ao sol, no terreiro, foram observados certos fatos, de certa forma interessantes: a) quando a espessura da camada de café destinada à sêca foi aumentada de 3 para 6 cm., à área útil do terreiro foi aumentada de 50 porcento; b) mexendo-se de hora em hora os grãos das camadas, em vez de uma única vez ao dia ,o tempo de sêca foi 14% mais curto: c) o uso de refletoresmetálicos, pintados de branco, fez subir a temperatura do café no terreiro e reduzir o tempo de sêca.

(De "O Jornal — Rio de Janeiro")

A reforma agrária que se impõe

O plano Nacional de Abastecimento elaborado pelo govêrno federal e até agora não divulgado integralmente, de forma que se possa sôbre êle emitir um juízo de valor, tem, porém, ao lado de certos erros de orientação já revelados, o mérito de procurar observar algumas diretrizes fundamentais de muita oportunidade. Entre estas se situa o da reforma agrária, que, aparentemente, o projeto procura situar em torno do problema básico da produtividade, embora não se possa garantir que o govêrno saberá levar a suas últimas conseqüências essa tomada de posição.

Como se sabe, o tema tem-se prestado às mais demagógicas especulações, notadamente de parte dos agitadores extremistas, de modo que é corrente entender-se por reforma agrária uma política simplista de divisão de terras e redistribuição da propriedade, a serviço de uma concepção de luta de classes. No entanto, o problema encarado com realismo e independentemente de preconceitos ideológicos é bem profundo e complexo. Em sua raíz está a constatação da situação de fato em que se encontra nossa população agrária, presa a técnica de trabalho ainda muito primitivas e rotineiras e enfrentando dificuldades de várias ordens para explorar o solo, fazê-lo produzir em quantidade e qualidade satisfatória e obter remuneração compensadora. É justamente a superação dêsse estado de coisas a que deve visar uma autêntica reforma agrária. Ela não postula, assim, "a priori", medidas de desaprovação e divisão de terras, porque eventuais providências nesse sentido condicionam-se àquele objetivo superior de obtenção do rendimento possível do solo. Onde êsse ideal esteja sendo obtido, em grandes ou pequenas propriedades racionalmente exploradas, ou seja possível concretizá-lo pela prestação de melhor assistência técnica e financeira a seus atuais ocupantes, não há por que falar em sua substituição visto que em nome do preceito constitucional do "interêsse social" nada pode ser invocado contra êles.

Colocada, porém, sob o signo da melhoria da produtividade, uma política de reforma agrária deve consubstanciar medidas de largo fôlego tendentes a promover uma fecunda revolução em nosso mundo agrário. O favorecimento do acesso à propriedade da terra seria uma delas. Nesse sentido recentemente se tentou entre nós feliz empreendimento, com a chamada "lei Cid Franco", de financiamento da aquisição de pequenas propriedades rurais, e pode-se dizer que ela traduz a diretriz básica a ser observada nesse setor. Nunca se deverá pretender resolver o pro-

blema da disseminação da pequena e média propriedade pela doação gratuita de terras. Estas só deverão ir a quem de fato evidencie interêsse em possuí-la e esteja em condições de, sob o estímulo de compromissos financeiros assumidos, fazê-la produzir. Infelizmente a referida proposição foi de tal forma mutilada por votos do governador e, além disso, já contava originalmente com certas insuficiencias, que sua execução não pode ser considerada como o máximo exigível nesse campo. Uma regulamentação justa e realista dos institutos da parceria, meação e arrendamento seria também outra providência básica a ser adotada. Atualmente como se sabe, as condições excessivamente onerosas que muitas vêzes são impostas ao lavrador pelo proprietário do solo são em grande parte responsável pela impossibilidade do trabalhador agrícola de tratar convenientemente a terra, esclarecer-se e progredir. É evidente que o ideal seria permitir a todo lavrador o acesso à propriedade, pois são notórios os benefícios estímulos de melhoria e preservação da terra que receberia da situação de cultivar o que lhe pertence; sabe-se que o arrendatário, meeiro e parceiro — por não se sentirem profundamente vinculados ao solo que trabalham — são os grandes predadores da fertilidade da terra, além do que sua condição de permanente instabilidade é fator impeditivo quase sempre do progresso técnico e social. No entanto êsse ideal afigura-se não só utópico, como, dadas as condições do Brasil, parece necessário conservar aqueles institutos como primeiro degrau de uma normal ascensão social do rurícola e como meio de obter-se em muitos casos uma complementar exploração de terras cultivadas.

Há ainda a considerar que não bastaria procurar atalhar aqueles males pela simples facilidade de acesso à propriedade do solo. A grande massa de pequenos s.tiantes, formada em nosso Estado em grande parte como decorrência da divisão das grandes fazendas de café que, com a crise de 29, passaram retalhadas às mãos de antigos colonos ou comerciantes, é um exemplo expressivo do que aqui se sustenta, pois em geral o que observa nessas propriedades é o mais baixo nível de produtividade de terra. A assistência, técnica e financeira, conjulgadas pelo sistema de crédito supervisionado, aparecem assim como condição indispensável quer para a formação como para a propriedade de pequenas e médias emprêsas agrícolas. E até mesmo em relação a certos grandes proprietários, que normalmente são mais esclarecidos, a abertos ao progresso técnico, a norma é verdadeira e deve prevalecer. Atesta-o o problema da renovação de nossas lavouras cafeeiras, que aí está a exigir urgentes providências do govêrno.

Há ainda providências inúmeras que se podem considerar como partes de uma reforma agrária orientada no sentido de permitir a ele-

vação do nível de produtividade dos campos e o fortalecimento de nossa estrutura agrícola. Assim, uma legislação tributária que estimule o racional aproveitamento da terra, a eletrificação do interior, o favorecimento da mecanização, a intensificação do combate à doença e à ignorância, a extensão ao campo, na medida do possíevl, dos vários fatores de confôrto e amenização da vida, que são o grande atrativo dos centros urbanos e uma das causas do exôdo rural, etc.

Muitos dêsses requisitos poderiam e mesmo deveriam ser atendidos não apenas pelos poderes federais e estaduais, mas pelo municipal, mais próximo dos fatos e mais sensível à pressão dos interessados diretos, por onde se pode estabelecer uma estreita conexão entre o verdadeiro municipalismo e uma autêntica reforma agrária.

E como complementação de medidas dessa ordem, surge o problema do escoamento e comercialização das riquezas produzidas nos campos, para que, pôr meio do desenvolvimento de nosso sistema de transporte, construção de redes de armazém e frigoríficos e estímulo ao cooperativismo, o lavrador escapasse a uma excessiva sujeição ao comércio e tivesse uma maior cota de participação nos lucros proporcionados pelo fruto de seu trabalho.

(Da "Fôlha da Manhã", 30-4-57)

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TITULOS — CAMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

O Café visto nos Estados Unidos

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

N.º 1030 CARTA SEMANAL 5 de Abril de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Não houve nenhum acontecimento de especial importância no transcurso desta semana que estamos passando em revista, na vida econômica dos Estados Unidos da América. Os comentários dos especialistas sôbre as perspectivas dos negócios nos próximos meses oferecem grande variedade de interpretações dos dados disponíveis e das tendências que os indicam. Está aumentando o número dos observadores que vêem sinais de deflação na economia do país, e os porta-vozes das indústrias que têm recentemente reduzido suas atividades ainda são mais categóricos ainda nesse sentido. Por outro lado, outras citam o fato de que o Índice do Custo de Vida está contínuamente subindo, aumento êsse que chegou a cêrca de 3,5% (de 114,6 a 110,7, na base de 1947/49), durante o ano passado, o que indica predominantemente a tendência inflacionária da economia norte-americana. De uma maneira ou de outra, parece ser generalizada a opinião de que, embora nos próximos meses possa haver certos reajustamentos para níveis mais baixos, a economia do país, em conjunto, continuará num nível muito alto de atividade.

Vale a pena observar que, nesse período de tendências diversas, a Junta da Reserva Federal se reuniu em Novembro e em Janeiro com o propósito específico de estudar a possibilidade de aumentar ainda mais a razão dos juros e em ambas ocasiões decidiu não ser necessário tomar tal medida. A atitude da Junta, segundo declarações feitas pelos seus membros nas últimas semanas, é simplesmente de vigilância e de expectativa. Como é natural, essa atitude da Junta da Reserva Federal de certo modo fortaleceu o ponto de vista daqueles que advogam a adoção de créditos mais fáceis que permitam o fortalecimento de certos setores da economia antes que se tornem mais pronunciadas as tendências deflacionárias.

Na maioria dos grupos mais importantes de materiais observa-se menos firmeza nos preços, especialmente nos casos do aço e dos metais básicos. Os preços do cobre têm estado particularmente fracos e os mais importantes produtores dêsse metal estão, segundo consta, reduzindo bastante a sua produção, para que os preços se estabilizem. As usinas de fabricação de aço estão trabalhando à razão de 92% da sua capacidade máxima e os observadores são de opinião de que haverá um declínio gradual durante o terceiro trimestre de 1957. Essa produção de aço reduzida (há alguns meses as usinas funcionavam à razão de 100% da sua capacidade) fêz com que os preços da sucata de ferro e de aço baixassem bruscamente, ao passo que há alguns meses se achavam em vigor restrições à exportação da sucata de metais, para que as usinas não tivessem escassez dêsse material. Com a abertura do Canal de Suez, diminuiu também a crescente escassez de certos produtos, como a

borracha e o estanho, e, de maneira geral, os preços das matérias primas estão agora aproximadamente 5% abaixo dos níveis observados durante o último trimestre de 1956.

Durante o mês de Março, o índice dos preços dos produtos agrícolas registrou um aumento de 1%, dêsse modo reduzindo parcialmente o declínio de 2% registrado em fevereiro. Ao mesmo tempo, notou-se um aumento de 0,3% no custo das mercadorias e dos serviços fornecidos, em média, aos lavradores. Os preços dos produtos agrícolas estão atualmente marcando um novo máximo, culminando a tendência de alta mantida durante vários meses. Acham-se agôra a cêrca de 4% acima dos preços de há um ano, mas substancialmente abaixo dos preços registrados nos começos de 1951.

No Mercado de Valores, o movimento não foi especialmente intenso e o volume das transações foi pequeno. Não se manifestou nenhuma tendência especial, e os preços das ações em geral se mantiveram bastante estáveis. Os corretores esperam relatórios favoráveis de numerosas corporações relativos ao primeiro trimestre de 1957, o que naturalmente fará desvanecer o receio existente nos círculos financeiros quanto ao declínio dos lucros e à redução das atividades dessas corporações.

MERCADO DO CAFÉ

Na semana que estamos passando em revista, as atividades nos mercados de café em Nova York foram diminutas, e os preços diclinaram um pouco, em comparação com a semana passada. Embora as importações durante o primeiro trimestre do ano corrente tenha alcançado o total de 6.100.000 sacas, aproximadamente, o volume da torração tem se mantido em baixo nível, estimando-se em mais de 3.000.000 de sacas os estoques de café verde, até 31 de Março. Segundo os dados disponíveis no momento, o total do café chegado nos Estados Unidos durante o mês de Abril será o menor registrado até agora, no ano corrente. Por outro lado, todos os relatórios sôbre o consumo de café permanecem satisfatórios, os comerciantes esperam que seu inventários diminuam gradualmente em Abril e que as compras de café aumentem nos fins de Abril ou nos começos de Maio.

Embora os preços tenham mostrado uma tendência para baixar, nos últimos dias, especialmente os preços dos cafés suaves, o movimento das cotações tem sido regular, sem oscilações bruscas. Os preços dos cafés disponíveis no mercado de físicos têm permanecido bastante estáveis, com as baixas de um dia compensadas pelas altas do dia seguinte. O volume dos negócios no mercado de físicos foi diminuto, esta semana.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, tôdas as posições se mostraram firmes, em ambos Contratos. O Contrato B fechou com preços inalterados numa posição e altas de 7 a 23 pontos nas demais posições, ao passo que o Contrato M fechou com altas de 10 a 60 pontos. Foram vendidos 62 lotes no Contrato B e 56 no Contrato M.

Na segunda-feira, as atividades diminuiram e tôdas as posições registraram baixas. O Contrato B fechou com baixas de 7 a 28 pontos, em 40 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 29 a 40 pontos, em 16 lotes vendidos.

Na terça-feira, as atividades continuaram diminutas e houve poucas mudanças nos preços. O Contrato B fechou com baixas de 2 a 10 pontos, em 43 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 13 a 25 pontos em tôdas as posições, em 21 lotes vendidos.

Na quarta-feira, os preços variaram. O Contrato B fechou com perdas de 17 pontos e altas de 12 pontos, em 125 lotes vendidos. O Contrato M fechou com grandes oscilações em certas posições — de 45 pontos abaixo a 13 pontos acima, em 74 lotes vendidos.

Na quinta-feira, ontem, o Contrato B fechou com altas de 45 pontos e baixas de 9 pontos, em 88 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 5 pontos a 30 pontos, em 70 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou altas de 55 pontos e baixas de 35 pontos, num total de 358 lotes vendidos. O Contrato M registrou baixas de 39 pontos a 71 pontos num total de 237 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Nesta semana, até mesmo os cafés africanos tiveram pouco movimento. Os torradores em geral dispõem de grandes estoques em comparação com os níveis ordinários dos dois últimos anos, e só têm comprado lotes especiais ou cafés para certas necessidades. Os cafés suaves se mostraram mais fracos e os cafés brasileiros se mantiveram ligeiramente abaixo dos preços da semana passada. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 59,50 cents e os colombianos a 67,25 cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com baixas de 5 pontos a 25 pontos, no Contrato B, e com baixas de 10 pontos a 41 pontos no Contrato M. A posição aberta era de 1.269 lotes no Contrato B e de 929 lotes no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais*			
		U. S. A.	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	30-3-57	205,000	78,000	19,000	302,000
	23-3-57	78,000	36,000	24,000	138,000
	31-3-56	71,000	56,000	12,000	139,000
COLÔMBIA (")	30-3-57	24,557	20,855	1,342	46,754
	23-3-57	84,876	15,602	2,199	102,677
	31-3-56	66,016	21,647	2,041	89,704

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de Origem*			
	BRASIL	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
30-3-57	210,616	322,615	186,220	719,451
23-3-57	188,860	325,752	157,364	671,976
31-3-56	61,573	194,116	131,181	386,870

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	30-3-57	23-3-57	31-3-56
BRASIL (*)	Santos	2,910,000	2,952,000	2,754,000
	Rio	660,000	667,000	420,000
	Vitória	223,000	230,000	176,000
	Paranaguá	515,000 (%)	545,000 (+)	2,191,000 (°)
	Pernambuco	6,000	6,000	15,000
	Bahia	30,000	31,000	16,000
	Angra dos Reis	41,000	44,000	41,000
	TOTAL	4,385,000	4,475,000	5,613,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	35,587	36,057	14,992
	Cartagena	13,222	20,907	39,091
	Buenaventura	102,702	63,191	64,105
	Cúcuta	18,494	18,131	44,518
	TOTAL	170,005	138,286	162,706

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.

(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.

(%) 509,000 livre e 6,000 retidos.

(+) 539,000 livre e 6,000 retidos.

(°) 790,000 livre e 1,401,000 retidos

NOTÍCIAS DIVERSAS

Propaganda do Café: Em honra da Rainha Continental do Café, Sta. Analia Alfaro, do Panará, que visitará os Estados Unidos e o Canadá durante as celebrações da Semana Pan-Americana, haverá um variado programa que inclui visitas às autoridades governamentais bem como aos representantes principais do mundo do comércio e da indústria do café, programa êsse organizado pelo Bureau Pan-Americano do Café.

Na semana passada, um representante do Bureau partiu para o Panamá, com o fim de completar os preparativos para a vinda da Rainha Continental do Café e acompanhá-la em sua viagem ao Estados Unidos.

A Sta. Alfaro partirá do Panamá no próximo domingo, dia 7 de Abril, devendo chegar ao aeroporto do Idlewild, em Nova York, na tarde do mesmo dia. Na têrça-feira, dia 9, data em que a Organização dos Estados Americanos celebra o Dia do Café, ela estará em Washington, onde será apresentada às altas personalidades do Govêrno e assistirá à recepção que será levada a efeito em sua honra na União Pan-Americana.

Durante sua estadia em Nova York, a Rainha Continental do Café será recebida na Prefeitura da cidade e fará uma visita às Nações Unidas. Ser-lhe-á também oferecida uma recepção pela National Coffee Association.

Na quinta-feira, dia 11, e na sexta-feira, dia 12 a Sta. Alfaro visitará as cidades de Montreal e Toronto, no Canadá, onde também será recebida pelas autoridades oficiais e festejada pelas principais organizações cívicas do país.

A Sta. Analida Alfaro foi eleita Rainha Continental do Café numa competição de que participaram as candidatas dos quinze países latino-americanos produtores de café, levada a efeito por ocasião da realização da Terceira Feira Internacional, celebrada durante o mês de Janeiro dêste ano em Manizales, Colômbia.

Café solúvel: Em artigo publicado com destaque, o "Wall Street Journal" do dia 27 de março p.p, observa que está se intensificando a competição entre os fabricantes de café solúvel, os quais, por essa razão, estão cada vez tendo menores margens de lucros.

Segundo o jornal, essa luta entre os fabricantes de café solúvel está sendo travada em duas frentes — a dos preços e a da propaganda. A propaganda vai dos grandes anúncios de 6 páginas, publicados na revista Life, e os vastos cartazes, fixados nos caminhões da Railway Express, até a distribuição grátis de reproduções de famosos quadros.

O artigo chama a atenção para o fato de que o Presidente da Borden Company já declarou em várias ocasiões que os oferecimentos feitos pela sua companhia têm reduzido as margens de lucros obtidos com a venda do café solúvel, ao passo que, na opinião de outro torrador, "a maior intensificação da competição surgiu em conseqüência da pressão exercida pelo mercado pelos cafés solúvel de baixos preços, especialmente aquêles que são fabricados com cafés africanos mais baratos".

O Sr. Jerome Neuman, presidente da Martinson Co., informa, por sua vez que, na sua opinião, não há sinais de que essa aguda competição venha a diminuir em futuro próximo, uma vez que cada firma manufatureira procura ultrapassar as outras, com resultados prejudiciais para tôdas.

O "Wall Street Journal" observa que as marcas de café de distribuição nacional são vendidas por preços mais altos, ao passo que as marcas de café particulares distribuidas pelos mercados-de-cadeia são vendidas por preços logo abaixo dos das anteriores, e que os preços de algumas marcas particulares dos próprios mercados-de-cadeia sofreram grandes reduções.

O jornal acha, entretanto, que, tomando em consideração as ofertas especiais, os preços das marcas de distribuição nacional competem com as marcas mais baratas. Por exemplo, o vidro de 6 onças da marca de café solúvel "Chase & Sanborn" custa $1,42, mas é oferecido pelo preço de $1,17;, o vidro de 5 onças da marca "Rich Roast", que custa $1,23, é oferecido por $1,13; vidros de 6 onças, da "A & P", da Kroger e de outros, são vendidos a $1,25, mas a Kroger vende sua marca especial "Spotlight" por $0,99 e por $1,05 o vidro de 6 onças. Segundo os fabricantes de marcas nacionais, os fabricantes de marcas particulares podem vender seu produto por preços mais baixos, por causa da grande porção de café africano que usam, ao passo que êles, fabricantes de marcas nacionais, só se utilizam de cafés das Américas. "Se um vidro de 6 onças de café solúvel, das marcas de distribuição nacional, é vendido por $1,49, comenta um dêsses fabricantes, e o café de uma marca particular se vende por 0,25, é evidente que a diferença dos preços decorre da diferença de custo dos cafés utilizados na sua fabricação.

Segundo os dados disponíveis atualmente, estão sendo vendidas cêrca de 250 marcas de cafés solúveis nos Estados Unidos, ao passo que há dois anos atrás eram vendidas apenas uma centena delas.

N.º 1031 CARTA SEMANAL 12 de Abril de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Em declaração feita na semana passada, o Secretário do Comércio dos Estados Unidos, Sr. Sinclair Weeks, afirmou que, na sua opinião, as pressões inflacionárias diminuiram e que atualmente as condições são boas para as atividades econômicas, as quais, de maneira geral, registraram níveis mais altos no primeiro trimestre do ano corrente. O Secretário disse também que não esperava que as pressões inflacionárias se fariam sentir novamente mais tarde durante o transcurso de 1957, acrescentando que êsse ponto de vista otimista se baseia em vários elementos animadores, tais como as vendas no varejo, os investimentos das emprêsas em material e equipamento de produção, a estatística da mão de obra empregada, as vendas de automóveis, o mercado de valores e a situação geral dos estoques — todos êles apresentando sinais favoráveis. O Sr. Weeks observou, entretanto, que o contínuo declínio nas atividades da indústria das construções de casas residenciais e a generalizada diminuição das margens de lucro das firmas comerciais constituem sem dúvida fatores indesejáveis nas condições econômicas atuais. O Secretário do Comércio, apesar disso, prediz que, em última análise, as atividades econômicas do ano corrente serão melhores do que as do ano de 1956.

É interessante observar que, ademais das declarações do Secretário do Comércio, sôbre as perspectivas econômicas, os altos funcionários do Federal Reserve System são de opinião de que as tendências deflacionárias da economia são esparsas e de menor importância, e que o pessimismo prevalecente em certos setores dos negócios do país não se justificam, diante da estabilidade fundamental das condições econômicas. Êsses funcionários do Federal Reserve System acham, entretanto, que as pressões inflacionárias são ainda o principal motivo das preocupações. Na opinião dêsses peritos em assuntos monetários, muitas firmas, no transcurso do ano corrente, terão que recorrer a empréstimos bancários para financiar seus programas de expansão e modernização industrial, e que, como conseqüência, os recuros de dinheiro e de crédito ficarão sob grande pressão. Replicando aos que criticam as medidas monetárias ora em vigor e que julgam que não há escassez de mercadorias. as autoridades do Federal Reserve System declaram que consideram os preços atuais demasiado altos e que, se as medidas restritivas ao crédito fôssem agora afrouxadas, o que aconteceria era que os preços subiriam ainda mais. Além disso, observam as autoridades monetárias, não há garantias de que a escassez atual não seria aumentada ràpidamente, mesmo se se expandissem os créditos monetários. Em contraste com outros pontos de vista oficiais, e com os pontos de vista dos homens de negócios que têm se manifestado apreensivos com a contração das atividades na indústria das construções e com o fato de que as vendas de automóveis têm estado aquém das expectivas, os dirigentes do Federal Reserve System afirmam que em tais comentários não

se leva em conta o fato de que a economia do país, em conjunto, se encontra bàsicamente forte.

No mês de Março, o número de pessoas ocupadas no vários setores da economia dos Estados Unidos aumentou para 63.900.000. Em Fevereiro êsse número era de 63.200.000. Em comparação com a mesma época no ano passado, há atualmente cêrca de mais um milhão de pessoas ocupadas. Juntamente com êsse aumento da mão de obra, o número de pessoas sem emprêgo diminuiu ligeiramente, passando de 3.900.000 para 3.200.000 sendo esta última cifra a de Fevereiro. Êsse grande aumento na mão de obra e êsse ligeiro declínio no desemprêgo se explicam pelo fato de que os dados relativos aos trabalhadores incluem muitos que não estavam registrados antes.

Os preços das ações no Mercado de Valores mostraram, em geral, aumento, na semana passada, mas o volume das transações não foi grande. Com algumas exceções apenas, observa-se que os níveis dos preços das ações registraram uma curva ascendente, ligeira mas constante, desde os começos de Fevereiro.

MERCADO DO CAFÉ

Esta semana, os preços do café sofreram as maiores baixas registradas durante os últimos nove meses, no mercado a têrmo. Ao mesmo tempo, o volume das transações foi esta semana o maior registrado desde Junho do ano passado. As atividades no mercado de físicos continuam limitadas, mas os preços também declinaram, como reflexo das baixas do mercado a têrmo. Essas quedas de preços foram atribuidas às notícias de que os preços mínimos no México e em El Salvador foram reduzidos ou suspensos, bem como aos rumores de que seriam também diminuidos os preços mínimos de registro dos cafés para exportação. Referindo-se a tais rumores, o Sr. Vito Sá, Chefe do Escritório do Instituto Brasileiro do Café em Nova York, declarou enfàticamente que os mesmos não tinham fundamento algum e que em sua comunicação de rotina por telefone com o Sr. Paulo Guzzo, Presidente do Instituto Brasileiro do Café, havia sido informado de que o Govêrno Brasileiro absolutamente não cogitava nem via motivo para modificar as bases do registro dos preços mínimos para o café de exportação.

Os cafés suaves, tanto no mercado a têrmo como no mercado físico, foram os que mais baixas sofreram. No mercado a têrmo, na tarde de terça-feira, houve uma parcial recuperação das perdas, mas na quarta-feira as flutuações foram grandes e o mercado fechou com baixas consideráveis em tôdas as posições.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, ambos Contratos fecharam com perdas em tôdas as posições, num grande volume de transações. O Contrato B fechou com baixas de 3 a 40 pontos, em 147 lotes vendidos. O Contrato M fechou com perdas ainda maiores, de 61 a 80 pontos, em 89 lotes vendidos.

Na segunda-feira, houve muitas vendas e novos declínios nos preços. O Contrato B fechou com baixas de 75 a 185 pontos, sendo as maiores baixas nas posições mais distantes. O Contrato M fechou com perdas de 156 a 199

pontos, tendo a posição de Setembro chegado a registrar o limite de 200 pontos. Foram vendidos 251 lotes no Contrato B e 205 lotes vendidos no Contrato M.

Na terço-feira, os preços continuaram a baixar bastante no comêço do dia, mas se refizeram. O Contrato B fechou com ganhos de 20 a 55 pontos, em 205 lotes vendidos. O Contrato M fechou com ganhos de 31 a 80 pontos, em 181 lotes vendidos.

Na quarta-feira, os preços flutuaram grandemente, mas o mercado fechou com perdas em tôdas as posições, especialmente no Contrato M. O Contrato B fechou com baixas de 45 a 75 pontos, em 166 lotes vendidos. O Contrato M fechou com baixas de 80 a 110 pontos, em 174 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 40 a 100 pontos, em 105 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 10 a 89 pontos, em 100 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou perdas de 3 a 195 pontos, num total de 847 lotees vendidos. O Contrato M registrou perdas de 245 e 295 pontos, num total de 249 lotes vendidos.

Mercado de fisícos: Apesar da intensa atividade havida no mercado a têrmo, as compras de café verde continuaram apenas esporàdicamente. Os preços desta semana foram mais em conta do que os da semana passada. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 58,88 cents e os colombianos a 64,25 cents.

Ontem, os torradores anunciaram baixas de preços para suas marcas de café, tanto nas vendas por atacado como nas vendas a varejo. Essas baixas foram, na maior parte, 2 a 4 cents a libra.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com baixas de 15 pontos e preços normais no Contrato B, e com altas de 10 a 70 pontos no Contrato M. A posição aberta no Contrato B era de 1.300 lotes e no Contrato M era de 816 lotes.

CORREÇÃO: Depois de impressa a primeira página desta Carta, verificamos um êrro no penúltimo parágrafo da mesma: Onde se lê "o número de pessoas sem emprêgo diminuiu ligeiramente, passando de 3.900.00 para 3.200.000 leia-se "o número de pessoas sem emprêgo diminuiu ligeiramente, de 3.200.000 para 2.900.000".

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Principais destinos*			
		U. S. A.	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	6-4-57	96,000	53,000	26,000	175,000
	30-3-57	205,000	78,000	19,000	302,000
	7-4-56	82,000	103,000	26,000	211,000
COLÔMBIA (")	6-4-57	78,842	9,361	6,387	94,600
	30-3-57	24,557	20,855	1,342	46,754
	7-4-56	80,010	21,203	3,909	105,122

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

	Dados mensais				
BRASIL (*)	Março 1957 (&)	679,000	302,000	67,000	1,048,000
	Fevereiro 1957	883,000	328,000	77,000	1,288,000
	Março 1956	711,000	439,000	51,000	1,201,000
COLÔMBIA (")	Março 1957	255,265	63,985	10,519	329,769
	Fevereiro 1957	256,099	74,485	10,763	341,347
	Março 1956	313,279	70,797	9,156	393,232

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem*			
	BRASIL	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
6-4-57	218,860	321,123	184,868	724,851
30-3-57	210,616	322,615	186,220	719,451
7-4-56	64,225	231,692	143,271	439,188

EXPORTAÇÃO NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:*		
		6-4-57	30-3-57	7-4-56
BRASIL (*)	Santos	2,961,000	2,910,000	2,800,000
	Rio	630,000	660,000	441,000
	Vitória	221,000	223,000	184,000
	Paranaguá	504,000 (+)	515,000 (%)	2,178,000 (°)
	Pernambuco	4,000	6,000	13,000
	Bahia	31,000	30,000	17,000
	Angra dos Reis	40,000	41,000	41,000
	TOTAL	4,391,000	4,385,000	5,674,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	31,657	35,587	15,451
	Cartagena	14,012	13,222	46,211
	Buenaventura	94,138	102,702	60,146
	Cúcuta	22,030	18,494	42,015
	TOTAL	161,837	170,005	163,823

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia
(&) Data preliminar.
(+) 499,000 livre e 5,000retidos.
(%) 509,000 livre e 6,000 retidos.
(°) 757,000 livre e 1,421,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

A Rainha Continental do Café: Em menos de 48 horas, a mais jovem e bela das "embaixadoras" latino-americanas — que chegou a Nova York no dia 7 de corrente, domingo — conquistou o afeto e a admiração de todos os que tiveram a oportunidade de conhecê-la e tratar com ela.

A linda embaixadora não é outra senão a Sta. Analida Alfaro, de uma das mais distintas famílias do Panamá, que foi eleita Rainha Continental do Café, na Terceira Feira Internacional de Manizales, realizada naquela cidade da Colômbia no mês de Janeiro dêste ano, e convidada pelo Bureau Pan-Americano do Café para tomar parte nas celebrações da Semana Pan-Americana nos Estados Unidos, como representante dos países latino-americanos produtores de café.

A bela jovem, que é a primeira Rainha Continental do Café, foi recebida no aeroporto por uma comitiva oficial, composta de membros da junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café e por uma guarda de honra integrada por quatro cadetes latino-americanos que atualmente se acham estudando na Academia Militar de West Point — José B. Queirós, de Costa Rica, Juan E. Villanés, do Perú, Tomás Rodolfo Letona-Casteñeda, da Guatemala e Júlio Edgardo Péres, Jr., de Honduras.

Acompanhando a comitiva oficial, havia vários repórteres de cinema e de jornais, cinegrafistas operadores de televisão, que registraram para o público a chegada da Rainha Continental do Café e o primeiro "brinde de café" que lhe foi nessa ocasião oferecido pela guarda de honra. Essa ativa reportagem foi distribuida e largamente difundida nos meios de publicação e disseminação de notícias de Nova York e do resto do país, tornando-se a encantadora Rainha Continental do Café uma figura de popularidade nacional e internacional.

Na terça-feira, dia 9, Dia do Café na semana Pan-Americana, a Sta. Alfaro assistiu em Washington a três cerimônias importantes, como parte do extenso programa preparado em sua honra. Uma delas teve lugar no Capitólio Federal, em que ela foi recebida como convidada de honra numa "Pausa para o Café", de que participaram senadores, deputados e altos funcionários do Govêrno. O Sr. Homer E. Capehart, membro do Comitê de Relações Exteriores do Senado, foi quem fêz as honras oficiais da ocasião.

Do Capitólio, o séquito da bela "embaixadora" dirigiu-se para a Casa Branca, em que foi apresentado ao Presidente Eisenhower e sua senhora um precioso jôgo de café. Achando-se ausente o Chefe do Executivo, o presente foi entregue aos cuidados do Ajudante de Ordens do Presidente, Sr. Homer Gruenther.

Nessa mesma têrça-feira, à tarde, a Sta. Alfaro inaugurou oficialmente uma exibição de café patrocinada pelo Bureau Pan-Americano do Café na União Pan-Americana, e mais tarde assistiu a uma recepção levada a efeito em sua honra pela organização dos Estados Americanos, de que tomaram parte distintas personalidades do mundo oficial e diplomático da capital norte-americana.

Na quarta-feira, novamente em Nova York, a Rainha Continental do Café foi recebida formalmente na Prefeitura da cidade pelo Presidente do Conselho

Municipal Sr. Abe Etark. A Sta. Alfaro apresentou-lhe as saudações oficiais do Presidente do Panamá, Sr. Ernesto La Guardia, em nome dos quinze países produtores de café da América Latina.

Nesse mesmo dia, pela tarde, a Rainha Continental do Café e sua comitiva tomaram parte de uma recepção oferecida em honra da bela "embaixadora" latino-americana pela National Coffee Association, com a participação de proeminentes personalidades da indústria e do comércio do café de Nova York.

Ontem, quinta-feira, pela manhã, a Rainha Continental do Café partiu para o Canadá, onde tomará parte de inúmeros atos oficiais realizados em sua honra nas cidades de Toronto e de Montreal.

N.º 1032 CARTA SEMANAL 18 de Abril de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Durante a semana que estamos passando em revista, os indicadores econômicos que se tornaram disponíveis, referentes às tendências da economia norte-americana, revelam um contínuo aumento das atividades, com expectativas de um alto nível — talvez o mais alto agora registrado, apesar dos cortes havidos na produção de automóveis e dos aparelhos domésticos. As receitas individuais, depois de pagos os impostos, continuam também em ascenção, e o que se observa é que em cada trimestre os consumidores estão gastando mais do que nos trimestres correspondentes do ano passado. Não se sabe, entretanto, ainda, se os consumidores poderão comprar mais mercadorias pelo que gastam agora, em comparação com o que gastaram no ano passado. Até agora, os aumentos dos preços aparentemente explicam os aumentos das vendas, mas é também claro que os aumentos dos preços estão sendo menores. Embora os preços das mercadorias básicas tenham decaído desde Janeiro, em que registraram seus máximos, êles se acham 3 por cento acima dos pontos em que se acham há um ano.

Nos últimos mêses, os manufatureiros têm mantido os seus estoques reduzidos, não julgando agora necessário acumular estoques como garantia contra aumentos bruscos de preços. O Departamento do Comércio informa que os estoques comerciais em Fevereiro aumentaram ligeiramente, na mesma proporção notada em Janeiro. A porcentagem do aumento havido em Janeiro e Fevereiro foi a menor registrada desde a primavera de 1955.

De acôrdo com o Federal Reserve Board, o índice da Produção Industrial, ajustado com os fatores da temporada, foi 146 (1947-49 = 100) em Março, isto é, o mesmo de Janeiro e de Fevereiro. As vendas do varejo em Março alcançaram os níveis máximos registrados desde o fim de 1956.

Durante o primeiro trimestre dêste ano, o total dos gastos feitos com as construções foi 4% maior do que o total do mesmo período no ano passado. Os declínios havidos nos setores das construções agrícolas e residenciais foram contrabalançados pelas atividades excepcionais havidas nos setores da construção de edifícios industriais, de igrejas, escolas e hospitais. Calcula-se que as indústrias norte-americanas dispenderão 0,5% mais em 1957 com programas de expansão do que em 1956, o que constituirá mais um recorde.

O Govêrno Federal está obtendo certo resultado no sentido de reduzir os excedentes de trigo, especialmente devido às vendas em maior escala no estrangeiro. Em conseqüência espera-se que o "ccarryover" dos estoques de trigo em 30 de Junho próximo será de 7,5% mais baixo do que o ano passado, na mesma data. A área da semeadura de trigo em 1956 foi a menor desde o ano de 1913. Se as exportações da próxima temporada continuarem no mesmo nível atual, a safra dêste ano será colocada no mercado sem grandes dificuldades e os excedentes serão reduzidos consideràvelmente. Todavia, com a expectativa de maiores safras em outros países produtores, especialmente na Europa, a competição será mais intensa do que dantes, para a colocação do trigo norte-americano nos mercados mundiais. Apesar das exportações terem sido maiores, o consumo interno tem declinado ligeiramente, em comparação com o crescimento da população.

Na semana passada, os preços das ações e dos títulos no Mercado de Valores de Nova York aumentaram mais do que em qualquer outra semana desde 1956. Atribui-se o fato a várias previsões mais otimistas de muitas emprêsas e aos relatórios animadores de outras sôbre o primeiro trimestre, com dividendos maiores.

Os comerciantes se mostraram mais interessados, mas esta semana as atividades retornaram às suas carecterísticas anteriores — volume mais baixo nas transações e preços mistos.

MERCADO DO CAFÉ

A semana finda correu com relativa calma no mercado do café, e a procura pelos torradores manteve-se em escala moderada, constatando-se, entretanto, um maior movimento quanto aos cafés mexicanos e centro-americanos, cujos preços são atualmente baixos. O produto brasileiro e o colombiano estiveram firmes em suas cotações. Em marcante contraste com o mercado de disponíveis, o mercado a têrmo manteve-se bem irregular, evidenciando-se bastante interêsse nas transações. As posições do Contrato B, principalmente, estiveram fortes, com a posição de Maio em nova alta, e a de Julho recuperando as perdas da semana anterior.

Vale notar que no momento, o diferencial entre a posição do disponível B e as posições distantes, é de uns 800 pontos, ao passo que no Contrato M, o diferencial é apenas de uns 150 a 200 pontos. A estabilidade das posições dos B em trânsito é atribuida à escassez dos tipos Santos e Paraná de qualidade suficiente bôa para certificação na Bôlsa. A alegada rejeição de grandes quantidades de cafés brasileiros pela Bôlsa tem sido assunto de intensa discussão no comércio do café, sendo que muitos observadores são de opinião que os vendedores enfrentarão sérias dificuldades em dar cumprimento aos seus compromissos na Bôlsa, quando chegar a ocasião para as entregas relativas ao contrato de Maio.

Sexta-feira próxima, 26 de Abril, será o primeiro dia das entregas quanto aos contratos de Maio. Como os bons tipos Santos e Paraná disponíveis estão muito escassos, muitos vendedores acharão melhor liquidar as suas posições na Bôlsa, do que fazer entregando em espécie. Espera-se que o café a ser

entregue sob os têrmos do Contrato M mostrar-se-á em quantidades suficientes e porisso, as posições dos M em trânsito tem seguido, recentemente, o curso das cotações dos disponíveis mexicanos e centro-americanos.

Nota-se que a única posição do M a revelar firmeza na semana passada foi a do contrato de Setembro, cujas transações estão sendo agora feitas a um prêmio de uns 200 pontos sôbre a posição do disponível. O diferencial entre as posições do B e do M, referentes a Maio, diminuiu de 150 a 200 pontos, enquanto que o diferencial entre o B e o M de Setembro parmanece perto de 1.000 pontos.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, o mercado esteve firme e o Contrato B fechou, de inalterado a altas de 30 pontos, e o Contrato M de 65 a 110 pontos, com um total de 65 lotes vendidos no B, e 112 no M.

Na segunda-feira, o Contrato B continuou ganhando, e fechou com altas de 24 a 49 pontos. O Contrato M, entretanto, declinou de 40 a 80 pontos, ao mesmo tempo que circulavam no mercado vários rumores relativamente a mínimos exportáveis de cafés. Verificou-se pouca atividade nas transações, sendo apenas 46 lotes do B e 26 do M.

Na terça-fenra, o volume de negócios aumentou um pouco, sendo vendidos 135 lotes do B e 49 do M, com preços irregulares. O Contrato B fechou com altas de 55 pontos e baixas de 25, e o Contrato M com baixas de 15 a 40 pontos, com exceção da posição de Setembro, que subiu 5 pontos.

Na quarta-feira, o Contrato B fechou com baixas de 40 a 70 pontos, em 82 lotes vendidos. O Contrato M fechou com altas de 20 pontos e baixas de 25, sendo vendido 76 lotes.

Durante a semana que terminou quarta-feira, o Contrato B registrou perdas de 25 e altas de 60 pontos, num total de 328 lotes. O Contrato M registrou perdas de 15 e altas de 65 pontos, num total de 263 lotes.

Mercado de físicos: A procura dos cafés mexicanos e central-americanos pelos torradores, tem aumentado mais o total das transações continuou moderadamente. Os preços dos bons cafés brasileiros e colombianos mostram-se firmes. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 59,50 cents e os colombianos a 64,25 cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com altas de 15 pontos e baixas de 10 no ContratoB, de inalterado a altas de 20 pontos no Contrato M. A posição aberta no Contrato B era de 1.309 lotes comparado com 1.300 na semana passada. No Contrato M era de 819 lotes comparados com 816 semana passada. A Bôlsa do Café de Nova York estará fechada na sexta-feira Santa.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos principais U. S. A.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	13-4-57	152,000	74,000	24,000	250,000
	6-4-57	96,000	53,000	26,000	175,000
	14-4-56	150,000	60,000	4,000	214,000
COLÔMBIA (")	13-4-57	67,214	6,639	75,020	148,873
	6-4-57	78,842	9,361	6,397	94,600
	14-4-56	50,725	9,493	1,240	61,458

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de Origem			
	Brasil	*Colômbia*	*Outros*	*Total*
13-4-57				
6-4-57	218,860	321,123	184,868	724,851
14-4-56	67,858	240,058	160,096	468,012

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	13-4-57	6-4-57	14-4-56
BRASIL (*)	Santos	2,960,000	2,961,000	2,789,000
	Rio	597,000	630,000	497,000
	Vitória	217,000	221,000	179,000
	Paranaguá	471,000 (%)	504,000 (+)	2,171,000 (°)
	Pernambuco	2,000	4,000	12,000
	Bahia	30,000	31,000	18,000
	Angra dos Reis	39,000	40,000	42,000
	TOTAL	4,316,000	4,391,000	5,708,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	61,477	31,657	21,717
	Cartagena	13,664	14,012	40,884
	Buenaventura	104,147	94,138	82,698
	Cúcuta	12,459	22,030	42,015
	TOTAL	191,747	161,837	187,314

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(%) 464,000 livre e 7,000 retidos.
(+) 499,000 livre e 5,000 retidos.
(°) 770,000 livre e 1,401,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Transcrevemos, da revista Coffee Trade News o artigo, publicado em seu número de Março, intitulado "O CONSUMO MUNDIAL DO CAFÉ PODE SER AUMENTADO", da autoria do Sr. Eric Ford:

"Os comerciantes de Café, absorvidos com os problemas urgentes dos preços do momento, das estimativas de safras e as flutuações diárias da oferta e da procura, não pode fàcilmente deixar essas considerações urgentes com o fim de meditar nas perspectivas das tendências de longo alcance numa escala mundial. Todavia, o movimento dos preços, da produção e do comércio do café nos últimos quarenta anos fornecem bons elementos para o estudo do presente e a previsão do futuro. Os preços do café, por exemplo, não só se acham sujeitos às flutuações de curto período, que constituem um aspecto familiar dos mercados mundiais, bem como que dependem dos ciclos da própria produção do café e sua cultura. Um período de preços altos, como aconteceu logo depois da Primeira Guerra Mundial e entre 1924 e 1929, esti-

mula novos cultivos, os quais, como os cafeeiros só produzem depois de oito anos em sua máxima capacidade, redunda por sua vez em grandes safras, quando os preços, que estimulam os cultivos, já baixaram novamente. Embora as estatísticas das novas plantações não sejam fáceis de obter, especialmente nos países da América Latina, que produzem 4/5 do total mundial, tem-se geralmente como entendido que foi plantado um considerável número de cafeeiros desde 1950 e que em breve pode ser esperado um aumento nas safras, logo que êsses novos cafeeiros comecem a produzir. As mudanças de preços não seriam tão marcadas, devido às flutuações da produção, se não fôsse tão constante, relativamente, a procura do café. O aumento dos preços não faz necessàriamente com que diminua proporcionalmente a quantidade de café vendida, nem as baixas rápidas dos preços com que sempre aumenta a quantidade das compras do produto. É preciso ter em mente, naturalmente, que não se pode aplicar as abstrações estatísticas a qualquer caso particular, e que vários estudos feitos nos Estados Unidos e na Europa têm revelado que essa constância da procura do café não deve ser interpretada no sentido de que as mudanças de preços não têm efeito em casos particulares. Como é sabido de todos no comércio do café, se o café custa mais, o consumidor, mesmo tomando o mesmo numero de xícaras, pode decidir a aceitar um café mais aguado ou mesmo um sucedâneo. Assim sendo, é melhor para todos que os preços se mantenham tão estáveis quanto possível. Considerando-se a perspectiva mundial de longo alcance, parece certo que, apesar das flutuações dos preços e da produção, nos últimos sessenta anos, o consumo anual do café têm tido apenas ligeiras flutuações, dentro de uma tendência geral para aumento, o que indica com grande precisão os aumentos das populações dos países consumidores e os aumentos da sua receita per capita. Talvez mais do que qualquer outra mercadoria do comércio mundial, o café é consumido individualmente como uma forma de hábito adquirido, de modo que a pessoa acostumada, por exemplo, a tomar três xícaras por dia, continuará a tomar a mesma quantidade, embora os preços subam, levando-se em conta, naturalmente as observações feitas acima sôbre o assunto. Caso assim seja, e parece haver muitas provas nesse sentido, os comerciantes de café não poderão jamais esperar aumentar as suas vendas, ainda que seja por meio da baixa dos preços. Mas os hábitos mudam também, e a melhoria dos padrões de vida de um indivíduo pode fazer com que êle gaste mais, de um modo ou de outro, incluindo o café nêsse aumento. Ou, no caso dos que ganham pouco, uma melhoria dos padrões de vida pode fazer com que se torne um hábito o consumo do café para aquêles que dantes não o incluiam no seu orçamento. Ao se fazer a previsão da procura mundial do café, um dos fatores mais importantes a serem considerados é o da mudança dos níveis de receita nas áreas estudadas. Atualmente, os níveis da receita real (depois de pagos os impostos) nos países consumidores de café (principalmente a Europa e os Estados Unidos), apesar das suas variações de um país para outro, podem ser classificados como altos em relação aos demais países do mundo. De qualquer modo, como os padrões de vida provàvelmente não se levantarão ràpidamente nesses países, também não se podem esperar aumentos espetaculares no consumo do café, só por essa causa. É necessário uma contínua propaganda nesses países, para induzir-se o consumidor dos países consumidores cujo padrão de vida, em comparação com o dos Estados Unidos, é bastante

alto, a adquirir também o hábito de tomar café, em harmonia com a boa receita que tem. Deve-se observar aqui que a Europa, tomada em conjunto, jamais tornou a consumir tanto a produção mundial do café, da qual lhe tocavam 40% antes da guerra. Note-se mais que, embora uma andorinha só não faça verão no mundo das estatísticas, há sinais evidentes de aumento do consumo no Reino Unido, que foi, no ano de 1956 um consumo de 81.103.340 libras, ao passo que o consumo de 1955 foi de 53.910.500, e o de 1954 foi de 49.657.700 libras. Quais serão as perspectivas, nos países que não consomem café e que são dos mais populosos do mundo, muitos dos quais chamados países sub-desenvolvidos e com padrões de vida excessivamente baixos mas que estão vagorosa mas contìnuamente aumentando? Será demasiado otimismo sugerir que êsses países têm um vasto mercado potencial — muitos dêles na área da libra esterlina e provàvelmente futuros freguêses da Comunidade Britânica para conseguir seus abastecimentos? Mas uma coisa é haver um mercado potencial, e outra transformá-lo em mercado de consumo real. Os organismos de café dos vários países produtores, com o tempo e com recursos adequados, poderão ser instrumentos efetivos nessa transformação. Em resumo, a chave do problema está na publicidade.

N.º 1033 CARTA SEMANAL 26 de Abril de 1957

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Ao serem conhecidos os dados relativos aos vários setores das atividades econômicas do país sôbre o primeiro trimestre do ano, vão se tornado cada vez mais claros os indicadores da situação nacional. Continua a aumentar a produção de mercadorias e de serviços, mas a porcentagem do aumento está diminuindo. Segundo o Departamento do Comércio, o total da produção nacional dos Estados Unidos no primeiro trimestre de 1957 é estimado na média anual de $427.000.000.000, ao passo que a média anual do último trimestre de 1956 foi de $424.000.000.000, o que representa um novo recorde. Os mais pessimistas prognósticos sôbre a possibilidade de uma decaída na situação econômica do país em futuro próximo já não têm razão de ser, diante dos acontecimentos mais recentes. Deve-se ressalvar o fato, entretanto, de que a redução das construções de residências particulares, a debilidade dos mercados de aparelhos de uso deméstico e dos automóveis, a diminuição das operações na extração das minas e a interrupção temporária de algumas usinas de tecidos ainda não se fizeram sentir de maneira completa nos demais setores da economia. Considera-se, em geral, que o efeito dêsses fatores negativos será considerável na situação dos negócios em futuro próximo. As emprêsas manufatureiras vêm usando há vários meses os seus estoques de matérias primas sem substituí-los na mesma proporção, comprando apenas de acôrdo com as necessidades do momento, de modo que os produtores de materiais básicos têm reduzido as suas operações. Em conseqüência dessa situação, os preços das matérias primas e em particular dos metais básicos têm continuado a baixar. A redução de maior importância registrada nas últimas semanas foi a dos preços da sucata de aço, que se acham atualmente a 45% abaixo dos pontos máximos registrados no ano passado.

A coluna central da economia norte-americana é a dos gastos dos consumidores, os quais continuam a aumentar, no momento presente. De fato, o público em geral tem mostrado mais confiança no futuro dos negócios do que muitos economistas. Na maior parte, o aumento das compras dos consumidores tem se concentrado nos artigos não duráveis e nos serviços de utilidades. No primeiro trimestre de 1957, o total das compras feitas pelo público foi de $4.100.000.000 mais do que no mesmo período do ano passado, ao passo que o aumento das receitas particulares, depois da pagos os impostos, foi apenas de $2.200.000.000. Assim sendo, as compras dos consumidores aumentaram quase duas vêzes mais do que as receitas individuais, e a proporção das economias particulares diminuiu, ainda que o volume das mesmas seja agora maior do que o do ano passado nesta época. Em algumas indústrias tem havido aumentos nos salários e continua alto o nível da mão de obra empregado, fatos êsses que constituem bons indícios para a perspectiva futura dos negócios.

Os relatórios financeiros das diversas corporações, relativos ao primeiro trimestre de 1957, apresentam consideráveis diferenças. Muitas firmas encontram dificuldade no sentido de manter suas margens de lucros, diante dos preços mais altos dos materiais e dos salários aumentados. Muitas firmas apresentam maiores volumes de venda, mas lucros líquidos menores. As companhias de produtos químicos têm tido, em geral, lucros reduzidos, mas esperam, com novos equipamentos, aumentar a sua produção e, assim, reduzir o custo da mesma. As emprêsas manufatureiras de automóveis publicam relatórios variados, umas com grandes vendas e grandes lucros, outras com dados menos favoráveis. As indústrias da borracha, do açucar e do alumínio se encontram agora em situação melhor, o mesmo acontecendo com as companhias de petróleo, que se beneficiaram com a crise do Canal de Suez. Os fabricantes de equipamentos para escritório têm, em conjunto, vendido bem, em conseqüência da "automatização" das operações dos escritórios, que é uma das facetas em maior desenvolvimento agora, nos campos da indústria e do comércio dos Estados Unidos.

O volume das transações, no Mercado de Valores de Nova York, aumentou ligeiramente na semana passada. Em média, os preços das ações se mantiveram firmes e o índice dos preços registrou uma pequena alta, sendo esta a quarta semana em que o índice registra altas. O mercado parece estar agora num período de consolidação dos preços das ações nos seus repectivos níveis

MERCADO DO CAFÉ

Os mercados de café de Nova York não tiveram grande movimento no transcurso desta semana, com uma tendência de menos firmeza nos preços. No mercado de físicos, isso foi devido ao fato de que os importadores e os torradores estão mantendo grandes estoques de café verde, e o mercado a têrmo continua a refletir a baixa dos preços das posições mais distantes em ambos Contratos. Considerando-se os preços em conjunto, entretanto, não se registraram grandes diferenças, em comparação com os níveis da semana passada.

Hoje, 26 de Abril, é o primeiro dia de aviso para a terminação da posição de Maio. Nota-se um certa apreensão a respeito de uma aparente escassez de cafés brasileiros de qualidade, uma vez que os estoques de cafés certificados ou classificados que se acham nas docas são em menor quantidade do que os cafés da posição de Maio dependendo de entrega, no Contrato B. Parece haver, entretanto, estoque suficiente de cafés mexicanos e colombianos para safisfazer a procura que decorrer da liquidação da posição de Maio no Contrato M.

Mercado a têrmo: Sexta-feira da Paixão, na semana passado, o Mercado esteve fechado. Segunda-feira, o movimento foi pequeno, registrando-se perdas em tôdas as posições, exceto a de Maio do Contrato B, cujos preços foram inalterados. Nas demais posições do Contrato B, houve perdas de 25 a 45 pontos. O Contrato M fechou com baixas de 15 a 38 pontos, em 33 lotes vendidos.

Terça-feira, aumentaram as atividades mas os preços baixaram. O Contrato B fechou com baixas de 30 a 130 pontos, observando-se as maiores perdas nas posições mais avançadas, em 97 lotes vendidos. O Contrato M fechou com perdas de 55 a 75 pontos, em 73 lotes vendidos.

Quarta-feira, a tendência da baixa não se manifestou tendo os preços permanecido perto dos níveis registrados no fechamento do dia anterior. O Contrato B fechou com altas de 25 pontos e baixas de 20, em 110 lotes vendidos, o Contrato M fechou com altas de 10 pontos e baixas de 20 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 30 pontos a 99 contos, em 124 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com altas de 17 pontos a 40 pontos, em 83 lotes vendidos.

Na semana que estamos passando em revista, o Contrato B registrou baixas de 1 a 20 pontos, num total de 410 lotes vendidos, e o Contrato M registrou baixas de 20 pontos, num total de 300 lotes vendidos.

Outras notícias: O Govêrno de Pôrto Rico anunciou um aumento nas taxas de importação do café — sendo de 15 a 30 cents a libra para os cafés verdes, e de 18 a 36 cents para os cafés torrados. As autoridades declararam que essa medida foi tomada com o fim de proteger os produtores nacionais e que, embora a safra dêste ano tenha ficado muito aquém das expectativas, a safra seguinte (1957/58) será bastante, segundo se espera, para satisfazer ao consumo do país.

Em artigo publicado no "O Jornal", o Dr. Theophilo de Andrade, conhecido comentarista de assuntos econômicos relacionados com o café, apresenta estimativas da produção mundial exportável do produto, calculando em .... 38.100.000 sacas a cifra para a safra de 1957/58, em 44.900.000 de sacas a cifra para a safra de 1958/59, e em 49.900.000 sacas a cifra para a safra de 1959/60. O Dr. Theophilo de Andrade estima que o consumo do café deverá também aumentar de 36.500.000 sacas em 1957/58 para 38.100.000 sacas em 1959/60.

Mercado de físicos: Os torradores não compraram muito, esta semana, mas os preços se mantiveram bastante firmes. Ontem, quinta-feira, os Santos 4 estavam cotados a 59 cents e os colombianos a 63,75 cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado a têrmo abriu com baixas de 4 a 15 pontos no Contrato B, e com altas de 2 a 10 pontos no Contrato M. A posição aberta era de 1.270 lotes no Contrato B, e de 836 lotes no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos Principais U. S. A.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	20-4-57	76,000	53,000	23,000	152,000
	13-4-57	152,000	74,000	24,000	250,000
	21-4-56	169,000	112,000	18,000	299,000
COLÔMBIA (")	20-4-57	77,406	8,785	1,342	87,533
	13-4-57	67,214	6,639	1,167	75,020
	21-4-56	58,642	4,692	1,459	64,793

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de Origem BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
20-4-57				
13-4-57	240,220	322,194	196,413	758,827
21-4-56	60,351	238,546	180,023	478,920

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminada sem: 20-4-57	13-4-57	21-4-56
BRASIL (*)	Santos	2,965,000	2,960,000	2,777,000
	Rio	587,000	597,000	483,000
	Vitória	205,000	217,000	186,000
	Paranaguá	442,000 (°)	471,000 (%)	2,157,000 (+)
	Pernambuco	8,000	2,000	13,000
	Bahia	30,000	30,000	16,000
	Angra dos Reis	39,000	39,000	42,000
	TOTAL	4,276,0000	4,316,000	5,674,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	32,309	61,477	20,207
	Cartagena	17,114	13,664	48,922
	Buenaventura	71,602	104,147	104,138
	Cúcuta	13,231	12,459	38,289
	TOTAL	134,256	191,747	211,556

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 437,000 livre e 5,000 retidos.
(%) 464,000 livre e 7,000 retidos.
(+) 769,000 livre e 1,388,000 retidos.

Estoques nos Armazéns do interior de S. Paulo:

Safra	*Fev.* 1957	*Jan.* 1957	*Fev.* 1956
1955-56	—	—	4,669,000
1956-57	2,190,000	2,782,000	—
	2,190,000	2,782,000	4,669,000

Despachos de café ferroviários:

Julho 1 — 1956 — Fevereiro 28, 1957 destinado a:

Santos	5,608,000
Rio	225,000
Angra dos Reis	29,000
Outros (")	931,000
	6,793,000

(") Inclue Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Propaganda do Café: O Bureau Pan-Americano do Café foi informado pelas autoridades governamentais de vinte seis Estados da União de que tomarão parte na campanha de segurança nas estradas que o Bureau levará a efeito no verão, a começar no dia 30 de Maio próximo. Essas autoridades farão distribuir cêrca de um milhão de tiras de papel com goma, para se colocarem nos para-choques dos automóveis, com a legenda seguinte:

"For Safetys Sake, (Para bem da segurança,
Stop for a Coffee-break. Faça uma "Pausa para o Café").

Êsse material de publicidade foi oferecido pelo Bureau às autoridades dos Estados como parte de um serviço publico destinado à eliminação dos acidentes nas estradas. O moto do Bureau será também distribuido entre inúmeras organizações, tanto nos Estados Unidos como no Canadá, e redistribuido por elas tanto entre os motoristas como entre os restaurantes localizados à margem das rodovias, para que usem êsse material tanto nos automóveis como nas vitrines dos estabelecimentos, onde o café é servido. A "Fraternal Order of Police", que conta com mais de 400 grupos locais nos Estados Unidos, fornecerá essas tiras com legenda de segurança aos motoristas e aos donos de restaurante. No Canadá, três organizações se incumbirão de fazer uma tarefa semelhante — a "Highway Safety Conference", a "Ontario Safety League" e a Quebec Safety League" — entre os motoristas, e a Canadian Restaurant Association" fará o mesmo entre os restaurantes.

As companhias de café dos Estados Unidos e do Canadá estão também solicitando grandes quantidades dêsse material, para distribui-lo entre os seus freguêses.

Por meio dêsses vários canais de difusão da sua campanha contra os acidentes nas estradas, o Bureau fornecerá cêrca de um milhão dessas tiras que aparecerão nos autos e nos caminhões dos Estados Unidos e do Canadá, bem como nos restaurantes em ambos países.

O Bureau levará adiante uma intensa campanha de publicidade nas publicações populares e nas revistas especializadas dos comerciantes de café, dos restaurantes e dos produtos alimentícios, como apôio do seu programa de segurança nas estradas.

Espera-se que, com a campanha de verão, fique estabelecido firmemente o costume, entre os motoristas, de interromper a viagem de vez em quando para tomar café, assim como hábito da "Pausa para o Café" entre os trabalhadores industriais, como meios de se ampliar o mercado total do café nos Estados Unidos e no Canadá.

O Bureau tem assumido a liderança na campanha de segurança nas estradas, como ficou comprovado recentemente, pelo fato de ter sido êste ano, como aconteceu no ano passado, o ganhador do Prêmio Anual de Interêsse publico, oferecido pelo "Conselho Nacional de Segurança" dêste país, em reconhecimento pelos esforços feitos pelo Bureau em prol da segurança no tráfego. Assim, o Bureau não só consegue a cooperação das autoridades em seus programas de segurança, como faz, ao mesmo tempo publicidade do café e aumenta a popularidade da bebida entre os consumidores.

Cultivo do Café em Israel: Segundo notícias procedentes de Tel Aviv, a Estação Agrícola Experimental de Israel, localizada em Rehovot, vem desde há algum tempo levando a efeito algumas experiências com o cultivo do café e, de acôrdo com declarações dos dirigentes daquela entidade, parece haver boas possibilidades para que os cafeeiros se aclimatem em Israel. Na Estação Experimental de Rehovot, acrescenta a notícia, serão plantados pés de cafeeiro numa área de 25 dunams (um *dunam* corresponde a 0,2471 de um acre), no transcurso do ano corrente. Os cafeeiros serão de vários tipos e as experiências terão como finalidade determinar as variedades da planta que se adaptarão de melhor maneira no clima de Israel.

Há fatôres naturais que influem na produção dos *cafés de bebida*. Em certas regiões êles são produzidos com maior facilidade: são um produto expontâneo, por assim dizer.

Mas, isso não significa que bons cafés não possam ser produzidos também em zonas menos adequadas. Tudo depende de cuidado e de técnica, principalmente durante a colheita, a secagem e o beneficiamento.

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CAFE' - 1956

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	*AREA CULTIVADA* (*ha*) (1)	*Quantidade Total* (1)	*Por hectare* Kgs.	*VALOR* (Cr$ 1.000) (2)
Acre	496	210	424	6.908
Amazonas	91	19	208	496
Pará	96	31	325	966
Maranhão	49	16	324	488
Ceará	13.338	4.418	331	133.493
Paraíba	454	341	750	8.512
Pernambuco	40.631	22.405	551	470.333
Alagoas	4.200	1.908	454	51.621
Sergipe	429	105	245	2.179
Bahia	75.781	28.322	374	530.020
Minas Gerais	683.557	230.242	337	5.969.490
Espírito Santo	275.068	117.584	427	2.144.854
Rio de Janeiro	55.485	26.440	477	570.315
São Paulo	1.555.388	476.611	306	16.759.082
Paraná	589.936	117.545	199	3.831.152
Santa Catarina	5.025	2.799	557	70.647
Mato Grosso	9.564	4.893	512	132.826
Goiás	46.012	32.666	710	890.176
BRASIL	3.355.600	1.066.555	318	31.573.558

FONTE: Serviço de Estatística da Produção — Ministério da Agricultura.

NOTAS: 1. Dados provisórios, baseados em algumas regiões do país, nas áreas plantadas e, noutras, em colheitas já realizadas, cujo montante, porém, ainda depende de confirmação. 2. Os dados referentes à qualidade e ao valor correspondente ao café beneficiado. 3. Para a cálculo da produção por hectare foi tomada a expressão exata da quantidade em kg.

(1) — Considerada apenas a área ocupada em pé, em produção.

(2) — Na falta de informações sôbre os preços do produto nos municípios onde a colheita só é concluída nos últimos mêses do ano, o valor em algumas Unidades da Federação, foi calculado segundo o preço médio verificado no ano anterior.

São Paulo e Minas Gerais, o que pelo simples fato em si implica num esclarecimento pràticamente desnecessário, continuam a manter nos quadros estatísticos da cafeicultura brasileira, os maiores índices da área cultivada. Em terceiro e quarto lugares, colocam-se Paraná e o Espírito Santo, cujo escoamento da produção para o Exterior se processa, respectivamente, através dos portos de Paranaguá e Vitória. Malgrado a presente estatística não assuma caráter definitivo de análise econômica, sente-se, à sua leitura, o declínio da lavoura cafeeira no Estado do Rio, outrora produtor dos mais importantes do país e cujo café, ao lado do açúcar se escoava em demanda ao Atlântico através do então navegável rio Paraíba. Enquanto isso a Bahia, terra do cacau, beneficiada agora pelo avultar da exploração do petróleo, apresenta uma área, ocupada pela cultura do café superior em 20.296 hectares a do Estado do Rio.

(Do "Diário de Notícias" Rio 28-4-57)

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XXII | SÃO PAULO, 23 DE ABRIL DE 1957 | Número 376

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1956/1957

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	Julho Fevereiro	1.ª dezena Março	2.ª dezena Março	3.ª dezena Março	TOTAL
Santos a Jundiaí	174 409	731	7 137	280	176 557
Sorocabana	671 716	5 264	6 173	4 964	688 117
Paulista	2.097 996	10 730	5 310	6 555	2 120 591
Mogiana	546 447	1 956	1 060	1 860	551 323
Araraquara	971 630	1 806	2 020	1 851	977 307
Noroeste do Brasil	1.039 558	580	1 055	1 346	1 042 539
Central do Brasil	1 273	—	—	—	1 273
Estrada de Rodagem	99 990	2 479	4 180	2 152	108 801
Total	**5 603 019**	**23 546**	**20 935**	**19 008**	**5 666 508**

Nota: Os despachos nas EE.FF. acima mencionadas incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO AO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

DEZENAS	RIO DE JANEIRO		ANGRA DOS REIS	TOTAL
	FERROV.	RODOV.	RODOV.	
	Comum	Comum	Comum	
Julho/Fevereiro	29 258	196 035	29 463	234 756
1.ª dezena Março	110	1 153	—	1 263
2.ª dezena Março	—	2 985	—	2 985
3.ª dezena Março	6	1 609	—	1 615
Total	**29 374**	**201 782**	**29 463**	**260 619**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SÉRIES

DEZENAS	Comum	Preferencial	Despolpado	TOTAL
Julho/Fevereiro	5 157 265	688 840	11 670	5 857 775
1.ª Março	17 052	7 337	420	24 809
2.ª »	13 634	10 286	—	23 920
3.ª »	14 643	5 901	79	20 623
Total.....	5 202 594	712 364	12 169	5 927 127

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

DEZENAS	PARANÁ					MINAS GERAIS						GOIÁS			TOTAL
	Ferroviário			Rodoviário		Ferroviário			Rodoviário			Ferroviário		Rodov.	
	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	Desp.	Comum	Pref.	Pref.	
Julho/Feveveiro.....	426 461	21 590	3 160	210	11 624	67 614	155 994	2 587	440	75 974	556	164 648	2 070	730	933 658
1.ª Março	—	—	—	—	—	634	550	—	—	1 750	—	x —	—	—	2 914
2.ª »	440	—	—	—	100	115	1 127	—	—	3 148	—	x —	—	—	4 930
3.ª »	230	—	—	—	150	x —	100	—	—	3 457	—	x —	—	—	3 937
Total.....	427 131	21 590	3 160	210	11 874	68 363	157 751	2 587	440	84 329	556	164 648	2 070	730	945 439

Nota: Até a presente data, não foram registrados despachos de café procedente do Estado de Mato Grosso.
-x- Incompleto

MOVIMENTO DO CAFÉ PAULISTA DESTINADO A SANTOS
SAFRA 1956|1957

(Até 31 de Janeiro de 1957)

" DESPOLPADO "

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho – 56	—	—	—
2.ª "	303	303	—
3.ª "	228	228	—
1.ª Agôsto	823	823	—
2.ª "	671	671	—
3.ª "	1 194	1 194	—
1.ª Setembro	923	923	—
2.ª "	1 811	1 811	—
3.ª "	605	605	—
1.ª Outubro	887	887	—
2.ª "	835	835	—
3.ª "	1 296	1 296	—
1.ª Novembro	663	663	—
2.ª "	360	360	—
3.ª "	178	178	—
1.ª Dezembro	17	17	—
2.ª "	127	127	—
3.ª "	400	400	—
1.ª Janeiro – 57	172	172	—
2.ª "	—	—	—
3.ª "	—	—	—
1.ª Fevereiro	30	30	—
2.ª "	21	21	—
3.ª "	126	126	—
1.ª Março	420	—	420
2.ª "	—	—	—
3.ª "	79	—	79
Total	**12 169**	**11 670**	**499**

Não obstante algumas estimativas para a presente safra mundial de café sejam algo exageradas, o que se tem em vista, dentro das possibilidades, é uma safra apenas média. Depois de alguns anos, todavia, o panorama pode modificar-se e, apesar da melhoria do consumo, chegar-se a contar com excessos na produção mundial.

Nessa hora, os cafés que irão *sobrar* serão os piores: os de mau aspecto, de mau sabor, os cafés cheios de detritos: paus, pedras, terra, verdes, prêtos, podres.

Produzir bom café é, pois, não apenas de interêsse nacional, como também individual.

" PREFERENCIAL "

DEZENAS	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho – 56	30 724	30 724	—
2.ª "	20 595	20 595	—
3.ª "	25 134	25 134	—
1.ª Agôsto	21 856	21 856	—
2.ª "	22 803	22 803	—
3.ª "	47 449	47 449	—
1.ª Setembro	34 095	34 095	—
2.ª "	56 391	56 391	—
3.ª "	54 775	54 775	—
1.ª Outubro	63 509	63 509	—
2.ª "	43 086	43 086	—
3.ª "	44 449	44 449	—
1.ª Novembro	30 525	30 525	—
2.ª "	25 122	25 122	—
3.ª "	31 466	21 466	—
1.ª Dezembro	20 929	20 929	—
2.ª "	22 895	22 895	—
3.ª "	14 544	14 544	—
1.ª Janeiro – 57	17 487	17 487	—
2.ª "	11 262	11 262	—
3.ª "	21 309	20 049	1 260
1.ª Fevereiro	9 111	8 940	171
2.ª "	11 204	9 439	1 765
3.ª "	8 120	5 031	3 089
1.ª Março	7 337	3 550	3 787
2.ª "	10 286	900	9 386
3.ª "	5 901	—	5 901
Total	**712 364**	**687 005**	**25 359**

★

O plantio do café deve ser racionalizado desde o início: escolha do solo, do clima e da semente. O modo de plantio e o de alinhamento devem ser os mais indicados pela moderna técnica agronômica. Evitar as queimadas. Defender o solo contra a erosão. Adubar racionalmente. Irrigar, se possível. Colhêr e secar cuidadosamente. Com tôdas essas medidas ter-se-á boa média de produção, um café de qualidade, cafeeiros sadios e duráveis, solo sempre fértil, cafeicultura rendosa.

"COMUM"

DEZENAS	Despachado	Liberado	Destino Alterado	A Liberar
1.ª Julho – 56	489 837	489 837	—	—
2.ª »	439 371	439 371	—	—
3.ª »	401 573	401 573	—	—
1.ª Agôsto	247 288	247 288	—	—
2.ª »	309 511	309 331	—	180
3.ª »	741 273	741 188	—	85
1.ª Setembro	408 542	408 042	500	—
2.ª »	488 470	487 905	500	65
3.ª »	347 216	208 950	—	138 266
1.ª Outubro	257 979	—	813	257 166
2.ª »	172 253	—	410	171 845
3.ª »	148 923	—	—	148 923
1.ª Novembro	88 219	—	—	88 219
2.ª »	82 012	—	—	82 012
3.ª »	65 653	—	—	65 653
1.ª Dezembro	34 816	—	—	34 816
2.ª »	43 403	—	—	43 403
3.ª »	25 644	—	—	25 644
1.ª Janeiro – 57	15 354	—	—	15 354
2.ª »	17 461	—	—	17 461
3.ª »	25 380	—	—	25 380
1.ª Fevereiro	15 724	—	—	15 724
2.ª »	21 228	—	—	21 228
3.ª »	15 379	—	—	15 379
1.ª Março	15 789	—	—	15 789
2.ª »	10 649	—	—	10 649
3.ª »	13 028	—	—	13 028
Total	**4 941 975**	**3 733 485**	**2 223**	**1 206 267**

"OUTROS ESTADOS"

PRODUTORES	Despachado	Liberado	A Liberar
Paraná			
Comum	427 341	219 794	207 547
Preferencial	33 464	32 128	1 336
Despolpado	3 160	3 160	—
Minas Gerais			
Comum	68 803	30 137	38 666
Preferencial	242 080	230 815	11 265
Despolpado	3 143	3 143	—
Goiás			
Comum	164 648	131 760	32 888
Preferencial	2 800	2 800	—
Mato Grosso			
Comum	—	—	—
Total	**945 439**	**653 737**	**291 702**

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de abril de 1957

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	4.716	
	Áustria	246	
	Belgo-Luxemb. U.E.	4.558	
	Dinamarca	8.891	
	Espanha	7.517	
	Finlândia	34.182	
	França	13.561	
	Grã-Bretanha	5.975	
	Grécia	6.253	
	Holanda	5.977	
	Hungria	1.666	
	Islândia	1.480	
	Itália	1.125	
	Noruéga	125	
	Tchecoslováquia	14.582	110.854
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	132	
	Estados Unidos	20.001	20.133
AMÉRICA DO SUL	Argentina	32.302	
	Chile	8.254	
	Uruguai	3.950	44.506
AMÉRICA CENTRAL	Curaçáo	55	55
ÁFRICA	U. S. Africana	2.870	2.870
ÁSIA	Jordânia	3.432	
	Líbano	100	3.532
Total para o exterior			181.950
CABOTAGEM	Norte	500	500
Total geral			182.450

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de abril de 1957.

DIAS	Europa	América Norte	América Sul	América Céntral	África	Ásia	Cabotagem	TOTAL
3	4.512	—	—	—	—	—	500	5.012
4	288	—	500	—	—	—	—	788
5	4.179	300	1.150	25	—	—	—	5.654
6	10.433	—	—	—	—	—	—	10.433
8	—	3.000	8.085	—	—	—	—	11.085
9	2.780	—	—	—	—	3.432	—	6.212
10	495	1.132	6.560	—	—	—	—	8.187
11	14.187	—	—	—	—	—	—	14.187
12	—	—	400	—	—	—	—	400
13	—	919	8.254	—	—	—	—	9.173
15	7.782	—	—	—	—	—	—	7.782
16	125	2.492	600	—	—	—	—	3.217
17	—	2.500	6.762	—	—	—	—	9.262
22	11.832	1.000	200	30	—	—	—	13.062
23	730	—	—	—	—	—	—	730
24	9.392	1.500	7.650	—	—	—	—	18.542
26	21.120	—	300	—	—	—	—	21.420
27	3.674	—	1.200	—	2.870	—	—	7.744
29	—	500	2.845	—	—	—	—	7.345
30	19.325	6.790	—	—	—	100	—	26.216
Total	110.854	20.133	44.506	55	2.870	3.532	500	182.450

MOVIMENTO DE CAI

ABR

DIAS	ENTRADA					
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia
1	—	6 237	—	—	—	1 439
2	—	3 500	—	250	—	—
3	—	1 075	—	—	—	—
4	—	3 276	5 938	—	—	—
5	901	—	—	2 617	—	1 083
6	—	—	—	—	—	—
8	—	3 636	2 584	—	—	997
9	—	3 018	—	1 760	—	—
10	—	2 644	—	—	—	—
11	—	672	1 918	426	—	—
12	—	6 276	—	—	—	—
13	—	—	—	—	—	—
15	—	—	—	2 452	—	—
16	—	—	—	—	—	1 548
17	1 252	2 467	—	471	—	—
22	—	8 501	—	—	—	—
23	—	—	—	—	1 471	—
24	—	4 781	—	3 321	—	—
25	—	4 093	—	—	—	—
26	—	832	10	505	—	1 295
27	—	—	—	—	—	—
29	—	7 123	—	—	—	—
30	—	1 727	—	—	—	—
Total	**2 153**	**59 858**	**10 450**	**11 802**	**1 471**	**6 362**

?E' NO RIO DE JANEIRO

:IL DE 1956

S				EMBARQUES			Existência
Pernambuco	Goiás	Mato Grosso	Total	Exterior	Cabotagem	Total	
—	—	—	7 676	—	—	—	622 007
—	—	—	3 750	—	—	—	625 757
—	—	—	1 075	4 512	500	5 012	621 820
—	—	—	9 214	788	—	788	630 246
—	—	—	4 601	5 654	—	5 654	629 193
—	—	—	—	10 433	—	10 433	618 760
—	—	—	7 217	11 085	—	11 085	614 892
—	—	—	4 778	6 212	—	6 212	613 458
—	—	—	2 644	8 187	—	8 187	607 915
—	—	—	3 016	14 187	—	14 187	596 744
—	—	—	6 276	400	—	400	602 620
—	—	—	—	9 173	—	9 173	593 447
—	—	—	2 452	7 782	—	7 782	588 117
—	—	—	1 548	3 217	—	3 217	586 448
—	—	—	4 190	9 262	—	9 262	567 765
—	—	—	8 501	13 062	—	13 062	563 204
1 483	—	—	2 954	730	—	730	565 428
—	—	—	8 102	18 542	—	18 542	554 988
—	—	—	4 093	—	—	—	559 081
—	—	—	2 642	21 420	—	21 420	540 303
—	—	—	—	7 744	—	7 744	532 559
—	150	200	7 473	3 345	—	3 345	536 687
941	—	—	2 668	26 215	—	26 215	513 140
2 424	150	200	94 870	181 950	500	182 450	

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de abril de 1957.

VIAS	PROCEDÊNCIAS									TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia	Pernambuco	Goiás	Mato Grosso	
E. F. C. Brasil	—	4 079	—	—	—	—	—	—	—	4 079
E. F. Leopoldina	—	5 004	283	1 181	—	—	—	—	—	6 468
Regulador	—	—	—	471	—	—	—	—	—	471
Rodoviário	2 153	50 775	10 167	10 150	1 471	4 851	1 460	150	200	81 377
Cabotagem	—	—	—	—	—	1 511	964		—	2 475
Totais	2 153	59 858	10 450	11 802	1 471	6 362	2 424	150	200	94 870

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO DURANTE O MÊS DE ABRIL E SAFRA 1956/57

MESES	Entradas	Embarques
1 956		
julho	181.197	212.775
agôsto	230.615	193.423
setembro	345.646	197.248
1.º trimestre:	757.458	603.446
outubro	453.806	227.081
novembro	321.268	226.692
dezembro	267.053	335.016
2.º trimestre:	1.042.127	788.789
1.º semestre:	1.799.585	1.392.235
1 957		
janeiro	344.975	281.928
fevereiro	225.134	212.837
março	142.030	187.309
3.º Trimestre:	712.139	682.074
abril	94.870	182.450

*

CONFORME O CLIMA

As fritadas e os demais alimentos gordurosos exigem muito tempo para a digestão. O abuso de pratos gordurosos, em climas quentes como o nosso, é mais absurdo do que o de sorvetes e bebidas geladas nos climas frios.

Evite o abuso de alimentos gordurosos e adote alimentação adequada ao clima do país. —

IMPORTARAM OS ESTADOS UNIDOS EM 1956 21 237 816 SACAS DE CAFE'

PAÍSES DE ORIGEM	1955	1956	Mais ou menos
	Sacas	Sacas	Sacas
AMÉRICA			
Brasil	7.701.410	9.899.333	+ 2.197.923
Colômbia	4.934.243	4.557.293	— 376.950
México	1.203.111	1.041.548	— 161.563
El Salvador	854.627	603.969	— 250.663
Guatemala	815.975	814.712	— 1.263
Venezuela	420.772	312.443	— 108.329
Rep. Dominicana	316.279	382.606	+ 66.327
Equador	276.321	219.659	— 56.662
Honduras	161.673	139.727	— 21.946
Costa Rica	144.606	79.884	— 64.722
Cuba	59.794	200.012	+ 140.218
Nicarágua	277.582	208.346	— 69.236
Haiti	93.593	85.218	— 8.375
Peru	548.50	2.840	+ 17.569
Índias Britânicas	16.684	72.419	— 4.786
Panamá	8.014	11.898	— 5.174
Indias Holandesas	2.502	2.049	— 453
Bolívia	739	414	— 1.171
Chile	340	—	— 739
Guiana Francesa	1.585	—	— 340
Canadá	3	9	+ 6
Guiana Holandesa	—	448	+ 448
TOTAL	17.344.763	18.634.822	+ 1.290.119

POSSESSÕES	1955	1956	Mais ou menos
	Sacas	Sacas	Sacas
ÁFRICA			
África Portuguesa	562.963	793.481	+ 230.578
East Afr. Brit.	538.171	460.184	— 77.982
Etíopia	470.879	309.019	— 161.860
Congo Belga	383.303	390.320	+ 7.017
Afr. Franc. Madag.	275.482	521.442	+ 245.960
W. Afr. Brit.	7.868	16.161	+ 8.233
Liberia	384	2.184	+ 1.800
U. Sul-Africana	17	—	— 17
Total	2.239.067	2.492.731	+ 253.664
ÁSIA			
E			
OCEANIA			
Arábia	53.947	54.143	+ 196
Indonésia	9.301	47.693	+ 38.392
Índia	869	—	— 869
Ásia Brit.	571	4.503	+ 3.932
Ásia Port.	495	3.260	+ 2.765
Total	65.183	109.599	+ 44,416
Vários	1.546	664	— 882
Total geral	19.650.499	21.237.816	+ 1.587.317

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

ABRIL DE 1957

(Em cents por libra (peso) 453,60)

	SANTOS				RIO	
DIAS	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 Extra mole	Tipo 4 Extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cotado	N/cotado	62.00	60.00	N/cotado	47.25
2	"	"	62.00	60.00	"	47.25
3	"	"	62.00	60.00	"	47.25
4	"	"	62.00	60.00	"	47.25
5	"	"	62.00	60.00	"	47.25
8	"	"	N/cotado	N/cotado	"	47.25
9	"	"	59.00	58.50	"	47.25
10	"	"	60.25	59.00	"	47.25
11	"	"	60.25	59.00	"	47.25
12	"	"	60.75	59.50	"	47.25
15	"	"	60.75	59.50	"	47.00
16	"	"	61.25	60.00	"	46.75
17	"	"	61.25	60.00	"	46.75
18	"	"	61.25	60.00	"	46.50
22	"	"	61.25	60.00	"	46.50
23	"	"	61.25	60.00	"	46.50
24	"	"	61.25	60.00	"	46.25
25	"	"	61.25	59.00	"	46.25
26	"	"	61.25	59.00	"	46.25
29	"	"	61.25	59.00	"	46.25
30	"	"	61.25	59.00	"	46.25
Mínima	—	—	**59.00**	**58.50**	—	**46.25**
Média	—	—	**61.18**	**59.58**	—	**46.85**
Máxima	—	—	**62.00**	**60.00**	—	**47.25**

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents. por libra (pêso) 453,60 — Contrato "B"

ABRIL DE 1957

DIAS	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO - 1958	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	59.33	59.28	58.50	58.25	55.65	55.27	54.45	53.80	54.75	54.30
2	59.30	59.26	58.15	58.15	55.20	55.25	53.60	53.70	N/cot.	54.30
3	59.20	59.38	58.15	58.25	55.17	55.08	53.69	53.65	54.30	54.39
4	59.35	59.83	58.25	58.25	55.08	55.25	53.56	53.65	54.35	54.32
5	59.69	59.85	58.40	57.95	55.40	54.85	53.60	53.45	54.10	54.00
8	59.30	59.05	57.35	56.60	54.50	53.60	52.85	51.80	53.50	52.15
9	58.70	59.25	56.30	57.05	53.20	54.05	51.40	52.35	51.80	52.50
10	59.00	58.80	57.00	56.30	54.10	53.40	52.70	51.60	52.80	51.85
11	59.00	59.80	56.00	56.90	53.30	53.80	51.40	52.10	51.80	52.35
12	59.90	59.80	57.00	57.20	53.90	54.01	51.95	52.25	52.60	52.50
15	59.95	60.15	57.15	57.45	54.30	54.50	52.50	52.50	N/cot.	52.74
16	60.30	60.70	57.50	57.90	54.40	54.25	52.40	52.55	52.68	52.80
17	60.25	60.00	57.75	57.50	54.50	53.80	52.20	51.85	N/cot.	52.10
18	59.90	60.00	57.75	57.90	53.70	53.99	51.85	52.05	"	52.30
22	60.10	60.00	58.00	57.45	54.10	53.55	52.00	51.60	52.11	52.05
23	59.97	59.70	57.40	56.75	53.50	52.96	51.60	50.80	52.00	50.75
24	59.50	59.50	56.65	56.80	52.60	52.80	50.70	50.94	50.79	51.00
25	59.91	59.80	56.80	57.40	52.95	53.79	50.95	51.80	51.00	51.99
26	59.70	59.45	57.40	57.15	53.75	53.60	51.80	51.80	52.00	52.00
29	59.55	59.65	57.45	57.42	53.90	54.25	52.25	52.35	52.30	52.45
30	59.70	59.95	57.50	57.61	54.30	54.75	N/cot.	52.65	52.40	52.75
Mínima	**58.70**	**58.80**	**56.00**	**56.30**	**52.60**	**52.80**	**51.40**	**50.80**	**50.79**	**50.75**
Média	**59.60**	**59.68**	**57.45**	**57.44**	**54.17**	**54.13**	**52.37**	**52.34**	**52.66**	**52.65**
Máxima	**60.30**	**60.70**	**58.50**	**58.25**	**55.65**	**55.27**	**54.45**	**53.80**	**54.75**	**54.39**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

ABRIL DE 1957

Em Cr$ por 10 quilos

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
1	440,00	403,50	370,00	318,00	258,00
2	439,00	402,50	369,00	318,00	258,00
3	437,50	402,50	369,00	318,00	258,00
4	436,50	401,50	368,50	318,00	258,00
5	433,50	401,00	366,50	318,00	258,00
8	438,50	403,50	367,50	318,00	258,00
9	436,50	400,00	363,50	318,00	258,00
10	435,00	400,00	365,00	320,00	258,00
11	431,50	400,00	366,50	321,00	258,00
12	433,50	400,00	366,50	321,00	258,00
15	433,50	400,00	366,50	321,00	258,00
16	433,50	400,00	366,50	321,00	258,00
17	433,50	400,00	366,50	321,00	258,00
22	433,50	400,00	366,50	321,00	258,00
23	430,00	396,50	363,50	323,00	258,00
24	430,00	396,50	363,50	324,00	—
25	431,00	397,50	364,00	324,00	—
26	435,00	398,50	366,50	327,00	—
29	436,50	400,00	366,50	327,00	—
30	434,50	397,50	366,00	328,00	—
Mínima	**430,00**	**396,50**	**363,50**	**318,00**	**258,00**
Média	**434,63**	**400,05**	**366,40**	**321,25**	**258,00**
Máxima	**440,00**	**403,50**	**370,00**	**328,00**	**258,00**

Banho diário

Banhar-se é o principal meio de manter a pele limpa e saudável. Além disso, o banho tem, sôbre a pele e vários órgãos, efeito tônico e estimulante e, sôbre o sistema nervoso, ação calmante.

Inclua entre seus hábitos pessoais o de tomar banho diàriamente. — SNES.

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

MÊS DE ABRIL DE 1957

(Em cents. por libra (peso) 453.60

PROCEDÊNCIA	DIAS				MÉDIA
	3	10	17	24	
COLÔMBIA					
Medelim Excelso	2) 67.50	2) 64.00	2) 66.50	64.00	65.50
Armenia	2) 67.50	2) 64.00	2) 66.50	64.00	65.50
Manizales	2) 67.50	2) 64.00	2) 66.50	64.00	65.50
COSTA RICA					
Hard	2) 68.00	2) 67.00	N/cotado	N/cotado	67.50
Atlantic Fino	2) 67.00	2) 66.00	"	"	66.50
EQUADOR					
Lavado	2) 59.00	2) 58.50	60.00	60.00	59.38
Extra não lavado	2) 50.00	2) 49.50	50.00	49.50	49.75
GUATEMALA					
Antigua	2) 66.75	2) 66.00	2) 69.00	N/cotado	67.25
Bourbon	2) 66.50	2) 66.50	2) 65.00	"	66.00
Extra primeira	2) 65.75	2) 66.50	2) 62.00	"	64.75
Lavado bom	2) 65.00	2) 63.50	2) 60.50	"	63.00
HAITÍ					
Lavado bom móle	2) 64.00	2) 63.50	2) 63.00	62.00	63.13
Catado à mão	2) 57.00	2) 56.00	2) 56.00	57.00	56.50
HONDURAS					
Lavado bom	2) 63.00	2) 61.50	2) 60.00	60.00	61.13
Tipo 5 — Comum duro	2) 50 57	2) 49.50	N/cotado	47.50	49.25
MÉXICO					
Coatepec	2) 64.50	2) 62.50	2) 61.50	60.50	62.25
Tapachula primeira	2) 64.00	2) 62.00	N/cotado	60.75	62.25
NICARÁGUA					
Matagalpa	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	
Lavado bom	"	"	"	"	
EL SALVADOR					
Central Standard	2) 64.50	2) 62.00	2) 61.00	61.50	62.25
S. DOMINGOS					
Lavado bom móle	2) 63.50	2) 62.50	2) 62.13	63.50	62.91
Fino	2) 64.00	2) 63.00	2) 63.00	62.00	63.00
VENEZUELA					
Tachira	2) 63.50	2) 62.00	2) 62.00	61.25	62.19
CONGO BELGA					
Lavado robusta	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	
Natural robusta	2) 38.50	2) 38.50	2) 39.00	38.50	38.63
MÓCA					
Móca Arábia	2) 66.50	2) 65.00	2) 65.00	65.00	65.38
INDONÉSIA					
Genuino lavado	2) 80.00	2) 80.00	2) 79.00	2) 77.00	79.00
UGANDA					
Lavado	2) 34.25	2) 34.25	33.75	34.75	34.25
ETIÓPIA					
Harrar	2) 60.00	2) 60.00	2) 59.00	59.00	59.50
Djima	2) 52.00	2) 50.50	2) 49.50	49.00	50.25
COSTA DO MARFIM					
Courant	2) 35.00	2) 35.00	2) 35.00	35.00	35.00

OBSERVAÇÕES: (2) Desembarcado à vista liquido.

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA — ABRIL DE 1957

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina pêso	Uruguai pêso	Chile pêso	Suécia corôa	Holanda florin
1	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	N/cotado	4.92 67	N/cotado	3.64 02	4.95 20
2	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.92 03	"	3.64 02	4.95 12
3	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.91 70	"	3.64 02	4.94 77
4	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.91 70	"	3.64 02	4.94 65
5	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.92 67	"	3.64 02	4.94 71
6	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.93 32	"	3.64 02	4.94 71
8	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.93 32	"	3.64 02	4.94 74
9	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.91 38	"	3.64 02	4.94 60
10	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.88 83	"	3.64 02	4.94 51
11	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.88 20	"	3.64 02	4.94 48
12	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.88 20	"	3.64 02	4.94 36
13	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.86 93	"	3.64 02	4.94 42
15	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.86 93	"	3.64 02	4.94 39
16	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.86 93	"	3.64 02	4.94 48
17	52.69 60	18.82 00	4.42 50	0.66 07	"	4.86 93	"	3.64 02	4.94 65
22	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 93	"	3.64 02	4.94 51
23	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.85 05	"	3.64 02	4.94 51
24	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.79 49	"	3.64 02	4.94 48
25	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.78 88	"	3.64 02	4.94 42
26	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.71 09	"	3.64 02	4.94 25
27	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.68 74	"	3.64 92	4.94 36
29	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.68 74	"	3.64 02	4.94 28
30	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.72 27	"	3.64 02	4.94 31
Mínima	**52.69 60**	**18.82 00**	**4.42 50**	**0.66 07**	—	**4.68 74**	—	**3.64 02**	**4.94 25**
Média	**52.69 60**	**18.82 00**	**4.42 59**	**0.66 07**	—	**4.85 34**	—	**3.64 02**	**4.94 56**
Máxima	**52.69 60**	**18.82 00**	**4.42 69**	**0.66 07**	—	**4.93 32**	—	**3.64 02**	**4.95 20**

Câmbio em Nova Yorl

Março

(Valor das diversas

DIAS	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	Buenos Aires pêso	Monte-video pêso	Paris franco
1	2,79 3/4	1,04 15/32	0,01 55	0,02 72	0,26 37	00,028 19/32
4	2,79 11/16	1,04 9/16	0,01 55	0,02 72	0,26 37	00,028 19/32
5	2,79 11/16	1,04 9/16	0,01 55	0,02 72	0,26 37	00,028 19/32
6	2,79 13/16	1,04 17/32	0,01 55	0,02 72	0,26 37	00,028 19/32
7	2,79 13/16	1,04 17/32	0,01 56	0,02 69	0,26 25	00,028 19/32
8	2,79 11/16	1,04 21/32	0,01 56	0,02 72	0,26 25	00,028 19/32
11	2,79 3/4	1,04 11/16	0,01 56	0,02 72	0,26 37	00,028 19/32
12	2,79 11/16	1,04 21/32	0,01 56	0,02 63	0,26 37	00,028 19/32
13	2,79 7/16	1,04 15/32	0,01 55	0,02 65	0,26 25	00,028 19/32
14	2,79 9/16	1,04 9/16	0,01 55	0,02 65	0,26 25	00,028 19/32
15	2,79 7/16	1,04 9/16	0,01 55	0,02 65	0,26 00	00,028 19/32
18	2,79 1/16	1,04 19/32	0,01 55	0,02 65	0,26 00	00,028 19/32
19	2,79 1/16	1,04 21/32	0,01 56	0,02 64	0,26 25	00,028 19/32
20	2,79 00	1,04 21/32	0,01 56	0,02 53	0,26 25	00,028 19/32
21	2,79 3/16	1,04 21/32	0,01 56	0,02 53	0,26 12	00,028 19/32
22	2,79 3/16	1,04 11/16	0,01 56	0,02 43	0,26 12	00,028 19/32
25	2,79 5/16	1,04 21/32	0,01 56	0,02 43	0,26 12	00,028 19/32
26	2,79 3/16	1,04 11/16	0,01 57	0,02 46	0,26 12	00,028 19/32
27	2,79 1/8	1,04 23/32	0,01 57	0,02 43	0,26 12	00,028 19/32
28	2,79 00	1,04 11/16	0,01 57	0,02 51	0,26 25	00,028 19/32
29	2,79 7/8	1,04 17/32	0,01 57	0,02 54	0,26 25	00,028 19/32
Mínima	**2,78 7/8**	**1,04 15/32**	**0,01 55**	**0,02 43**	**0,26 00**	**00,028 19/32**
Média	**2,79 13/32**	**1,04 19/32**	**0,01 56**	**0,02 61**	**0,26 23**	**00,028 19/32**
Máxima	**2,79 13/16**	**1,04 23/32**	**0,01 57**	**0,02 72**	**0,26 37**	**00,028 19/32**

ç sôbre diversas praças

de 1957

moedas em dólar)

Berna franco	Stockolmo coroa	Madrid peseta	Lisboa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil Cr$ oficial
0,23.30	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 1/8	0,26 13	0,05 50
0,23 30	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 1/8	0,26 13	0,05 50
0,23 30 3/4	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 1/4	0,26 13	0,05 50
0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 3/8	0,26 13	0,05 50
0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 1/2	0,26 13	0,05 50
0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 1/2	0,26 13	0,05 50
0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 3/8	0,26 13	0,05 50
0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 5/16	0,26 13	0,05 50
0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	00,199 5/16	0,26 13	0,05 50
0,23 32	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,199 1/4	0,26 13	0,05 50
0,23 32	0,19 35	0,02 36	0,03 40	00,199 1/8	0,26 13	0,05 50
0,23 32 1/4	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,199 00	0,26 13	0,05 50
0,23 32 1/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,199 1/16	0,26 13	0,05 50
0,23 33 1/2	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,199 1/16	0,26 14	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 15/16	0,26 14	0,05 50
0,23 33 3/4	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 7/8	0,26 14	0,05 50
0,23 33 3/4	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 7/8	0,26 14	0,05 50
0,23 33 3/4	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 15/16	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 7/8	0,26 14	0,05 50
0,23 33 3/4	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 13/16	0,26 14	0,05 50
0,23 33 3/4	0,19 35	0,02 36	0,03 50	00,198 7/8	0,26 14	0,05 50
0,23 30	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**00,198 13/16**	**0,26 13**	**0,05 50**
0,23 32 3/8	**0,19 35**	**0,02 36**	**0,03 50**	**00,199 1/8**	**0,26 13**	**0,05 50**
0,23 34	**0,19 35**	**0,02 36**	**0,03 50**	**00,199 1/2**	**0,26 14**	**0,05 50**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

ABRIL DE 1957

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florin
1	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	N/cotado	4.75.16	N/cotado	3.55.03	4.83.10
2	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.74.16	"	3.55.42	4.82.03
3	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.74.52	"	3.55.11	4.82.68
4	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.74.16	"	3.55.11	4.82.56
5	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.75.88	"	3.55.03	4.82.62
6	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.75.98	"	3.55.65	4.82.62
8	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.75.37	"	3.55.65	4.82.65
9	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.73.37	"	3.55.81	4.82.51
10	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.71.18	"	3.55.37	4.82.42
11	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.70.18	"	3.55.77	4.82.39
12	51.40.90	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.71.20	"	3.55.37	4.82.28
13	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.69.47	"	3.55.57	4.82.34
15	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.69.77	"	3.55.57	4.82.31
16	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.69.20	"	3.55.57	4.82.39
17	51.40.80	18.36.00	4.28.16	0.63.28	"	4.69.98	"	3.55.57	4.82.56
22	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.69.98	"	3.55.57	4.82.42
23	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.67.20	"	3.55.77	4.82.42
24	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.62.03	"	3.55.47	4.82.39
25	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.61.03	"	3.55.89	4.82.34
26	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.54.98	"	3.55.46	4.82.17
27	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.52.59	"	3.55.22	4.82.28
29	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.52.59	"	3.55.22	4.82.19
30	51.40.80	18.36.00	4.28.34	0.63.28	"	4.55.98	"	3.55.58	4.82.22
Mínima	**51.40.80**	**18.36.00**	**4.28.16**	**0.63.28**	—	**4.52.22**	—	**3.55.13**	**4.82.17**
Média	**51.40.80**	**18.36.00**	**4.28.25**	**0.63.28**	—	**4.68.08**	—	**3.55.13**	**4.82.52**
Máxima	**51.40.80**	**18.36.00**	**4.28.34**	**0.63.28**	—	**4.75.65**	—	**3.55.13**	**4.83.10**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

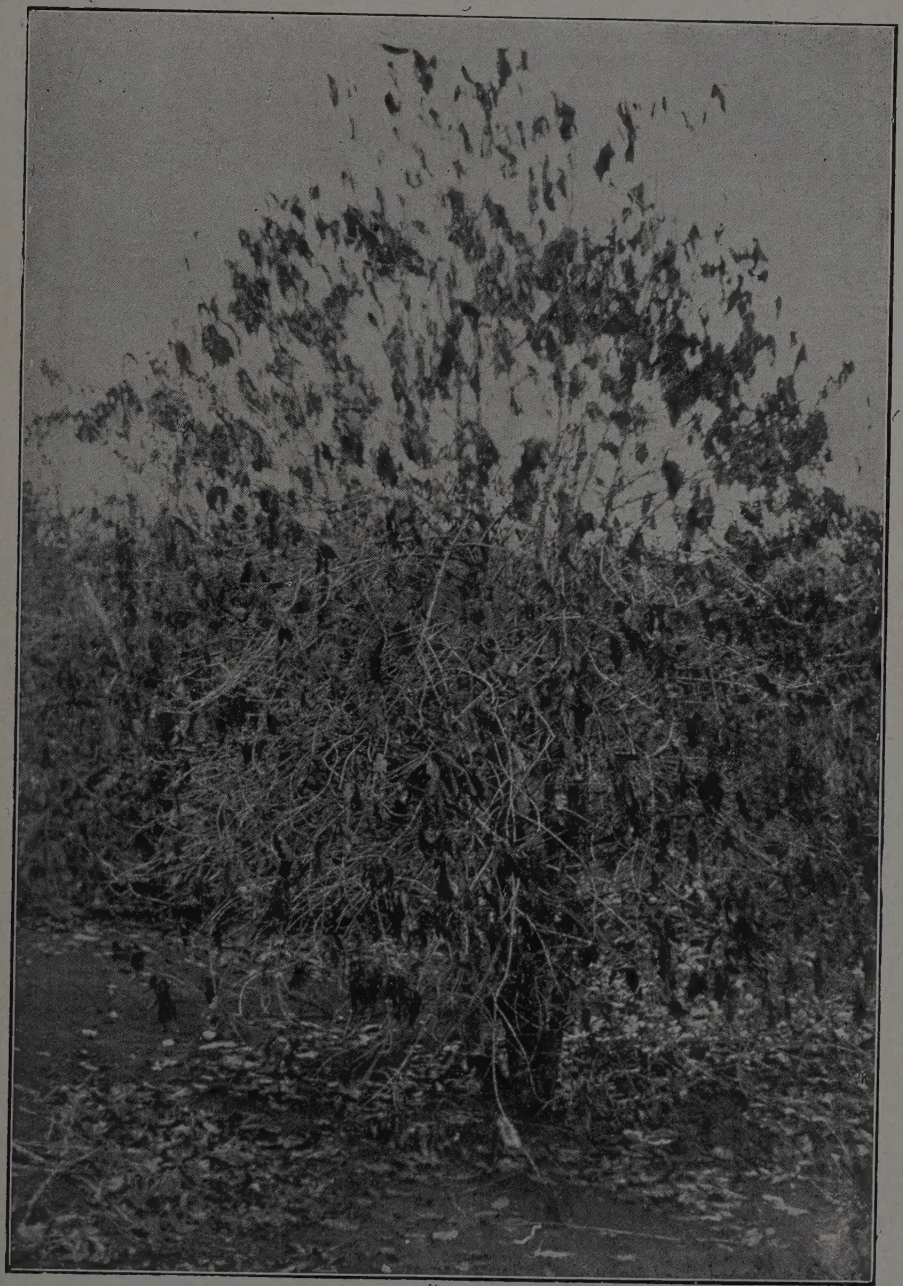
Recorde nas importações européias de café — J. Testa 5
O emprêgo da cobertura morta em cafeeiros — John B. Griffing 8
Os conhecimentos empíricos e a ciência agronômica — Raul Nina G, Soares .. 18

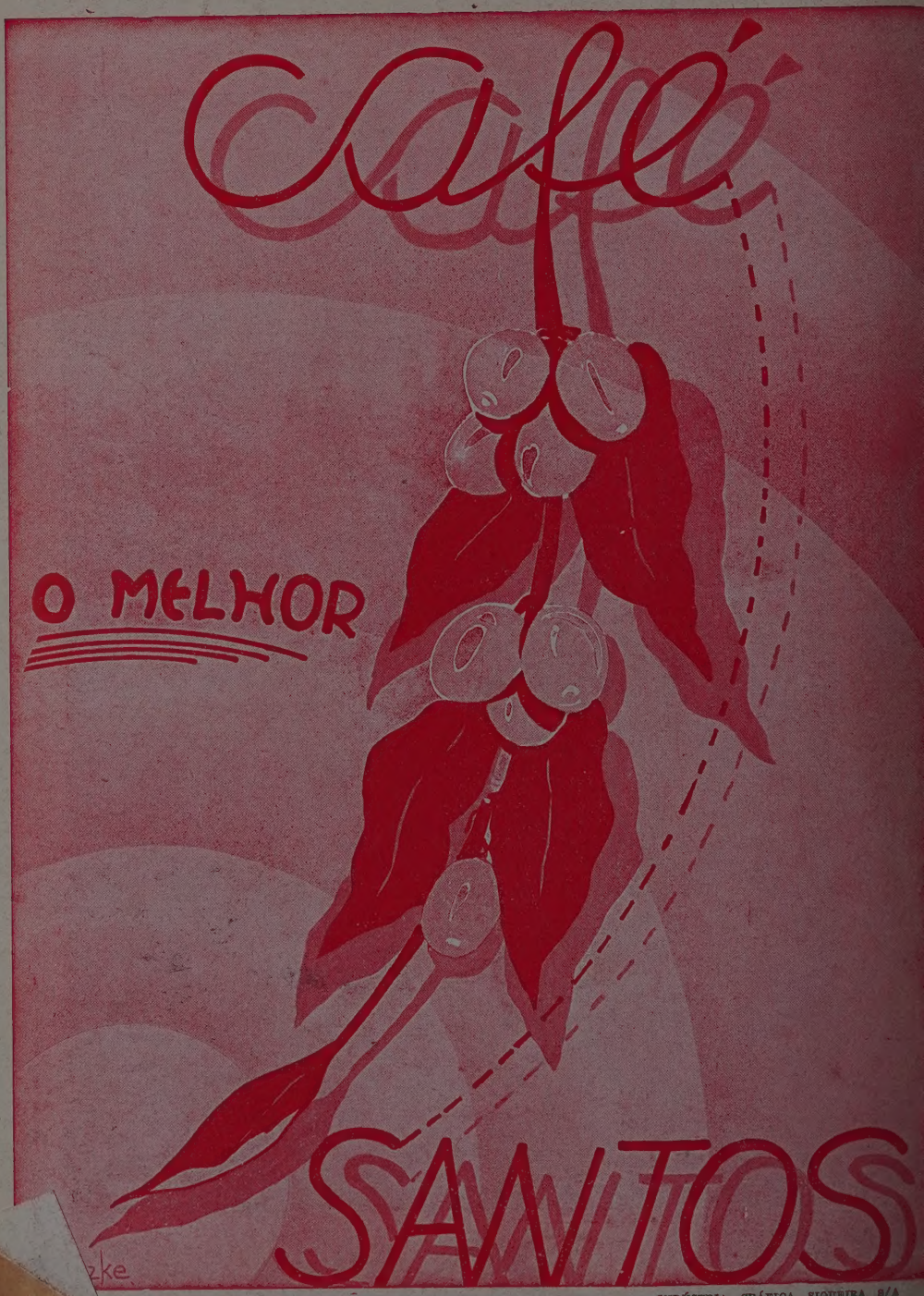
RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Visão panorâmica da agricultura brasileira — Edgard Teixeira Leite 24
A situação do café do Brasil no mercado italiano 29
Exportação Brasileira de café — do IBC 32
Resolução n.º 76, de 9 de abril de 1957 33
Estimativas norte-americanas sôbre a safra 1956/57 33
Instituto Brasileiro do Café — Edital — Registro das torrefações e moagens ou moagens de café no Estado de S. Paulo 34
Redução do impôsto de exportação do café, no México 34
Exportação de café em 1956: um bilhão de dólares 35
Importações norte-americanas de café verde em nível recorde 36
Taxação do café na Alemanha Ocidental 37
Extinto um impôsto sôbre o café no Canadá 38
Regulamento de embarques para a safra de 1957/58 — Res. 78 do IBC 39
Fôlhas e pegamento dos frutos 44
Cafés inferiores 44
Ensaios sôbre germinação 44
Assume aspectos graves o problema da mão de obra na cafeicultura de Angola 45
Proibida a exportação de café abaixo do tipo 8 48
Posição estatística do café, em 31 de março de 1957 48
Preparo de viveiros para mudas de café 49
Em atividade a Junta Administrativa do IBC 51
Ameaças que pesariam sôbre o café Latino-Americano 52
Nomeado o representante da Praça de Santos 52
Decorre das más condições climatéricas a sêca dos ponteiros do cafeeiro 54
Experiências iniciais quanto a novos processos usados na cultura de café 56
A reforma agrária que se impõe 58
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — abril — n.ºs 1 030 a 1 033) 61
Produção brasileira de café — 1956 82

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 376 — 23 de abril de 1957 84
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — abril 89
Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro — abril 90
Movimento de café na praça de Santos — abril ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — abril ..... Apenso
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — abril 91
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro — abril e safra 56/57 92
Importaram os Estados Unidos em 1956 21.816 sacas de café 93
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — abril 94
Cotações de café a têrmo em Nova York — Contrato "B" — abril 95
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — abril 96
Cotações de Café não brasileiros em Nova York — abril 97
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à Vista — abril 98
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — abril ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — março ..... Apenso
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Compras à Vista — abril 99





INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A